

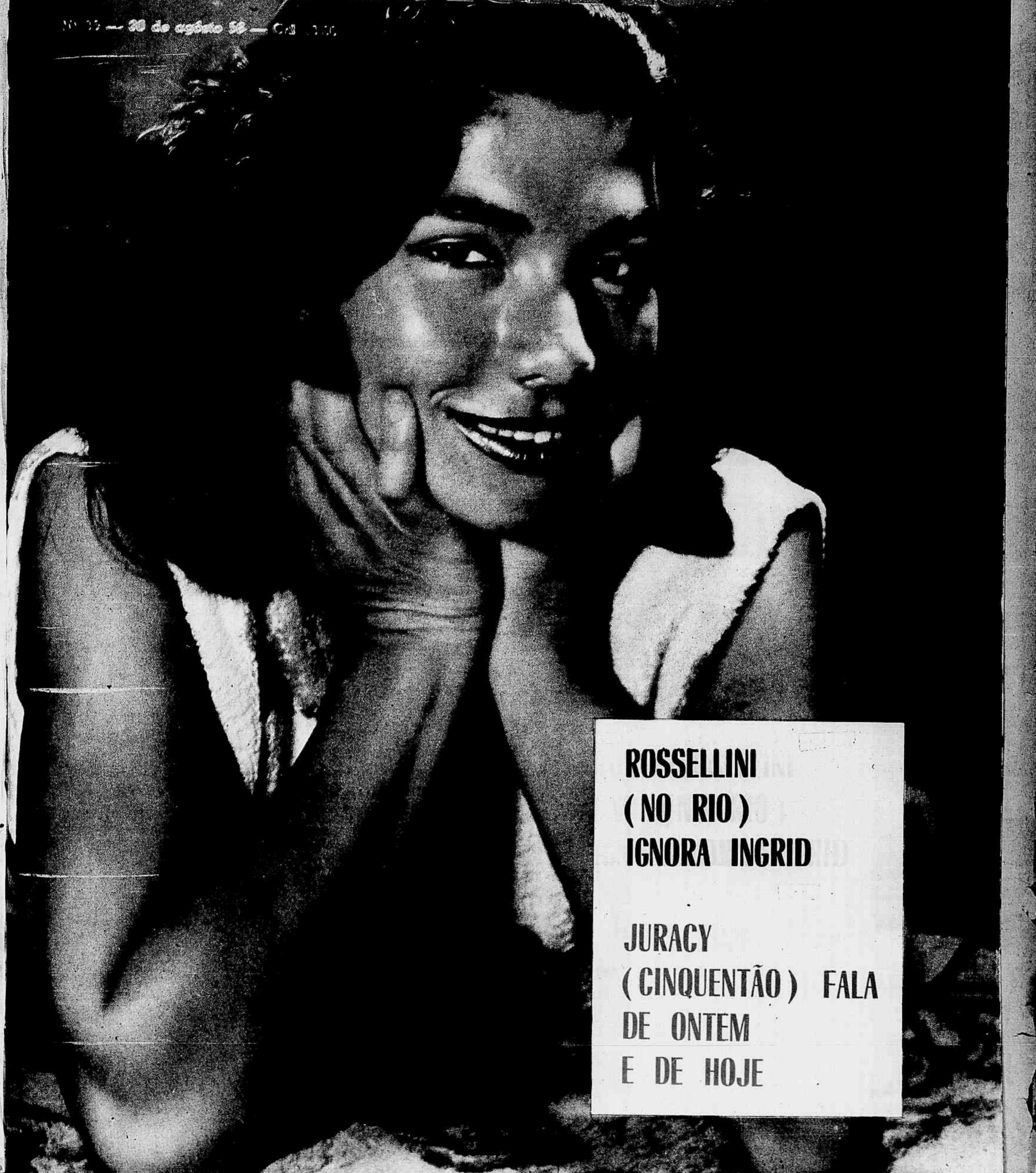
S

REVISTA DA

Semana



Nº 12 — 28 de agosto 58 — Cód. 100



ROSSELLINI
(NO RIO)
IGNORA INGRID

JURACY
(CINQUENTÃO) FALA
DE ONTEM
E DE HOJE



Uma só escala

entre RIO-NOVA YORK

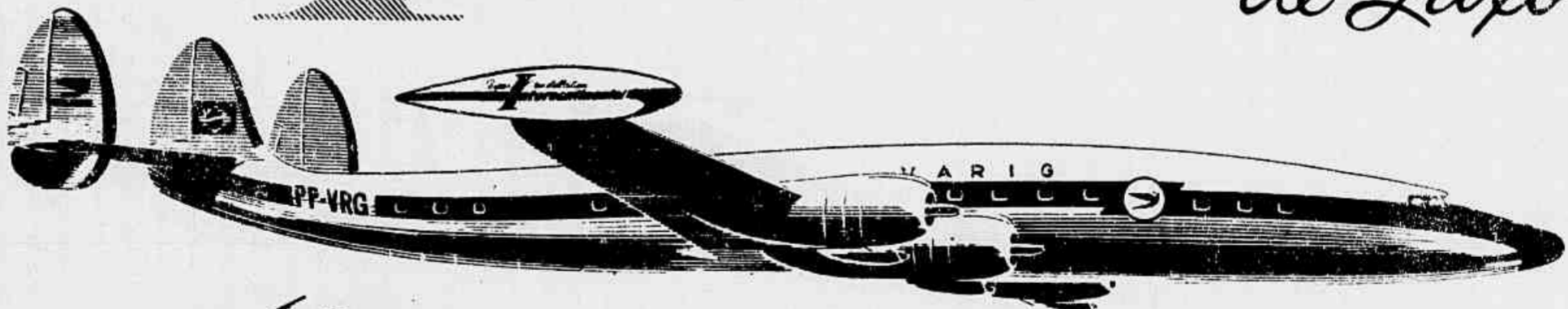
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

REVISTA DA Semana

Ano 58 — N.º 35, Rio, 30-8-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

LEIA:

REPORTAGENS

Rossellini, Josué e Geografia da Fome	4
Juracy (cinquentão) fala do passado e do futuro	11
Operação Cenegista	19
Raiz vira escultura na ponta de canivete	22
Lareira, um exemplo isolado	60

A COMÉDIA HUMANA

A propósito de gafes	15
----------------------------	----

NOVELA

Os galhos do Cedro	28
--------------------------	----

CINEMA

Vanja Orico: agora quero ser gente comum	32
Nove Filmes à procura de um prêmio	43

CONTO

Tia Vicinha	36
-------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	52
----------------	----

SOCIAIS

As verdades de Mariuzinha Maranguape	51
O Colunista, a modêlo e o amor	55

SEÇÕES

Cartas	10
Palavras Cruzadas	18
Letras e Artes	26
A Revista há cinquenta anos	39
Modas	41
Puxe pelo cérebro	57
Humor (Zenon)	59

CRÔNICA

Coquetel ao gênio	66
-------------------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-9647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

CONTATO

O grande acontecimento da semana foi a chegada ao Rio, na segunda-feira, 18, do famoso cineasta italiano Roberto Rossellini. Repórteres acorreram ao aeroporto, e depois ao coquetel oferecido ao criador do neo-realismo pelo escritor Josué de Castro — para entrevistar o homem cuja vida amorosa ombreia (ou ultrapassa) em fama, com suas atividades cinematográficas. Mais do que o motivo de sua viagem ao Brasil — a filmagem de “Geografia da Fome” — as perguntas recaíram sobre o seu romance com Ingrid Bergman. Mas Rossellini deu um “não” definitivo às primeiras indagações sobre a sua vida privada: “não misturo cinema com amor”. Reportagem completa, de Alex Viany, às páginas 4 e seguintes.

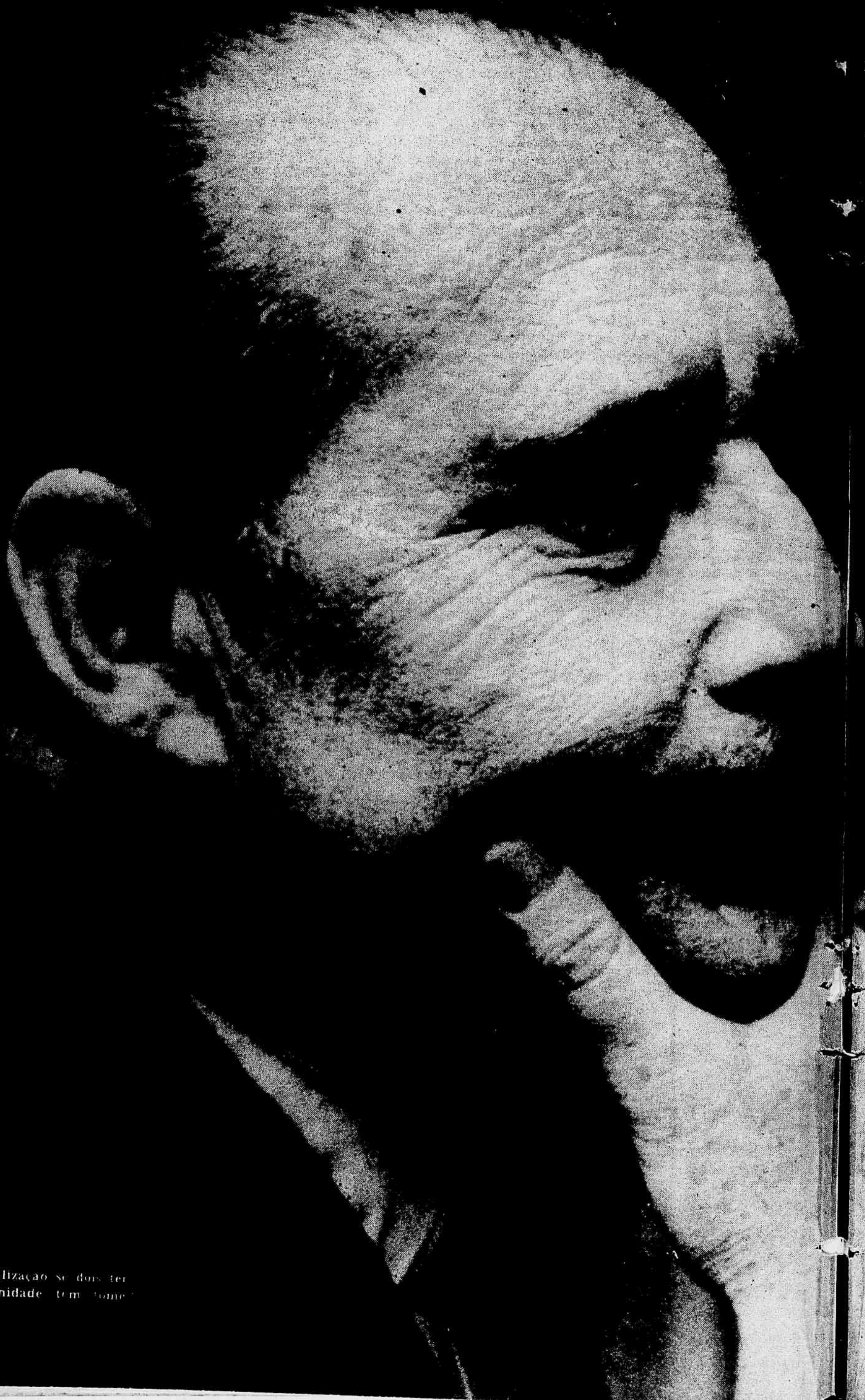
ENQUANTO a polícia organiza, no Rio, uma escandalosa “blitz” contra a juventude transviada, acreditando ingenuamente resolver, assim, o problema da delinquência juvenil, em São Paulo um padre fez, há doze anos, sem alarde, a verdadeira campanha para a educação moral e social da juventude. É o padre Calasans, através de sua instituição “A Lareira”, a respeito da qual o nosso repórter Hélio Polito apresenta, neste número, ampla reportagem.

JURACY Magalhães, cinquentão, fala do passado e do futuro — respondendo a um questionário apresentado pela “Revista da Semana”. E um jovem paraibano lança as bases da “Operação Cenegista” — movimento de extrema importância no nosso setor educacional, e que conta com o apoio da primeira dama do país: dona Sarah Kubitschek.

DEPOIS de um retrospecto do que mais expressivo fez Hollywood em meio século de cinema, chega a sua última fase o Festival Americano — com a apresentação das “avant-premières” nacionais, onde podemos destacar “Assim Caminha a Humanidade” (com James Dean), “Os Irmãos Karamazoff” (Com Yul Brynner) e a “avant-première” mundial de “Home Before Dark”, de Mervyn LeRoy.

DE passagem pelo Rio e com destino a Belém do Pará — onde iniciará a filmagem de “Joana” (inspirado na “Lenda do Bôto”, de Oswaldo Orico e dirigido pelo português Rui Guerra) — Vanja Orico concede uma entrevista à “Revista da Semana”, onde nos fala de sua vida sob os refletores europeus — de seus primeiros passos no cinema, suas atuações na Itália e na França, terminando por desabafar para o repórter: “Estou cansada de ser índia; agora, quero ser gente comum!”

NA mesma semana em que o Rio recebe de volta a sua Miss Brasil, um dos juizes de Long-Beach — Alberto Varga — explica ao responsável pelo nosso D.E. as razões por que Adalgisa perdeu, para a sua concorrente colombiana, o título de Miss Universo: “a personalidade do modêlo absorveu a de Adalgisa” — explica êle, com sua autoridade de juiz. Essa a razão de não termos trazido para o Brasil, ainda êste ano, o cobiçado troféu — mas apenas outro “vice” — o terceiro em oito campeonatos da beleza universal.



— Não ha civilização se dois ter-
ços da humanidade tem fome

ROSSELLINI JOSUÉ E GEOGRAFIA DA FOME

TRÊS ENCONTROS (SEM MENÇÃO
DE INGRID BERGMAN) COM O DIRETOR DE
«ROMA — CIDADE ABERTA» E «PAISÁ»
UM HOMEM QUE SE PROPÕE REGISTRAR EM
FILME TODOS OS MALES QUE AFLIGEM

O HOMEM MODERNO

Reportagem de ALEX VIANY

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Desde que leu o famoso livro de Josué, Rossellini sentiu o assunto



FASE NOVA para a literatura nacional: dois grandes livros brasileiros serão filmados por cineastas italianos: "Mar Morto" (de Jorge Amado) e "Geografia da Fome" (de Josué de Castro).

EM MEUS TRÊS encontros com Roberto Rossellini — primeiro na festa que lhe ofereceu o deputado Josué de Castro, depois em seu apartamento, e por fim no auditório do Ministério da Educação —, não se falou, perdoem-me os leitores (e leitoras) curiosos, em Ingrid Bergman. Aliás, para qualquer jornalista que encare com seriedade a carreira do cineasta italiano, o episódio Bergman — como, anteriormente, o episódio Anna Magnani e, posteriormente, o episódio Ras Gupta — só poderia interessar como uma

confirmação do fato de que o artista não existe independentemente do homem. Sua volubilidade amorosa refletia-se até bem pouco na inconstância das idéias que deixava transparecer em seus filmes: fascista antes da guerra, enamorado do comunismo no imediato após-guerra, Rossellini entrou depois por um estranho caminho norteado pelas escolas filosóficas de Tomás de Aquino e Sören Kierkegaard, indo do lírico misticismo de Francisco, Arauto de Deus ao desespero místico de Europa 51.

unte como seu.



O AUTOR DO livro e o seu diretor concordam num ponto básico: "não há mundo civilizado enquanto dois terços da humanidade permanecem com fome."

Falando fluentemente — além de seu italiano **romagnolo** — francês, inglês e alemão, tendo já trabalhado em países diversos e dirigido atores de várias nacionalidades, Rossellini, entretanto, está longe de ser um cosmopolita. É italiano e romano, antes e acima de tudo, e essa constante de personalidade, de temperamento, parece ter servido sempre como uma espécie de freio, de guinada automática que de quando em vez o recoloca na estrada da esperança nos destinos do homem.

Mas Rossellini está zangado com Roma.

— Antes da guerra, a pior ofensa que se podia fazer a um romano era chamá-lo de fanático. Agora, Roma está cheia de fanáticos. São não tanto fanáticos políticos, mas fanáticos de **blue-jeans** e lambretas, a gente do **rock'n'roll**, a gente que faz barulho e briga pelo que não tem importância.

Por isso mesmo, o **romagnolo** Rossellini sente-se pouco à vontade em sua Roma. É em Paris que atualmente dá os toques fi-

"Recuso-me a desrespeitar o público. Não creio que êste tenha a m



O CINEASTA E A CANTORA. Marlene fêz a Rossellini perguntas sôbre "Europa, 51". Quería, na verdade, informações sôbre Ingrid.

a mentalidade de doze anos. E se o tivesse, seria nosso dever elevá-la”.

nais em Índia 1958, seu esperadíssimo depoimento cinematográfico sobre o grande subcontinente asiático que tanto o fascina.

— O que fiz na Índia não foi um filme, mas sim um empreendimento. Filmei muito, e do que filmei estou tirando não só um filme de longa-metragem, contando nove episódios reais da vida indiana, mas ainda uma série de filmes para a televisão, documentários, etc.

Uma fórmula semelhante será aplicada pelo realizador de Paísá a **Geografia da Fome**: não fará um filme, mas sim um empreendimento.

— Filmarei no Brasil, na Europa (na Itália e na França, pelo menos), na África e na Ásia (certamente, na Índia). Por enquanto, só posso dizer que filmarei o livro de Josué de Castro. Como, onde e quando, não posso ainda precisar. Na África, por exemplo, filmarei onde me deixarem filmar.

A PROPÓSITO DE HOLLYWOOD

E Rossellini fala do medo que a verdade infunde em governos e instituições, no **avestruzismo** que tanto prejudica e atrasa a erradicação dos grandes males sociais do mundo. No Brasil, diz-me, encontrou compreensão e boa-vontade no presidente Juscelino Kubitschek, com quem manteve demorada palestra no Palácio das Laranjeiras. Diz-se também reconfortado pela camaradagem da imprensa brasileira.

— Sômente um jornalista, de um matutino do Rio de Janeiro, quis fazer confusão a meu respeito, dizendo que eu iria produzir um filme antibrasileiro, um filme de comunista.

Crassa ignorância do jornalista não-identificado. O Rossellini surpreendentemente equilibrado de hoje — e, ao que parece, a Índia pode ser responsabilizada por isso — só é mesmo anti-americano.

— Há dezenas de anos, Hollywood faz filmes para um público de mentalidade média de doze anos, e é incrível que nem sequer possamos tentar elevá-la para os treze.

Em suas tentativas — **Roma, Cidade Aberta, Paísá, Alemanha, Ano Zero, Francisco, Arauto de Deus, Romance na Itália, Europa 51, Stromboli** —, Roberto Rossellini tem enfrentado não só a corrupção da mentalidade pública, efetuada através de muitos anos de filmes de fãncaria, mas também inúmeros tabus e censuras, financiadores e exibidores. Lembra-se de que, para terminar **Roma, Cidade Aberta**, teve de vender todos os móveis de sua casa, ficando com apenas um colchão; e, depois, os exibidores italianos, mancomunados, nem sequer queriam programar o filme.

— E eu não tinha então o treino de miséria que hoje tenho — termina êle com um sorriso.

Um dos raríssimos artistas independentes e intransigentes de toda a história do cinema, Rossellini recusa-se terminantemente a servir a Deus e ao diabo. Não compreende, por exemplo, que Vittorio de Sica, a quem muito admira, banque o palhaço em filmes comerciais para arrecadar o dinheiro com que fará sua obra séria.

Não é um teórico, e só a muito custo entra pelo terreno da teoria. Mas, se bem que odeie as pretensões intelectualísticas, é evidentemente um intelectual, um homem de extraordinária inteligência e incomum comunicabilidade. Sabe exatamente o que quer, e, quando se puxa por êle, é capaz de expor com eloquente fluência suas idéias e seus planos.

Depois dos dramas “individuais” que fez com Ingrid Bergman — se bem que, como diz Massimo Mida, “inseridos num quadro mais amplo, coletivo” —, o cineasta voltou, com **Índia 1958**, ao documentário que foi sua primeira paixão, à fixação cinematográfica dos grandes problemas da humanidade.

— É com a maior humildade que eu me proponho de agora em diante pesquisar, através do cinema, todos os males que afligem o homem. E a fome, naturalmente, é um dos maiores desses males.

OS QUE NÃO COMEM — E OS QUE NÃO DORMEM

Rossellini concorda com as palavras de Josué de Castro: “O mundo divide-se em duas partes: os que não comem e os que

não dormem — com medo da revolta dos que não comem”. Desde que leu o famoso livro do sociólogo brasileiro, sentiu o assunto como seu. Quase ao mesmo tempo, o mesmo acontecia com Cesare Zavattini, outro dos fundadores do chamado “neo-realismo italiano”. (Acrescentem-se aí os nomes de Luchino Visconti, Sérgio Amidei e De Sica, para têrmos o quinteto que deu vida e fama ao novo cinema italiano). E Josué de Castro viu-se assediado por dois expoentes de correntes opostas do realismo cinematográfico: o idealista Rossellini e o materialista Zavattini. A questão, ao que se saiba, não está ainda resolvida. Praticamente impossível, na conjuntura atual, é uma colaboração entre Rossellini e Zavattini, mesmo tendo Josué de Castro como mediador. E tudo indica que, com sua viagem ao Brasil, o diretor passou à frente do argumentista e roteirista, garantindo os direitos de filmagem para a companhia franco-italiana que organizou.

Ao contrário de Zavattini, que primeiro observa para depois registrar em papel um minucioso argumento ou roteiro, assim entregue ao realizador, Rossellini quase que observa a realidade diretamente com a câmara. Um dos principais motivos de suas brigas com financiadores tem sido esse: seu desprezo pela preparação, sua convicção de que a verdade — para êle uma coisa objetiva, autônoma, independente — só pode ser colhida de surpresa, de improviso.

— Quero ser sempre absolutamente fiel à verdade, nunca disfarcá-la ou escondê-la, e procurar traduzir nos filmes os anseios dos homens. Se, para expor a verdade, sentir a necessidade de dramatizá-la, de contar uma história, assim o farei, como fiz em **Índia 1958**. Mas nunca farei ficção.

O MAIOR REVOLUCIONÁRIO TÉCNICO DO CINEMA MODERNO

A honestidade de Roberto Rossellini não pode ser posta em dúvida, mesmo por aqueles (como eu) que discordam de sua ideologia, de suas concepções estéticas em geral e cinestéticas em particular. Com toda a certeza, o inglês John Grierson — um dos pais do documentário e um dos cineastas realmente grandes do mundo — tem razão ao ver nêle “o maior revolucionário técnico do cinema nos últimos vinte anos”.

Rossellini sabe que irrita não só os financiadores e os ortodoxos fazedores de cinema, mas também uma boa parte da “grande imprensa” e do público por ela informado. Sem dúvida alguma, é um dos cineastas menos compreendidos, mais atacados, de todos os tempos. Mas tal é a sina dos que nadam contra a correnteza, dos que ousam desrespeitar tabus, axiomas e postulados erigidos em regras infalíveis.

— Recuso-me a desrespeitar o público. Não creio que tenha a mentalidade média de doze anos. E, se o tivesse, o dever dos homens de cinema seria elevá-la. Sendo o cinema a mais influente, a mais penetrante das artes, temos nós, homens de cinema, uma obrigação constante, inalienável, para com a cultura humana, para com a cultura popular.

O cinema está em crise, sim, reconhece êle, e em todo o mundo. E é pueril atribuir a crise aos avanços da televisão.

— Da mesma forma, poderíamos atribuí-la ao automóvel, à lambreta ou ao sorvete.

A crise do cinema é uma decorrência da própria crise em que se encontra a cultura universal.

— Os problemas de cultura são indivisíveis. Não existe a estética em contraposição à sociologia, ou à política. Mas é preciso que todos os homens de cultura do mundo trabalhem em conjunto, cada qual com suas armas, voltados para a solução dos problemas comuns.

O sociólogo brasileiro Josué de Castro e o cineasta italiano Roberto Rossellini têm um bom ponto de partida para o empreendimento **Geografia da Fome**. Em todos os sentidos, em todos os graus, concordam numa coisa básica: Não há países desenvolvidos, não há mundo civilizado enquanto dois terços da humanidade permanecerem na condição de pauperismo e fome em que se encontram ainda nesta segunda metade do Século XX.

BILHETE DE MINAS CARTAS

ANTERO DE ALENCAR

A CORAL DE BELO Horizonte inclui em sua temporada lírica as óperas "Tosca", "Il Tabarro" e "Gianni Schicchi", do famoso e imortal Puccini, cujo centenário de nascimento o mundo comemora.

A CULTURA ARTÍSTICA de Minas Gerais está apresentando magníficas reuniões neste mês de agosto. Já foram realizados dois recitais de piano, com Carmen Vitis Adnet e Jacques Keim, ambos tendo alcançado absoluto êxito. Outros estão em pauta, como: do pianista Heitor Alimonda, Orquestra Sinfônica de Montevideu, Edith Bulhões, em piano com orquestra, Peter Lukas Graf, etc. Um ótimo calendário para o ano em curso.

POR OCASIÃO do aniversário natalício do prof. Pedro Aleixo, os seus alunos prestaram-lhe carinhosa homenagem no Diretório Central dos Estudantes. A noite, houve elegante recepção em sua residência, comparecendo colegas, amigos e admiradores do ilustre aniversariante.

SERÁ, INDUBITAVELMENTE, um acontecimento dos mais elegantes nesta capital, o casamento, marcado para o dia 4 de setembro, na Basílica de N. S. de Lourdes, da srta. Rosamaria Assis das Chagas, filha do banqueiro Tales Assis das Chagas e d. Leonilde Assis das Chagas, com o sr. Jovelino Mineiro Machado Coelho.

A SRA. ROBERTO LOBATO, nascida Jo de Sousa Lima, uma das DEZ MAIS ELEGANTES de Belo Horizonte, esteve em rigoroso regime, impôsto pelo seu médico-assistente. Felizmente já reapareceu na Roda Social, prestigiando com muita categoria o título.

O PROF. WASHINGTON PIRES deixou a Secretaria de Assistência e Saúde, a fim de concorrer às eleições de outubro. Foi homenageado com um jantar na "Príncipe de Gales".

O SR. MOACIR ESTEVES continua em grandes atividades a favor da Caterpillar Brasil S.A.

"PASSARELA", A COLUNA social da "Fôlha de Minas", já está examinando as candidatas ao título de MAIS ELEGANTE, a fim de organizar a lista das DEZ MAIS de 58. Tudo indica que haverá surpresas.

CARANGOLA, UMA das cidades de vida social mais intensa de Minas Gerais, possui um clube, o "Carangola Tênis Clube", que está no mesmo nível dos melhores do Brasil. "Rancho Alegre", um poético complemento, tem recebido visitas de grandes vultos da poesia brasileira, como Olegário Mariano, Alvaro Moreira, e outros. É lindo mesmo.

VINDO DIRETAMENTE da Holanda, chegaram os cangurus, um lindo casal de cor vermelha. Já se acham no Zoo-Botânico, aumentando mais ainda a comunidade zoológica desse Departamento da Prefeitura.

A POÉTICA CIDADE de Pitangui viveu uma semana de intensa vibração festiva, em honra de sua padroeira, Nossa Senhora do Pilar. Seu prefeito, sr. José Morato, muito atento, soube dar ao acontecimento o esplendor de um colorido social, fazendo realizar, ao lado das cerimônias religiosas, uma reunião artística, armando um grande "Rancho", na praça principal, onde se exibiram artistas de renome, em belo "show".



JUDÔ

"A única revista que fez a cobertura completa do Campeonato Pan-Americano de Judô. Tive grande satisfação de ver, assim, o meu esporte, com a divulgação merecida — principalmente na ocasião em que o Brasil atinge mais uma vitória no campo esportivo, sagrando-se Campeão Pan-Americano de Judô.

Aluisio Bretas — Marília

"Do mesmo modo que a reportagem sobre Judô, tão bem ilustrada e tão noticiosa. Gostei do tom, acessível mesmo para aqueles que, como eu, não são especialistas na matéria".

Eduardo Herval — Rio

ÚLTIMA PAGINA

"Tenho gostado da última página da "Revista da Semana", e lamentaria apenas que, por este ou aquele motivo, tal seção — que considero o ponto mais alto da revista — viesse a desaparecer."

Almeida Fischer — D.F.

§ Obrigado pela carta, e nossos agradecimentos pelos elogios. Sua opinião é, para nós, muito valiosa.

O Editor

MARIAZINHA MARANGUAPE

"Dona Mariazinha anda meio irreverente nos seus ataques. Esta senhora ridiculariza tudo! Não é que eu não goste, mas, o sr. sabe, há coisas que a gente pensa, diz aos amigos, mas não tem ânimo de soltar aos quatro ventos. Cá para nós: eu me divirto às pampas! Transmita-lhe os meus cumprimentos."

D. D. Zito — D.F.

§ Foram transmitidos.

O Editor

"Gostaria de saber como é esta senhora. Ou vocês pretendem fazer, sobre ela, o mesmo mistério feito em torno de Lady Maxwell, a saudosa?"

Therezinha Mello — B. Horizonte

"Por que não fazer uma reportagem com a própria Madame (ou Mademoiselle) Maranguape? Seria interessante o conhecimento da vida particular desta senhora (ou senhorita) que conhece a vida particular de todo o mundo..."

L. L. Pinto — Est. do Rio

§ A sugestão vai ser estudada.

O Editor

"REVISTA HÁ CINQUENTA ANOS"

"Li a deliciosa página do pai do acadêmico Magalhães Júnior, na "Revista há cinquenta anos". Com semelhantes transcrições de autores hoje relegados ao esquecimento, vocês prestam um valioso serviço às letras. Espero ansiosamente o que dirá a seção a respeito de Machado de Assis, cuja morte ocorreu, exatamente, em setembro daquele ano, e deve ter sido amplamente notificada pela revista..."

Dr. Manuel Rocha — Teresópolis



JUVENTUDE TRANSVIADA

"... estranhei de ver, nas páginas de minha revista, apenas um tópico sobre o "affaire" Aída Curie, em "A Semana Deixou Também Estas Lembranças". Por que não aborda ela, numa série de reportagens, algo sobre a Juventude Transviada?"

Rita Souza — São Paulo

§ A senhora tem uma resposta neste número.

O Editor



O tenente.



O senador.

JURACY (CINQUENTÃO) FALA DO PASSADO E DO FUTURO

COMO NOS PROMETERA — e pontualmente — Juracy Magalhães chegou às 12.30 na sede do Jôquei, onde almoça de costume. Fomos ao seu encontro. — Revista da Semana? Era um sorriso moço, largo e cordial, que nos recebia — no corpo de um homem de cinquenta anos. Quando encontramos um cidadão que desenvolve carreira política há muitos anos, é, quase sempre, uma fisionomia cansada (não raro sofrida) freqüentemente à beira do exaspêro, sustando a calma com uma máscara longamente forjada, equilibrando as emoções com experimentada dureza no olhar. Mas o homem que temos à frente nos parece diferente. Juracy Magalhães, protagonista nos mais importantes episódios políticos do Brasil nos últimos trinta anos, militar, adido, chefe de empresa, interventor, governador, presidente de partido, conserva uma expressão jovem no rosto. E suas palavras são as de um homem que parece ter descoberto a tão buscada fonte de Ponce de Leon.

— Como recebeu a sua nomeação para interventor federal na Bahia após o movimento de 30? Que idade tinha?

— Com a relutância de quem se sentia capaz de exercer bem as funções de tenente num Corpo de Tropa, mas que de igual maneira se considerava inteiramente despreparado para o exercício do governo de um grande Estado com as tradições, a força e a importância da Bahia. Veio-me o convite por intermédio de Oswaldo Aranha, o Ministro da Justiça da Revolução de 1930 e quem, desde então me tornei amigo e admirador de suas notáveis qualidades de estadista. Mandou-me buscar, em seu carro, na modesta casa de vila, onde eu então morava, próximo à rua Mariz e Barros. Estava jantando comigo o meu cunhado, atual General Antônio Accioly Borges, que pressentiu as razões do chamado, em

virtude dos boatos ouvidos em rodas militares na Avenida Rio Branco, onde se murmurava que eu seria nomeado Interventor na Bahia. De fato, ao chegar à Ladeira do Ascurra, residência do Ministro, tive a notícia de que o Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, lhe determinara lavrar o decreto de minha nomeação, sem consultar-me. Era uma ordem do Chefe do Governo a um militar, para cumprimento de uma missão. Nada obstante, recusei-me formalmente a aceitar a investidura. Meu pai e meu sôgro desaconselharam-me a sair das fileiras do Exército, onde eu surgia, segundo a expressão do meu comandante, um ótimo "troupiér", como "uma radiosa esperança da Infantaria". Queria, de fato, permanecer como simples profissional das armas. O Presidente Getúlio, porém, que sempre me distinguiu com uma grande confiança pessoal, mostrou-me, com empenho e ênfase, a preca-

"Qual dos regimes prefiro? A Democracia! Fora"

riedade das soluções adotadas para provimento do espinhoso cargo. A Revolução, a seu ver, precisava assegurar a estabilidade ao governo baiano e sua escolha recairia em mim, por um ato totalmente espontâneo de seu discernimento. Oswaldo Aranha e Goes Monteiro venceram as minhas últimas resistências. Ouvido afinal o meu chefe direto, Juarez Távora, acedi às determinações revolucionárias e embarquei para a Bahia, num navio do Lóide, em companhia de Roberto Carneiro de Mendonça e Nelson de Melo, "tenentes" como eu, que iam assumir, respectivamente, a Intervenotria do Ceará e a Secretaria da Segurança, em Pernambuco. Tinha eu, então, 26 anos e era 1.º Tenente de Infantaria.

— **Que concepção levava então a respeito da administração pública e quais as reações que sentiu após os primeiros contatos com o exercício do poder executivo?**

— Acreditava, acima de tudo, que a honestidade e a energia haveriam de proporcionar bons resultados na administração da coisa pública. Principalmente, se conseguisse obter a colaboração de auxiliares capazes e idôneos que suprissem as minhas naturais deficiências. Busquei contatos com os políticos baianos e fui, em geral, recebido e atendido com frieza ou desconfiança. Consegui, afinal, organizar um governo constituído por pessoas inteiramente desconhecidas de mim, salvo o Secretário de Segurança, o Capitão João Facó, que fôra meu Instrutor de Tática, no Estado-Maior da 7.ª Região Militar. Serei sempre gratíssimo aos companheiros de trabalho que me ajudaram a vencer os primeiros e mais difíceis anos de minha atividade politico-administrativa.

"Representação e Justiça" eram o binômio com que Assis Brasil acenara como salvação ao povo brasileiro e empolgara os "Tenentes".

A maior e mais crua reação que experimentei com a realidade do poder foi o encontro com um orçamento tremendamente desequilibrado e deficitário; um funcionalismo com os vencimentos exageradamente atrasados; a averiguação de que somente para o provimento de escolas para atender às crianças recenseadas e em idade escolar, o Estado necessitaria dispender quantia superior ao próprio orçamento total do Estado da Bahia! Desde então me convenci cabalmente de que o problema-chave da Bahia e do Brasil era e é o da criação de riqueza. Diante daquelas evidências foi que pela primeira vez manifestei a opinião de que a Revolução dos Tenentes se deveria transformar na Revolução do Enriquecimento Nacional.

Nunca, porém, deixei de advertir que a prosperidade dos povos há que ser obtida tão somente com o trabalho perseverante e planejado.

Foi à custa de muito e constante trabalho, que consegui ajudar a prosperidade dos baianos. Para isto, intensifiquei e racionalizei a elaboração e fomento dos produtos tradicionais da economia baiana e consegui criar novas fontes de riqueza, como a mamona, cuja produção atingiu a um milhão de sacas ao término de meu governo. O cacau subiu de 1 400 000 sacos para 2 200 000 e assim por diante. Ficou comprovado que Deus ajuda somente aos que trabalham...

— **Durante quanto tempo governou a Bahia? Quantos anos com poderes absolutos? Quantos como governador constitucional?**

— Governei a Bahia durante seis anos, dos quais três e meio em regime discricionário e mais dois anos e meio como governador constitucional.

— **Agora, decorrido este período de distanciamento do poder executivo estadual e refletindo sobre o passado, em face às duas experiências (interventor e governador), qual o regime que preferiria?**

— Aprendi muito bem uma dura lição na vida pública. Confesso humildemente e, quantas vezes já o hei declarado, que devo à Bahia a minha formação democrática. Meu período de Inter-

ventor foi pontilhado de incidentes. Minha autoridade era contestada de tôdas as formas. Via-me provocado nas ruas e mesmo nas reuniões sociais. Aos meus olhos de tenente, parecia absurdo e ultrajante sentir-me agredido por exercer um posto que jamais aspirei nem planejei. Como era natural, reagia sempre, pois a tolerância e a compreensão para os pontos de vista alheios são obras exclusivas da maturidade e do tempo. Faltava-me a escola da oposição: é nas cicatrizes do próprio corpo que aprendemos a sentir as dores alheias. Mas, o sentido da autoridade do poder era predominante e intrínseco em minha concepção de jovem oficial do Exército. Desafiado, reagia sempre.

Aprendi com a vida o desacerto desta conduta, tanto que, desde 1937, jamais contribuí, nem sequer com o silêncio para que um concidadão pudesse sofrer restrições de qualquer natureza, pela adoção desta ou outra conduta política.

Eleito Governador, passei a gozar do respeito de meus próprios adversários. Ninguém mais contestava a minha autoridade. Fôra objeto da preferência do povo, cujas decisões todos aceitaram. Passava eu de uma autoridade imposta por um poder discricionário a uma autoridade realmente consentida pela livre vontade do povo.

Qual dos regimes prefiro? A Bahia me ensinou que só compreendo a democracia como instrumento adequado para promover o bem-estar dos povos e a prosperidade das nações. Fora dela não há salvação.

Quando o regime se degrada ("salus populi, suprema lex") pode haver um eclipse na vida democrática, pois é mister ter-se sempre presente que o direito de revolução é a "última ratio" dos povos espoliados. O uso desse direito necessita, porém, ser muito medido e quanto possível evitado, pois a sabedoria política, verdadeira, consiste em promover, dentro da lei, as reformas e aperfeiçoamentos desejados pelo povo e conduzidos pelos estadistas.

— **Durante todo o seu período como chefe do executivo baiano, qual a obra realizada que ainda hoje o empolga?**

— De tôdas as iniciativas de meu governo, que foram muitas, e variaram desde o serviço de abastecimento d'água da Capital, aparelhamento de estâncias hidro-minerais, prolongamento da E. F. Nazaré até um pôrto de acesso fácil a navios de maior calado, organização do plano rodoviário articulado no plano nacional, construção de escolas, especialmente do Instituto de Educação, ainda hoje um dos melhores do Brasil, hospitais e prédios para as repartições públicas, de tôdas as obras de meu governo aquela de que mais me ufano e que mais me empolga foi a organização econômica do Estado, com a criação do Instituto Central de Fomento Econômico da Bahia (Banco do Estado), como alicerce e dinamo dos Institutos do Cacau, da Pecuária e do Fumo.

— **Qual a lei que decretou ou sancionou mais interessante?**

— A lei mais interessante e de minha própria inspiração foi aquela que visou a facilitar o desenvolvimento industrial do Estado, através de um sistema de isenções para as indústrias novas, procurando evitar, ao mesmo tempo, as desigualdades fiscais, pela instituição de verdadeiros monopólios, como acontecia em outras unidades federativas.

— **Agora, se eleito, qual a obra que, de certo, irá ser a maior de seu governo? E a grande lei cuja votação irá pedir ao legislativo?**

— A maior obra será a eletrificação do Estado e o aparelhamento dos transportes. A Bahia é dos Estados federativos pior dotados de estradas de rodagem, com irrisória quilometragem pavimentada! De igual forma, as estradas de ferro e companhias de navegação se encontram desaparelhadas e antiquadas, carecendo de ampla reforma.

— Eleito, cuidarei no tempo que decorra até à posse, do plano quadrienal de meu governo, calcado no Planejamento Econômico

dela não há salvação."

organizado pelo ilustre Dr. Rômulo de Almeida, com as modificações e adendos aconselhados pela minha experiência, pois possui idéias próprias sobre todos e cada um dos problemas baianos. Prepararei logo as mensagens ao Legislativo para transformar o Plano em lei.

— Como vê a posição do chefe do executivo estadual dentro da ordem constitucional em que governou em 1935 e a atual constituição?

— Durante o meu Governo, em 1935, houve perfeita harmonia entre os três poderes do Estado. É claro que, voltando ao Executivo, forcejarei por tornar cada vez mais efetiva a independência e harmonia dos poderes. O Chefe do Executivo, no regime presidencial, tem que ser um dinamizador de vontades, coordenador de ações, impulsionador de serviços. A pulverização das bancadas obrigará um maior esforço, hoje mais que outrora, por parte do Governador, para a realização dos planos governamentais.

A técnica de direção da coisa pública deverá ser melhor apurada, tendo em vista, sobretudo, o espírito de equipe, indispensável ao êxito da ação governamental. Minha maior experiência e melhor conhecimento das funções que irei exercer, hão de permitir um maior rendimento do trabalho.

— Espera ser eleito? Qual a principal razão da convicção de sua vitória?

— Espero. Se alinhasse apenas as siglas partidárias de um lado e outro, haveria de considerar-me derrotado. Mas confio nas "fôrças imanes da história" que confirmam o invencível poder de um povo consciente. A Bahia sabe que sua população vem-se empobrecendo gradativamente, por fôrça de orientação econômica que a dessangra e vê, com tristeza, a ausência total de seus filhos nos altos conselhos da República, ela que já deu ministros no Império e jamais deixou de ter pelo menos um baiano nos ministérios constitucionais republicanos. Está ausente também do Supremo Tribunal Federal, do Tribunal de Recursos, do Tribunal de Contas e de tantos outros órgãos. Há uma batalha reivindicatória a travar e os baianos procurarão escolher um dirigente capaz e conhecido, nacionalmente, para coordenar a vontade coletiva. Não exagero em afirmar que sinto que serei um governante à altura dos desejos do povo. Em minha campanha eleitoral, montarei um sistema de guerrilhas, com comitês populares e ações individuais, para contrabalançar o poder da máquina dos partidos que me são contrários e estão no poder. Conto com a vontade indomável do povo, a qual se irá afirmando, dia a dia, de comício em comício, até o vitorioso pronunciamento nas urnas livres de 3 de outubro.

— Quais as modificações que assinalarão o seu espírito de homem público ao assumir, agora, o poder, em comparação com o jovem de 1930, quando tomou posse do governo baiano? Haverá modificação na concepção de vida e dos homens, ou haverá também modificação no entusiasmo?

— Hoje conheço melhor as minhas possibilidades e limitações. Posso aproveitar aquelas e suprir estas com a ajuda de uma equipe. Assim como, no plano espiritual, só me interessa o aperfeiçoamento interior, sincero e verdadeiro, desdenhando as aparências, o que realmente interessa ao meu espírito de homem público é a utilidade de minha ação pública em proveito do povo que amo. Ouvi do Presidente Getúlio Vargas o conceito de que, em minha vida pública, eu conservara a honestidade do Tenente, enquanto aprimorara as minhas virtudes do cidadão. Não mudei em essência, mas aprendi muito e agora que as voltas da vida me forçaram a ser o centro desta campanha, almejo e quero pôr ao serviço da Bahia o fruto sazoadado dessa experiência, trabalhando de mãos dadas com os demais baianos, para transformar a nossa terra numa imensa oficina em que seja eu o mais modesto operário a trabalhar.



Os arquivos não são implacáveis, o tempo é que é. Os srs. Juracy Magalhães e Eronides Carvalho quando governavam Bahia e Sergipe, em companhia das respectivas senhoras.

— Concebo ainda a vida como veículo para a realização de um ideal. Quanto aos homens, inclusive quanto a mim mesmo, sei que são todos dotados de virtudes e defeitos, consistindo a sabedoria política em aproveitar as virtudes de cada um, neutralizando-lhes os defeitos. O sentimento da realidade não me faz sacrificar o ideal. Habituei-me a integrar-me de tal modo nas missões de que sou investido, que nada faço sem entusiasmo. Se me tocasse ganhar a vida empurrando um carro de mão, creio que o faria cantando. Os anos não me arrefeceram o entusiasmo. O velho general de 1958 lembra o tenente de 1930, no particular.

— A sua volta ao poder corresponde a um desejo, ou é uma contingência?

— Sempre aspirei voltar ao governo da Bahia, como uma maneira de retribuir um pouco do muito que tenho recebido da minha terra do coração. Mas, nesta conjuntura, preferia ajudar a um outro baiano a desempenhar as duras tarefas de governo, numa hora crucial da querida província. Tudo fiz, até o derradeiro instante, para a escolha de um nome como o de Clemente Mariani, ou de Madureira de Pinho, ou algum dos seis indicados na lista séptula do Governador Antônio Balbino. Descambando a escolha para um nome imposto por um capricho pessoal, e sem o indispensável tirocínio político e administrativo para a missão de que deve ser investido o futuro governador da Bahia, não houve como deixar de aceitar o lançamento de minha candidatura que foi a mim imposta pela vontade unânime de meu partido e voto secreto.

— A sua ausência modificará a linha atual do seu partido?

A linha política da U.D.N. não é do Presidente: foi traçada por uma convenção nacional e vem sendo seguida, com rigorosa fidelidade, pela direção nacional. Poderá ser modificada como uma decorrência e por fôrça da conjuntura política. Um plano político é como um plano de operações: evolui com as circunstâncias. Adapta-se para continuar vivo e ter eficiência. Não será modificado por minha vontade ou de outro qualquer companheiro presidente do Partido.

A
PROPÓSITO
DE...
GAFES



O São João Batista: lúgubre cenário de um caso pitoresco.

EXISTE MUITO TIPO DE COLECIONADOR. Há os considerados "bem", e estes têm nomes especiais: bibliófilos, filatelistas; mas os há, também, de categoria mais modesta — que se contentam com lápis, caixas de fósforos, cartões-postais.

O repórter os respeita e os compreende — qualquer que seja a classe a que pertençam — porque também tem a sua mania: coleciona casos pitorescos.

Também os há na República das Letras. O nosso diretor não coleciona documentos literários? Rachel de Queiroz não coleciona óculos? Eneida não anda pelas lojas procurando quinilharias — ferrinhos, utensílios estranhos que não sabe para que servem?

O repórter se sente em ótima companhia. Verdade que sua distração é modesta, mas o diverte, e isso é o mais importante.

Tornou-se mania para ele o registro de episódios pitorescos, das gafes alheias. Quantas não foi ele buscar na observação de reuniões elegantes? Às vezes a coisa dá trabalho: o repórter se chega para um escritor, pede-lhe um caso, e o homem se fecha, indigno: "— Não sou homem de casos". Mais cedo ou mais tarde, porém, se deixa trair: as conversas sempre possibilitam revelações. O homem esquece a pose, e o "flash" é batido. Há também os que

cooperam, que conhecem "um ótimo caso de Fulano". São os que se divertem com a miséria alheia. Os processos de aquisição, às vezes pouco honestos, não importam. O que vale é o enriquecimento do arquivo.

O passatempo é bom — pelo menos distrai o repórter. Que ele divirta também o leitor, é o nosso desejo.

AUGUSTO MEYER E MACHADO DE ASSIS

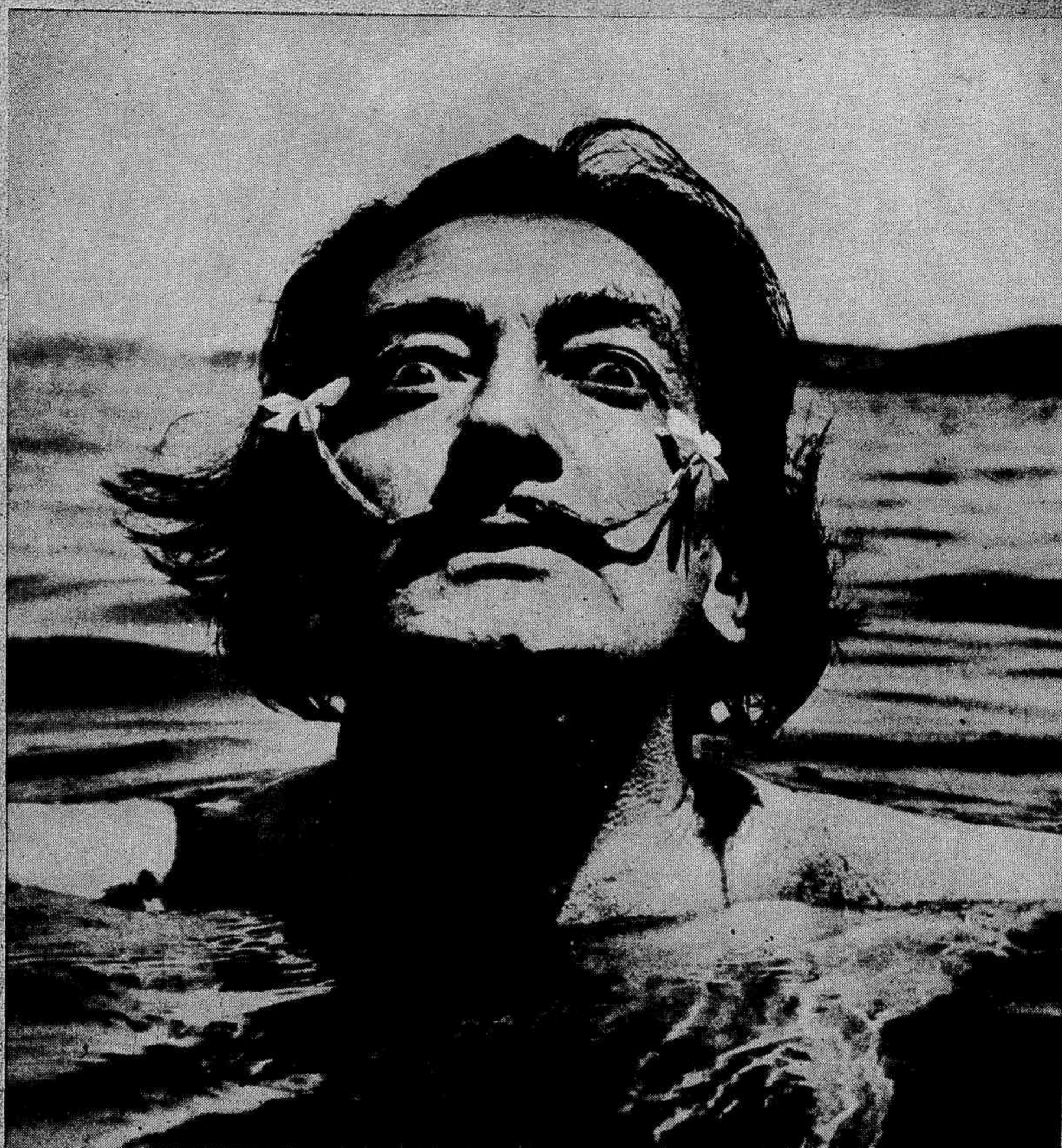
A cena se passou no Cemitério. Até eles chegava o vento que balançava os ciprestes, e a lua aclarava parcamente os túmulos — as cruces, as colunas partidas e os anjos lacrimosos. A um determinado momento, o ensaísta Augusto Meyer falou para o seu amigo Carlos Ribeiro:

— Ó Carlos, você sabe onde está enterrado o Machado?

— Machado de Assis?

O livreiro sabia. E, a pedido, conduziu o especializado na obra machadeana a ver o túmulo do Mestre.

Caminharam em silêncio, até que Carlos Ribeiro apontou o mausoléu onde estavam enterrados os restos mortais do Pai da nossa Literatura.



Com suas atitudes escandalosas, Dalí perturbou a esposa Adalgiza Nery.

Houve uma pausa: Meyer olhou o túmulo, enquanto Ribeiro se mantinha discretamente à distância, para não perturbar o amigo no arroubo emocional. Ouviu-o observar:

— Devíamos ter trazido umas flores...

E olhar em volta, como se procurasse algo. Seus olhos se detiveram diante de um túmulo da vizinhança; junto à cruz que o encimava, havia um buquê. Meyer olhou os lados, deu dois passos, curvou-se, e arrebatou as flores.

— Meyer!

O crítico não deu ouvidos ao amigo. E, imponente, depositou o buquê no túmulo do mestre. E ficou ali, a olhar o túmulo, o seu corpo alto e magro, vestido de negro, contrastando com a palidez do rosto.

Ribeiro estava comovido. Que emoção não sentiria naquele momento Meyer, diante do túmulo daquele cuja obra passara a vida a estudar! Viu-lhe as mãos finas, iluminadas pela lua, alizarem o granito. E ouviu, no silêncio pesado, o murmúrio do amigo:

— Quem diria... Veio do nada... viveu praticamente na miséria. Quando morreu, mal tinha um canto para se encostar... e agora...

Ribeiro engoliu em seco. Estava emocionadíssimo. Esperou o que viria depois e aproximou-se mais: e a voz de Meyer continuou, solene:

— ... e agora... já tem até túmulo! — e olhava para o granito imponente — esta beleza de túmulo... Safadão... Seu grande vigarista!...

ADALGIZA, DALÍ E A CEBOLA

Quando se encontrava nos Estados Unidos, há dois anos atrás, a poetisa Adalgiza Nery foi apresentada, numa festa, ao pintor surrealista Salvador Dalí, famoso não só pelas suas obras como também pelas suas excentricidades.

Conta Adalgiza Nery que se encontrava no salão, ao lado de figuras da mais alta aristocracia internacional, quando Dalí sentou-se a seu lado, e, de súbito, começou a comer uma cebola. Teria ido buscá-la no restaurante ou a trazia no bolso? Adalgiza não o sabe. A verdade é que naquele recinto aristocrático, Dalí assumia aquele gesto acintoso, procurando, talvez, chamar a atenção com mais uma de suas originalidades.



A cozinheira de Cacilda está a par de tudo o que se faz no mundo em matéria de teatro.

Adalgiza já tinha ouvido falar nas excentricidades do pintor e agora tinha oportunidade de vê-las de perto. Ele podia ser um gênio da pintura contemporânea; mas, para Adalgiza, o que êle lhe pareceu, naquele momento, foi um grosseirão.

A poetisa começou a impacientar-se. Vocês já imaginaram o que é estar num lugar com um sujeito ao lado dando dentadas numa cebola? O pintor, naturalmente, compreendia-lhe a irritação, mas continuava a dar enormes dentadas na cebola, que rangia, triturada pelos seus dentes. E aquêle odor, aquêle terrível odor da cebola chegava até a poetisa, cujos olhos se apertavam, umedeciam-se, até que uma pequena lágrima escorregou-lhe pelo rosto.

Finalmente o pintor dignou-se a descer de suas alturas. E olhando para a poetisa brasileira, perguntou:

— Por obséquio... Minha cebola a está incomodando?

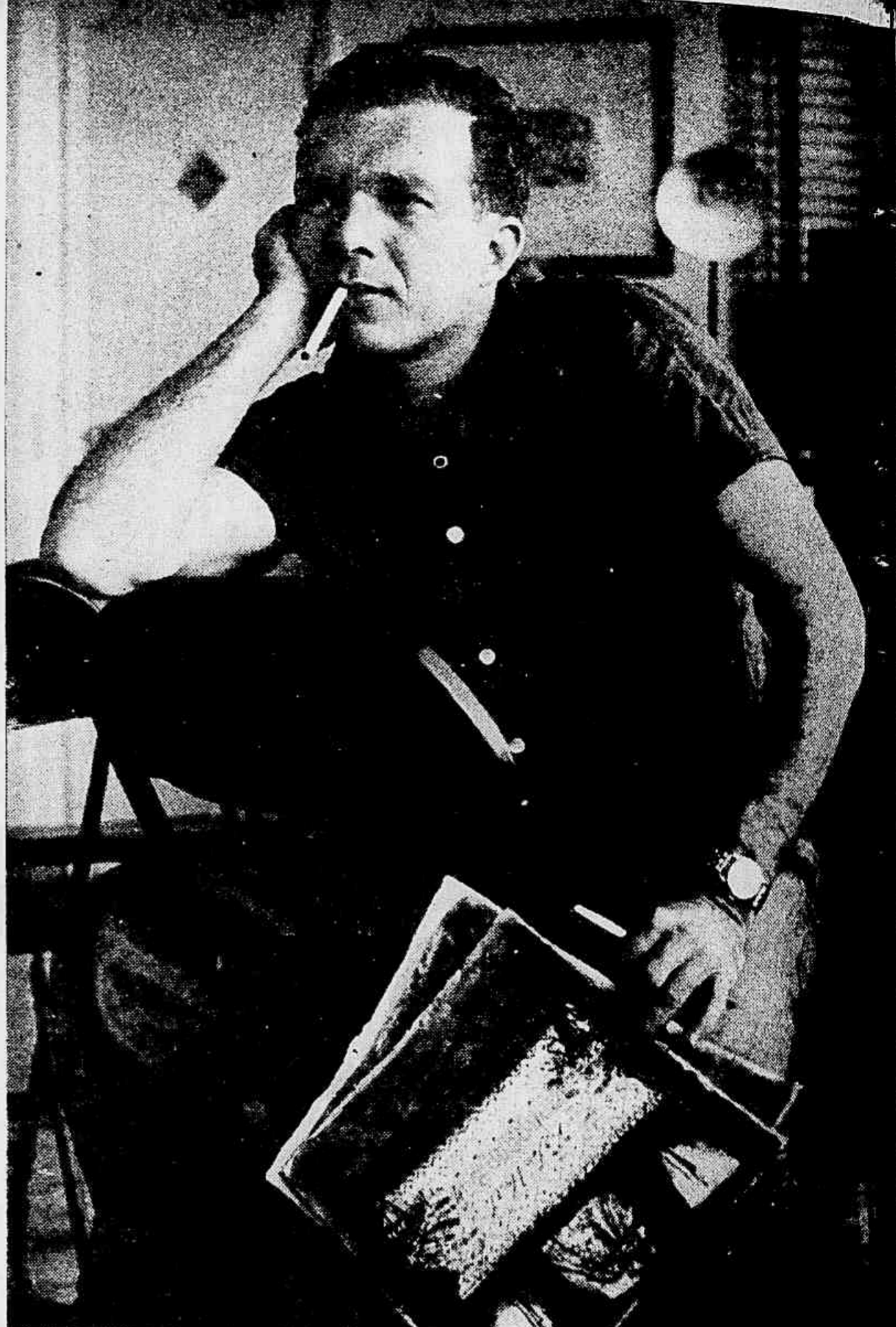
Adalgiza o olhou de alto a baixo. Na verdade — pensou — a cebola não a incomodava. A pobre não tinha culpa de provocar aquêle terrível cheiro que lhe atacava os olhos, como um gás lacrimogênio. O mal da cebola era encontrar-se ali, deslocada, em vez de estar no seu lugar, dentro de um saco no fundo de uma cozinha. A culpa era de quem a trouxera...

E olhando para o grande pintor, declarou Adalgiza:

— Não, a cebola não está me incomodando... Mas o senhor está.

CUMPRIMENTOS DE DAREL

Darel, gravador pernambucano, fôra, aí por volta de 1950, a seu Estado, a fim de expor suas últimas produções. O salão foi muito bem concorrido. À inauguração, estavam presentes escritores, artistas, a alta sociedade, personalidades do Governo. Todos tinham ido admirar a arte de Darel que, depois de longa ausência, voltava à terra, vitorioso.



Em Pernambuco, sua terra natal, Darel cometeu a maior gafe de sua vida.

Como um cavalheiro do último século, Darel ia apertando mãos, entre mesuras, e agradecendo cumprimentos. Para todos tinha uma palavra amável, um sorriso de delicadeza.

Diante dêle se encontrava, agora, um casal. Êle, um usineiro; ela, um magnífico exemplar feminino, que o entonteceu. E ao vê-la ali, naquele riso, o artista curvou-se, esmagado pelo poder de tanta beleza:

— Vossa presença lisonjeou-me!

E, cavalheiro, beijou-lhe a mão branca. Em seguida, apertou a mão do marido. E aconteceu, então, aquilo que até hoje Darel não sabe explicar. Talvez mera distração, talvez o nervosismo de se ver entre tantas personalidades, talvez ainda a fascinação de que se sentia possuído diante daquela exuberância feminina, o certo é que Darel se curvou diante do marido e, aéreo, repetiu o gesto: beijou-lhe também a mão.

— Beijou — e compreendeu que acabara de cometer uma gafe lamentável. Os presentes, que haviam acompanhado a cena, se entreolharam espantados. Darel estava abafadíssimo, esquecendo-se, até, de largar a mão do cavalheiro. O homem, constrangido, também, não sabia o que fazer para amenizar a situação. Mas era preciso fazer qualquer coisa...

E fêz: curvou-se, e, por sua vez, beijou a mão de Darel.

CACILDA E O POETA

Cacilda Becker fôra apresentada ao poeta Vinícius de Moraes:

— Muito prazer, Vinícius. Sou grande admiradora de sua poesia.

O poeta agradeceu, modesto. Daí a um momento, Cacilda perguntou:

— Diga-me uma coisa; você esteve em São Paulo, a semana passada?

— Não, há mais de um mês que não vou a São Paulo...

Viagem pelo mundo da gafe, da mania e do pitoresco.

— Pois é estranho. Uma tarde, quando cheguei em casa, vinha do teatro, a minha empregada deu-me um recado. Uma pessoa telefonara deixando o nome: Vinícius de Moraes. Fiquei intrigada, pois não o conhecia pessoalmente...

— Não, não fui eu. Deve ter havido algum engano. Algum nome parecido... Talvez um outro Vinícius...

— É possível. Com certeza a minha empregada, acostumada a ouvir o seu nome, como o de outros poetas importantes — Carlos Drummond, Manuel Bandeira — fez a confusão. Vinícius, só poderia ser o Vinícius de Moraes.

O poeta sorriu:

— Sentir-me-ia bastante lisonjeado se a sua empregada já tivesse ouvido falar no meu nome... Quem me dera que já fosse conhecido entre as criadas! Mas apenas o Araújo Jorge conseguiu essa glória... Quanto a nós, infelizmente, só nos conhece a roda literária...

Cacilda rebateu, vivamente, aquela declaração:

— Você se equivoca! Está muito enganado a respeito de minhas empregadas! Elas estão acostumadíssimas com os nossos intelectuais. A minha cozinheira, então!

E a atriz passou a contar casos sensacionais de suas empregadas, íntimas de escritores e artistas:

— Habitadas a ver intelectuais lá em casa, elas se familiarizaram com o meio. As vezes, a minha arrumadeira fica folheando algum original, esquecido, por mim, em cima da cama; lê trechos. Quando se interessa, me pede: “— Dona Cacilda, a senhora pode me emprestar aquela peça pra mim lê? Tôdas elas assistem, religiosamente, às minhas atuações na televisão. A babá, que sempre acompanha o meu filhinho, quando vou ensaiar no TBC, está a par de tudo o que se faz em São Paulo em matéria de teatro. O’Neil, Cocteau, Priestley, Sartre, todos lhe são familiares. Tem uma verdadeira veneração por Sartre... Um dia a surpreendi discutindo com a cozinheira, uma preta gorda, quarentona. A preta detesta o teatro moderno francês. E a ouvi exclamar, indignada:

— Não senhora! Você está enganada! Sartre, Salacroux, Anouilh — são todos uns vigaristas! Home é o Priste!

Mas o melhor — continua Cacilda — é quando a cozinheira atende a um telefonema:

— Quem deseja falar com a dona Cacilda? Ah, é o seu Fulano?

Como vai, seu Fulano? Olhe, eu quero lhe dar meus parabéns. Gostei muito de sua peça! Está uma beleza! Continue assim, que o senhor vai muito bem!

PER LA MADONA!

Rachel de Queiroz atendeu ao telefone. Do outro lado do fio, uma voz de homem, arrevezada, falava com entusiasmo de sua peça “Lampião”, que acabara de ler. Como tinha uma grande companhia, gostaria de representá-la. E pedia à escritora que marcasse uma hora em que o pudesse receber, para tratar pessoalmente do caso.

— Pois, não! O senhor apareça amanhã.

No dia seguinte, o homem apareceu na ilha. Era um sujeito agigantado, de cabelos revoltos, e vasta bigodeira. Falou, no português estropiado, entremeado de exclamações:

— Senhora... Eu gostei muito de sua peça. **Per la Madona! É la più bella** que eu conheço! Desejaria que a senhora me desse permissão para representá-la!

A escritora sentiu-se sensibilizada com o interesse. Acontece que já recebera algumas propostas... O sr. Paschoal Carlos Magno queria representá-la no Duse; o Serviço Nacional de Teatro, no Municipal; o Sérgio Cardoso desejava levá-la, em São Paulo... Em todo o caso, ele fizesse a proposta. Se dispusesse de um bom teatro, de bons atores...

— Ah, eu tenho uma bela companhia... aqui no Rio!

— Aqui no Rio? Onde?

— Ali perto, perto, na Via Presidente Vargas!

— Na Presidente Vargas? Mas não conheço nenhum teatro, ali!

— **Non, non, non é teatro!** Eu quero representá-la no meu circo! No Circo Romano!

OS MICRÓBIOS

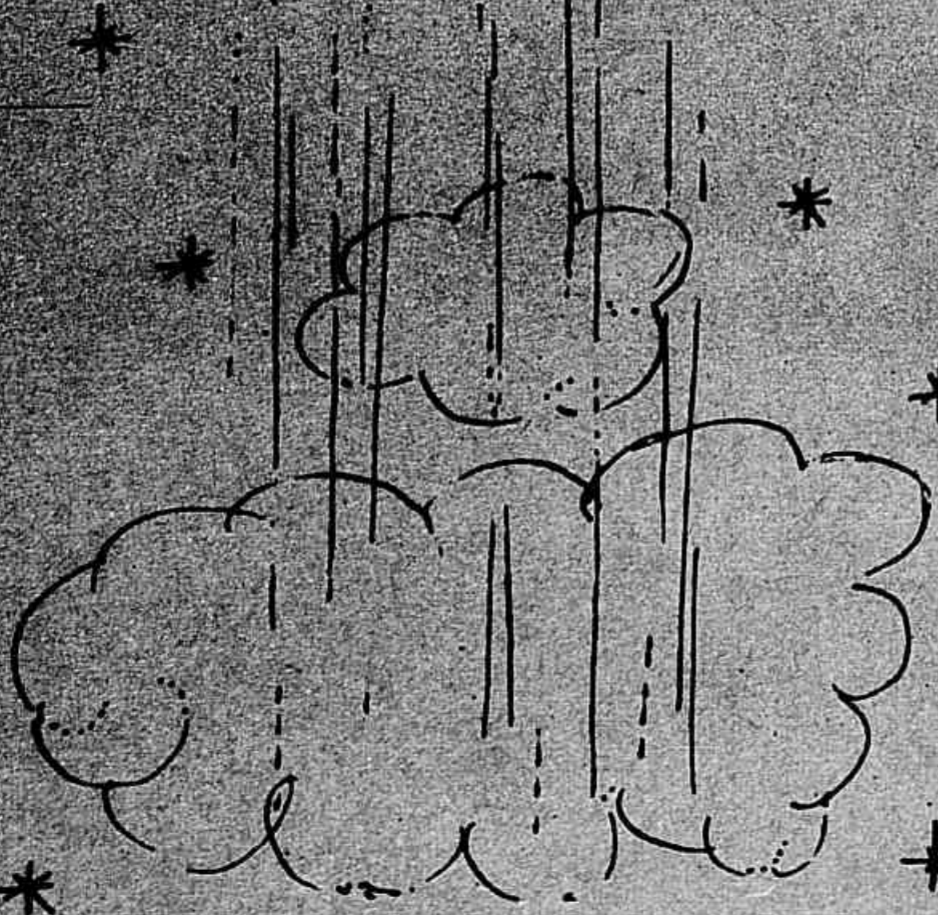
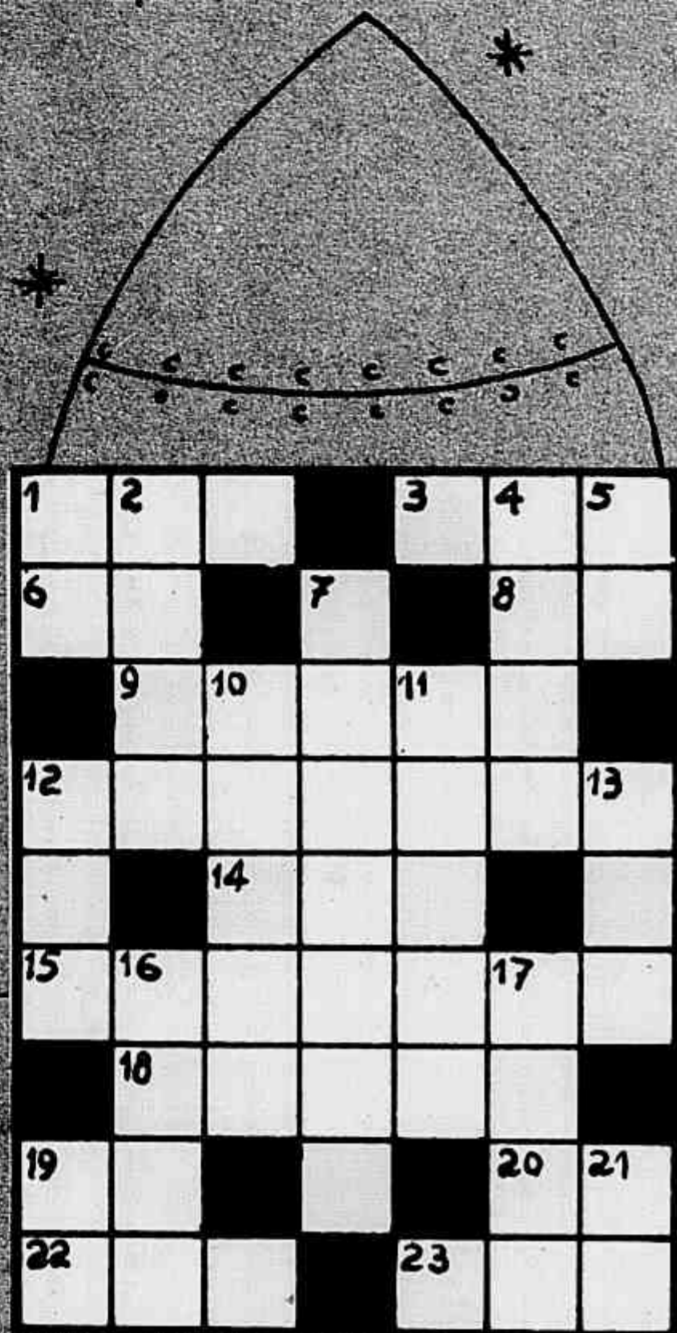
A romancista Lúcia Benedetti lia, na biblioteca, e a filha, Rosinha, sem ter com quem se distrair, agarrava-se a ela, fazendo indagações. A todo o momento, a leitura da mãe era interrompida, a fim de responder à filha. Para ter um pouco de paz, propôs:

(Continua na pág. 57)

Uma proposta que desconcertou Rachel: sua peça no Circo Romano...

Lúcia e sua filha (anos atrás). O espírito da garôta atrapalhou a romancista...





PROBLEMA N.º 48 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Conceder — 3. Parelha — 6. Brisa — 8. Sorri — 9. Amarga — 12. Escondera em lapa — 14. Semelhante — 15. Recebera coisa atirada — 18. Tolo — 19. Pátria de Abraão — 20. Segunda nota musical — 22. Perverso — 23. Cacete.

VERTICAIS: 1. Contração da preposição de com o artigo a — 2. Terra arroteada e própria para cultura — 4. Lavrar — 5. Escarnece — 7. Peixe, também chamado mapurá (pl.) — 10. Assassinar — 11. Amofinar — 12. Fileira — 13. Pedra do altar — 16. Estado do Brasil — 17. Extraordinária, pouco comum — 19. Único — 21. Pronome pessoal.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 47

PARA VETERANOS

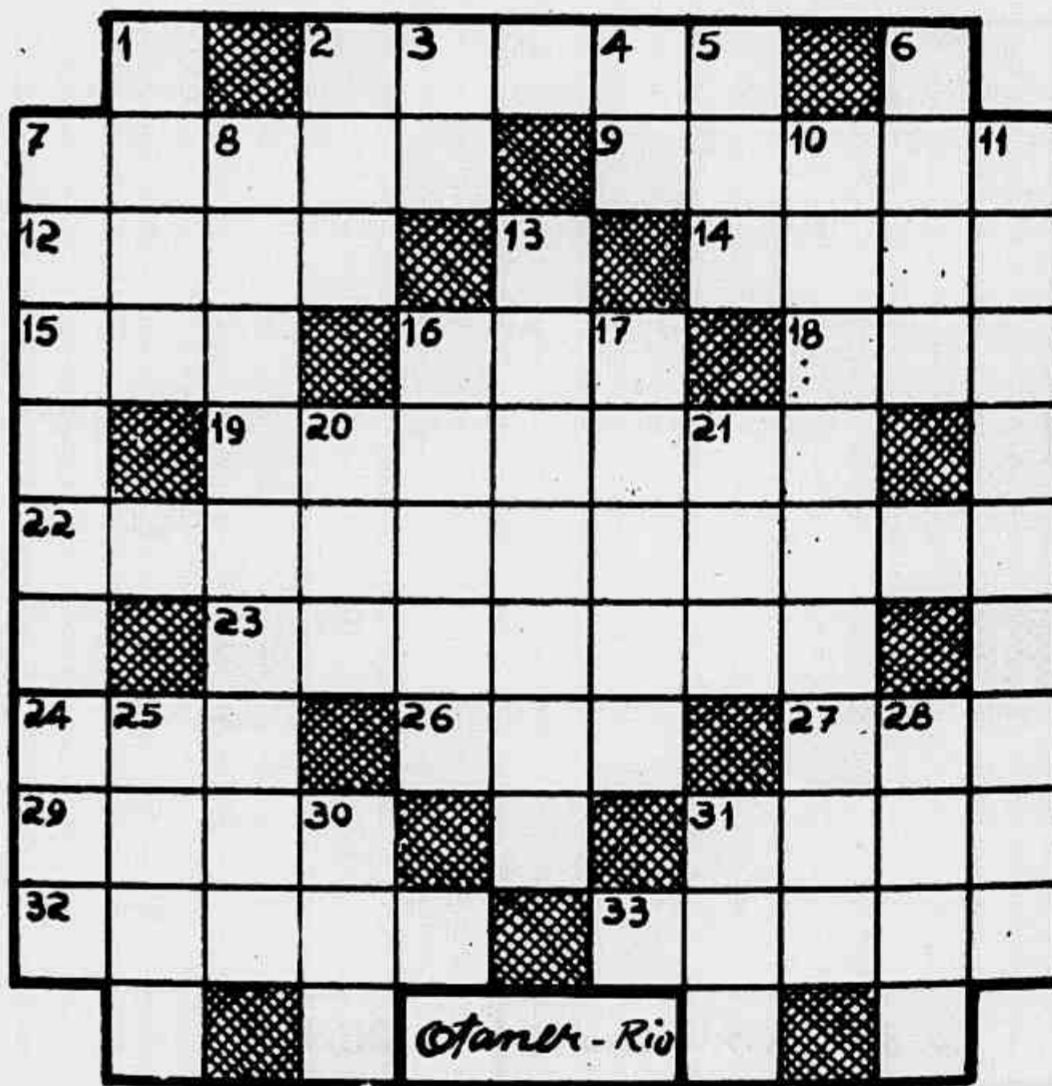
HORIZONTAIS: canal — maula — or — capas — ar — ária — cava — ileso — ami — asa — aná — ressuscitar — ula — dua — aca — sapro — taca — Lais — ar — átrio — ta — Laura — Ariel.

VERTICAIS: coa — arremelgara — aca — la — ma — asco — lavanachite — ará — pressupor — lauda — sacar — aru — Isa — ata — ara — saar — olor — tal — sal — ta — lá.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: casar — adoecer — sia — el — IV — ria — aro — ia — al — sal — adorava — amora.

VERTICAIS: — CD — aos — seio — aca — ré — América — revolta — lia — ira — caro — som — lar — dá — va.



PROBLEMA N.º 48 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 2. Dar de correia em — 7. Adquirir por hereditariedade — 9. Pelejar em batalha — 12. Terra nova e arroteada de fresco — 14. Espécie de filária — 15. Coração — 16. Forma arcaica do artigo feminino plural — 18. Sem auxílio de outrem — 19. Espécie de cochonilha (pl.) — 22. Massame de linhas com anzóis, nas jangadas de pesca — 23. O que tem emprego — 24. Gênero de insetos coleópteros — 26. Nome da 17.ª letra do alfabeto grego — 27. Piolho — 29. Mastro fixo no casco do navio e onde espigam os mastaréis — 31. Fazer sortidas contra o adversário — 32. Ousadia — 33. Grande espaço aberto na mina, de onde se extraiu minério.

VERTICAIS: 1. Que se estima — 2. O notável — 3. Indício — 4. Símbolo do metal de pêso atômico 26,97 — 5. Caçar — 6. Ladrão de alfândega — 7. Muito desenvolvido — 8. Borboletas — 10. Tornar insípido — 11. Rasgão — 13. Gracejo — 16. Mitigar — 17. Semelhante ao macaco — 20. Abrev. comercial que significa custo, seguro e frete — 21. Dependência — 25. Gramínea do Amazonas — 28. Pasta de cêra e pó de seementes com que os Parecis se pintavam para as cerimônias e festas — 30. Mãe — 31. Calor.

OPERAÇÃO CENEGISTA



João Pessoa de Albuquerque: "Rondon morreu educando índios, vamos viver instruindo civilizados".

UM BELO MOVIMENTO, que conta com o apoio de dona Sarah Kubitschek — e deve contar com a colaboração de todos os brasileiros — é a "Operação Cenegista", promovida pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos — instituição que já possui quinze anos de altos serviços prestados à causa educacional.

A Revista da Semana se sente orgulhosa em ser a primeira publicação a dar publicidade a esta "Operação", cuja execução terá início a 10 de setembro, e que trará um novo impulso ao nosso ensino, tão cheio de problemas. Trata-se de um movimento inédito, de grande alcance social e, como disse o seu realizador — João Pessoa de Albuquerque — "o maior trabalho de equipe neste setor, já realizado entre nós".

João Pessoa de Albuquerque, paraibano, advogado, é o presidente da Instituição no Distrito Federal. Embora muito jovem, já apresenta uma admirável fôlha de serviços prestados à classe estudantil, que vem desde os bancos de ginásio, e que lhe dá a necessária competência para o importante passo que agora pre-

tende realizar, e para o qual encontrou o apoio da Primeira Dama do País.

Entre a série de seus empreendimentos, desde a sua época de estudante, está, em 1952, o Primeiro Festival Universitário de Arte, em Minas, que se vem repetindo até hoje e recebendo novas vocações artísticas. Teve magnífica atuação como presidente da União Estadual dos Estudantes em Minas (1952) e, depois, da União Nacional dos Estudantes (UNE) de 1953 a 1954. E foi neste último ano que viajou com Paschoal Carlos Magno por todo o Brasil, lançando as bases do 1.º Festival de Arte da Juventude Brasileira.

Era estudante universitário, em Minas (1952), quando foi convidado para vice-presidir, naquele Estado, a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. E ficou de tal modo empolgado pelo trabalho, que desde então não mais o deixou. Em 1955, era seu presidente na Paraíba e, hoje, finalmente, no Distrito Federal.

Mas demos a palavra ao próprio João Pessoa de Albuquerque:

Um conto a menos para você, vale um ginásiano a mais para o Brasil.

— Movimento dessa natureza já foi tentado no país?

— Nunca! O Rio de Janeiro será a primeira cidade do país a tentar suprir-se integralmente de estabelecimentos de ensino médio. Logrado êxito no Rio, estenderemos a "OPERAÇÃO CENEGISTA" às demais unidades da Federação. Será, no setor educacional, o maior trabalho de equipe realizado em nosso país.

É a convocação de toda uma população para a exaustiva e difícil tarefa de educar. Pelas suas dimensões e finalidades, só obteremos sucesso contando com o apoio, em massa, do povo e da imprensa. É uma campanha popular e revolucionária. É o chamado geral da sociedade para a educação das massas. É um exemplo da capacidade dos particulares às "impossibilidades" governamentais. Trata-se realmente de um formidável "show" de civismo, sem vedetas, sem estrelismo e onde todos serão figurantes. Uma demonstração maravilhosa e comovente de solidariedade e compreensão. Rondon morreu educando índios, vamos viver instruindo civilizados. Vamos todos, a partir de 10 de setembro, nos "rondonizar" educacionalmente. É o apêlo que faço, em nome dos meus 27 anos, aos brasileiros de todas as idades.

— Por que foi batizado o movimento com o nome de "OPERAÇÃO CENEGISTA"?

— A sigla da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos é CNEG. Dela foi criada a expressão CENEGISMO para significar êsse nosso trabalho educacional que fazemos há quinze anos em todo o país. Significa não somente educar, mas educar gratuitamente, com honestidade, com idealismo e com zelo. CENEGISTA é todo aquele ou tudo aquilo que se refere ao CENEGISMO. Acredito que um dia êsse neologismo passe a incorporar-se aos nossos dicionários e, sobretudo, à história da educação no Brasil.

— Quem fundou a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos?

— Felipe Tiago Gomes, lendo Haya de La Torre, no Recife, em 1943. Filho de pobres camponeses paraibanos, ia, descalço, à escola. A princípio, quase que só, ergueu essa obra notável, hoje consolidada no país inteiro. Felipe, hoje, com 36 anos, é o Diretor-Técnico da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Vive para ela e nela morrerá. Solteiro, "casou-se" com ela... Se um dia ela se extinguisse êle se consideraria viúvo.

A Campanha Nacional de Educandários Gratuitos é, realmente, um mundo à parte. Vale a pena conhecê-lo.

— O que vem a ser "OPERAÇÃO CENEGISTA"?

— A "Operação Cenegista" é uma corajosa tentativa que se fará no sentido de dar ao Distrito Federal a quantidade de estabelecimentos de ensino médio (ginásios, escolas de comércio, escolas normais, escolas profissionais, etc.) de que necessita a sua população em idade escolar. É um movimento gigantesco e ousado visando satisfazer, integralmente, a "fome escolar" do Rio de Janeiro, onde 343 000 jovens entre 11 e 18 anos (idades normais para se fazer o curso secundário) estão colocados à margem das escolas de nível médio. Dar-lhes, gratuitamente, os educandários de que precisam, eis a alta finalidade da "OPERAÇÃO CENEGISTA", cujo slogan é: "um conto a menos para você, vale um ginásiano a mais para o Brasil", o que traduz bem o espírito do movimento. Dar, materialmente, a êsses jovens a oportunidade escolar aspirada por muitos, eis o sentido do movimento.

— Quem e como se executará a "OPERAÇÃO CENEGISTA"?

— Executá-la-á a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, instituição educacional que, quase anonimamente, há quinze anos, educa, gratuitamente, mais de 20 000 brasileiros matriculados em seus 206 estabelecimentos espalhados no país e dos quais apenas 8 estão no Distrito Federal. A seção regional do Distrito Federal, que temos a honra de presidir, terá os encargos diretos da execução da "OPERAÇÃO CENEGISTA". Será ela lançada no dia 1 de setembro. A partir dessa data dezenas de assistentes educacionais — "COMANDOS DA OPERAÇÃO CENEGISTA" — baterão de porta em porta, visitando residências, fábricas, escritórios, bancos e casas comerciais, mobilizando os que podem a educar os que não podem.

Como um aluno nosso custa Cr\$ 1.000,00 anuais, cada carioca será convidado a educar um brasileiro por ano, contribuindo, anualmente, com aquela importância. Assim, de rua em rua, de casa em casa, levando sempre uma carta de D. Sarah Kubitschek dirigida a cada família carioca, tentaremos o maior empreendimento de instrução secundária jamais experimentado no Brasil.

Todos aqueles que desejarem, espontaneamente, enviar seus Cr\$ 1.000,00 deverão fazê-lo remetendo a respectiva contribuição para o Banco Comercial de Minas Gerais S.A., à rua 1.º de Março, 15, na conta especial aberta para êsse fim, sob o título de "OPERAÇÃO CENEGISTA".



CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS

(Entidade Reconhecida de Utilidade Pública)

RUA SILVIO ROMERO, 25 - ARCOS

Telefone 42-4946 — End. Telegr. • CENEGISTA •

Ofício N.º CNEG-DF-153/58

Rio de Janeiro, de julho de 1958

Prezado Senhor

Acredito que V.Sa. sentir-se-ia satisfeito se soubesse que graças ao Senhor um brasileiro estava sendo educado. Para tanto Cr\$. 1.000,00 bastam, pois isto é o que um aluno nos custa anualmente. Essa contribuição significa Cr\$83,00 mensais ou ainda Cr\$2,70 por dia. Atente bem para êsse detalhe: com menos de Cr\$3,00 diários, V.Sa. estaria possibilitando a educação de um brasileiro!

Pretendemos com tal iniciativa dar ao Distrito Federal os Ginásios de que êle necessita. E V.Sa. vai nos ajudar, atendendo à cobrança dos Cr\$1.000,00 anuais que o Banco Comercial de Minas Gerais efetuará, logo após a sua inclusão entre os nossos contribuintes.

Encaminho-lhe o assunto como Presidente da Diretoria Nacional da CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS, instituição educacional que, há 15 anos, mantém em todo o país, ginásios, escolas normais e de comércio, inteiramente gratuitos. São 206 os nossos estabelecimentos de ensino e neles 20.000 pessoas recebem, sem ônus, educação secundária. Aqui no Rio de Janeiro serão 14 em 1959, já estando 8 em funcionamento (São Cristovão, Del Castilho, Olaria, Penha, Coelho Neto, Realengo, Padre Miguel e Paquetá).

Acreditando que V.Sa. deseje pensar — "Graças a mim um brasileiro educa-se" — agradeço-lhe, em nome dos que ensinam e dos que aprendem, a sua certa aceitação em ser um contribuinte da CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS.

Cordialmente

Sarah Lemos Kubitscheck

Sarah Lemos Kubitscheck
Presidente da CNEG

RAIZ VIRA ESCULTURA NA PONTA

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA



MÃOS A OBRA — "New look" para raizes.

CHAMA-SE WILFRED GARSTRONG HODGSON. É dono de uma pequena fazenda que o mantém quase incessantemente ocupado desde que o sol se espreguiça no horizonte recortado de montanhas até que por fim se põe lá pelas bandas do rio estendido como um fio azulado de linha pelo dorso rugoso do vale. Já chegou à idade provecta. Seus cabelos grisalharam, seu corpo tornou-se miúdo, seu rosto murchou como a pele de um velho fruto poupado à voracidade dos homens e à fome ingênua dos pássaros; e nos olhos pouco a pouco se apaga aquela outrora fulgurante centelha que no pretérito lhe aquecia a alma e incendiava o entusiasmo. Nunca leu o tranqüilo Lucius Sêneca nem ouviu falar no assustado Aldous Huxley. Mas sabe, pela intuição dos simples e pela experiência dos amargos, que é na paz de espírito e na singeleza intelectual que reside em última análise a feli-

DO CANIVETE



DOMINGO NA FAZENDA — O importante é não estar só.



NA SENDA DO JUNIPEIRO — "Raiz lá em casa dá em penca".



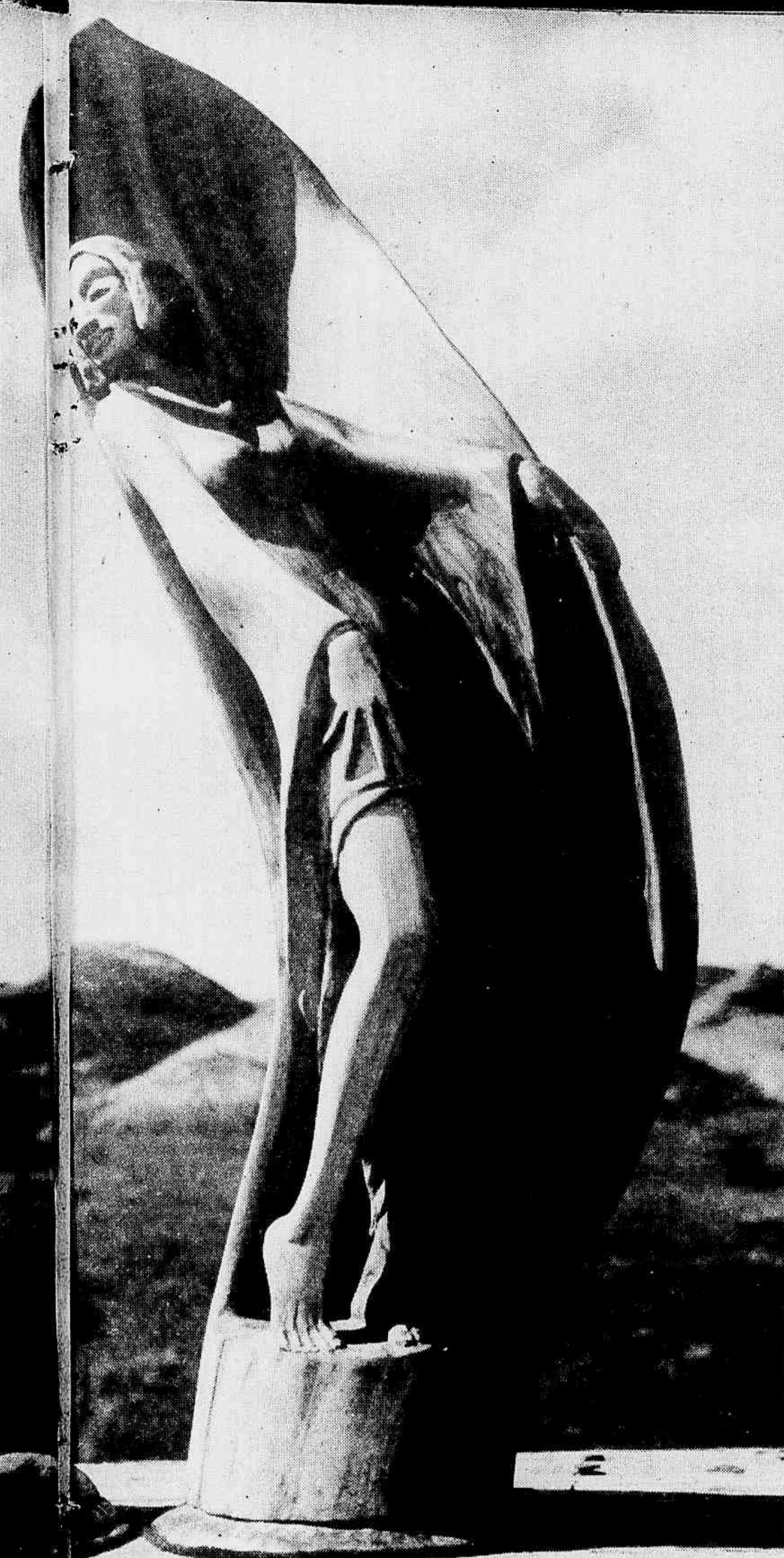
UM OLHAR PARA A IMENSIDAO — As vèzes o trabalho cansa.

"Se eu não possuísse
meus instrumentos de trabalho,
esculpiria até
com lâminas de barba"



FIGURAS FEMININAS — A Natureza faz. Ele completa.

cidade. Não tem filhos e por isso talvez não haja aprendido ou não faça caso dos judiciosos conselhos de Bacon a propósito da arte de tratar os jovens, embora vez por outra repita, sem saber, o sábio Francis, quando aos íntimos confessa que se os filhos deleitam a ventura, "não raro fazem mais acre a adversidade". Tôdas as manhãs, no momento do "breakfast", adoça o seu café com versículos preferidos da Bíblia, medita alguns minutos e depois vai até à janela sorver a largos goles o hálito da madrugada. No resto, faz sempre o que todo fazendeiro faz: cavaqueia com os colonos, orienta a colheita, ordenha pacientemente suas vacas, fala mal do govêrno e declara com muita convicção que "êste país caminha sem sombra de dúvida para o abismo e cedo irá à garra". Um homem como tantos.



Porém aos domingos, quando a fazenda dormita e a gente humilde se despenca, murmurante como o rio, para as distrações no povoado, o nosso Wilfred enfia-se em suas calças de zuarte grosso, veste sua camisa de algodão pintado, monta no **Moleque** e sai à vida à procura de retalhos de raízes e troncos de árvores.

Para quê? Passem aos tópicos seguintes.

RAÍZES TORCIDAS VIRAM ARTE

W.G.H., afinal, é artista-nato. Jamais freqüentou cursos de escultura ou ao menos se interessou em conhecer os mestres e as técnicas das belas-artes. Aquilo, contudo, é como uma virtude

nê. Com um fragmento de lenho, uma casca vegetal, um galho de árvore, transmuda-se num artista de mãos-cheias. As raízes torcidas de um junipeiro (também denominado zimbros ou genebra, da família do pinheiro) animam-se ao corte de seu canivete mágico. Extraordinário entalhador! Sua reputação transpôs fronteiras e hoje os seus trabalhos se divulgam até na América do Norte. Antigo agricultor no Oeste, põe seu talento a serviço da arte.

"Seus personagens", diz um crítico, "são a um tempo originais, graciosos e fantásticos". Frases de Wilfred: "A madeira desempenha o papel do artista. A primitiva idéia vai-se transformando à medida que o trabalho prossegue, deixando surgir as figuras. Que espécie de figuras? Hum... quase sempre figuras femininas ao vento ou sôbre as ondas do mar."

JUNIPEIRO É DURO DE ROER

"O junipeiro", êle explica quase com emoção, "é duro de roer. Mas eu também sou duro quando cismo em vencer dificuldades." É mesmo. Essa madeira branca e vermelha em realidade levaria ao desânimo qualquer entalhador por profissão. Não a Garstrong. Êle mesmo fabricou com lâminas de aço temperado na forja da fazenda as ferramentas com que realiza prodígios. E eis como conta com instrumentos típicos, uns destinados à mão direita, outros que só podem ser manejados com a esquerda, razão aliás pela qual W.G.H. acredita que sua técnica "difícilmente será introduzida numa escola".

Como lhe ocorreu a idéia? "Foi durante meus passeios pelo campo, nas cercanias de minha fazendinha (Wilfred trata-a assim com carinho paternal, como se aludisse a um querido bebê) que descobri as maravilhas do junipeiro, muito abundante por aquelas paragens. Moço, você não imagina que mundo se esconde em cada raiz dessa árvore! A questão é a gente ter paciência para descobrir". Um dia Hodgson amarrou na garupa do pangaré uma dessas raízes e, chegando em casa, antes de dormir, começou a espí-la com o olho da fantasia. Foi assim que lhe desabrochou o instinto artístico.

Uma observação: "Vinte e cinco anos são passados desde então. E quer saber uma coisa? Não tenho do que me arrepender. Já ganhei prêmios e outras honrarias. O importante mesmo é que descobri com êsse passatempo um meio de entreter minhas horas vagas. Quando a gente fica velho, moço, é o diabo isso de ter horas vazias na solidão". E olhando longe e fixo, como se pretendesse estender uma ponte de memórias até os dias antigos e alcançar com as retinas um ponto predeterminado dentro da neblina: "Não queira nunca estar só..."

OITO ITENS E UMA LIÇÃO

1 — "A Natureza é o mais exuberante de todos os artistas".

2 — "O que eu gostava de fazer quando criança? Meu Deus! já há tanto tempo que nem mesmo sei se já fui menino. Vá lá: guardo bem viva a lembrança do meu amor pelos cavalos e do primeiro ponezinho que meu pai me deu".

3 — Opinião sôbre os seus trabalhos em raízes: "Foram idealizados pela Natureza e completados por mim. Sinto-me honrado com isso".

4 — "Tenho esperanças de um dia abrir uma exposição no Brasil".

5 — "Quantas esculturas já fiz? Você chama a isso esculturas? Agradeço-lhe a opinião. E respondo: some quantos domingos há em um quarto de século e aí encontrará o número delas".

6 — "Também já montei em circo. Muita gente aplaudia. Não sei se a mim ou ao cavalo".

7 — Outras notícias: Wilfred nasceu em Alberta, província do Canadá, para onde já retornou depois de uma breve excursão. "O Rio mais bonito do mundo é o que passa por ali o **Red Deer River**".

8 — "Se eu não possuísse meus instrumentos de trabalho, esculpiria até com lâminas de barba. Claro: se elas agüentassem um junipeiro".

O notável, no entanto, é que, mesmo sem o perceber, Wilfred Garstrong Hodgson dá aos jovens de qualquer país, com êsse empenho e essa humildade na velhice, uma inolvidável lição.

LIVROS E IDÉIAS

PRESENÇA NA POLÍTICA

O QUARTO VOLUME das Memórias de Gilberto Amado, "Presença na Política", acaba de aparecer, em edição de José Olímpio (1). É um vasto volume, abrangendo a atividade de homem público do autor de "Inocentes e Culpados", tudo descrito com aquele estilo isento de crispções, simples e admirável, que caracteriza a obra literária de Gilberto Amado. Estilo em verdade digno de toda admiração, numa época em que a falta de estilo ameaça transformar-se num...?

Talvez o presente tomo, "Presença na Política", não seja tão intimamente imbuído de seiva poética como "História da Minha Infância" — nem tão interessante como "Minha Formação no Recife" ou "Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa". Isso, o próprio escritor reconhece expressamente: "Afinal, quem está neste livro, "Presença na Política", é o homem público. Se a obra se torna enfadonha, a culpa é da realidade. Mas quem gosta da minha maneira de escrever não se aborrecerá demasiado, pois entre o meu falar e o meu escrever não há diferença; a prosa é a mesma, totalmente típica do meu feitio". Esse risco deve correr quem escreva memórias: pois nem todos os lances de sua vida, invocados sobre o papel, possuem o mesmo viço, ou o mesmo interesse, de quando aconteceram realmente. Salvam-se, nos casos como o de Gilberto Amado, aqueles memorialistas, possuidores de um estilo suficientemente poderoso, capazes de chamar a atenção e despertar a admiração por si próprios.

No caso de Gilberto Amado homem público, deputado e senador, enxergando mais longe do que seus pares — pois foi ele talvez o primeiro brasileiro a olhar para o Brasil com objetividade, sem devaneios e sem fantasias, umas e outros próprios de subliteratos —, esse estilo existe, e a serviço de idéias cada qual a mais clara e a mais digna de encômios. Há, porém, em "Presença da Política" — e não poderia ter sido de outra forma —, um contínuo apelar para citações de discursos, um desencavar de documentos parlamentares que, mesmo sem terem até hoje perdido qualquer atualidade, por vezes quase fazem com que o volume se transforme, de obra de memorialista que é, em pura evocação do tipo "Diário do Congresso"...

Esse, o lado menos positivo de "Presença na Política". Como não poderia deixar de ser, porém, os positivos são mais numerosos: toda uma galeria de retratos, evocada em traços marcantes e precisos; a perfeita adequação entre pensamento e expressão, no escritor — entre o que tem a dizer, e o que diz, e em como o diz; a nobreza das idéias, a que já nos referimos; e tanta coisa mais. No que se refere àquela adequação entre pensamento e expressão, vale um exemplo: logo ao início do livro, referindo-se ao "uivo agudíssimo, horripilante, que nada tinha de humano" do "microcéfalo, espaduado, todo torto", que "arrastava as pernas que pareciam largar-se-lhe do corpo a cada tranco dos passos", seu vizinho em Botafogo, utiliza o verbo substantivado **guaiar**. Existe em português uma série impressionante de vocábulos que praticamente encerrariam a mesma idéia; nenhum, porém, transmiti-la-ia de maneira mais perfeita ao leitor do que **guaiar**. E é esse emprêgo do vocábulo exato, no momento certo, que caracteriza a presença de um legítimo escritor, digno do nome.

Falamos em galeria de retratos; e ela é extensa, abrangendo, nessa extensão, desde os apenas esboçados, dos **Wandenkolk**s, até aos de corpo inteiro, como os de Alencar Lima, Epitácio, Raul Soares, Souza Dantas, Bernardes, Latécoère, Ledersen ou Azevedo Amaral. O de Raul Soares, sobretudo, é uma obra-prima. É interessante ver como, nas memórias de Gilberto Amado, é vasto o espaço ocupado pela presença de homens que o rodeavam, amigos, desafetos ou indiferentes — mas em todo caso, dignos de lembrança. Esse homem, por muitos considerado um egoísta, achou

sempre tempo e disposição, em seus escritos evocativos, de resuscitar toda uma série de mortos e de homens a quem já julgávamos mortos às vezes... Não é, propriamente, o comportamento de um egoísta, convenhamos.

Nessa descrição de pessoas, o que desde logo chama a atenção e desperta o interesse do leitor, é o modo de como o faz Gilberto Amado, geralmente lançando mão de duas ou três características físicas do indivíduo, de mistura com uma sua marcante peculiaridade psicológica. Como diz ele mesmo, ao se referir em seu livro a certa menina de Teresópolis, a chamar de **crápula** a certo juiz de má reputação, esse dom de em dois ou três traços dar o contorno de uma figura, e mais do que o contorno, uma sua dimensão recôndita, de ordem subjetiva, é próprio, unicamente, de grandes artistas, de escritores natos. Veja-se como Amado descreve, por exemplo, o **wandenkolk** Tomás Rodrigues: "todo bigodes, pretensioso e capaz ao mesmo tempo". E o também **wandenkolk** Arnaldo Azevedo: "alto, quadrado, modelo de virtudes médias"... E mestre Raul Fernandes: "grave, sêco, palavra segura, senhor da língua". Dirão talvez alguns que se trata de uma fórmula, de um padrão utilizável sempre que necessário — e se enganam: trata-se, isso sim, de um modo típico de o senhor Gilberto Amado evocar pessoas. Modo que ele, e só ele, possui, e que utiliza sempre, porque só pode ser como é.

Já lemos algures a acusação de que Gilberto Amado, em "Presença na Política", brinca com noções como a de **Nacionalismo**, por exemplo. Só se brinca com certa espécie de **nacionalismo**, como com determinado **patriotismo**, como com dado grau de **ufanismo**: é um escritor que jamais se esquece de sua terra e da gente de sua terra, Gilberto Amado; um escritor que, antes de ser escritor, é brasileiro. Provam-no, em "Presença na Política", inúmeros capítulos, além de alusões aqui e ali avançadas. Analisa os fatos, isso sim, sem distorcê-los; e quando diz que hoje são no Brasil mais numerosos os inimigos dos Estados Unidos do que eram em princípios do 1900 — quando Eduardo Prado, sózinho, levantava a voz contra a nação do norte —, não exalta, nem condena, tal fato: expõe-no, apenas, dá-lhe a causação, busca afinal compreendê-lo. É a atitude digna de um pensador.

Pensador, Gilberto Amado o é de verdade. Seu livro de agora o comprova — o reafirma, pois já com obras anteriores, e em maior grau, impôs-se o escritor sergipano à admiração dos leitores, justamente pela densidade de seu pensamento. A leitura atual de trechos e parágrafos de seus discursos, alguns datando de mais de trinta anos, mostra como estavam prenhes de sugestões fecundas — que não germinaram, porque o solo era por demais ingrato... Mostra como possuía Gilberto Amado, para alguns dos problemas que ora mais de perto nos desafiam a argúcia, não diremos a solução, mas pelo menos uma tentativa de solução, um esboço de solução.

Enfim, essa página não pretende ser uma apologia de Gilberto Amado — a quem, como talvez seja sabido, indicamos lugar todo especial no recinto de nossas admirações —, mas tão somente uma série de anotações derivadas de uma leitura de seu último volume de memórias. Do gênero memórias já muito se tem dito; que o memorialista ou é um vencedor, que reinvoca os momentos de sua vida passada como quem ruma um bom pedaço de comida, com gosto, com vontade, ou o vencido que, através delas, procura dar aos outros os motivos de sua derrota na vida. O memorialista Gilberto Amado, precisamos dizer que pertence àquele primeiro e bem mais diminuto grupo?

(1) — Gilberto Amado: "Presença na Política". Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1952. 364 páginas.

LIVROS RECEBIDOS

ENCONTRO MARCADO, de Fernando Sabino (*Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1958, 3.^a edição. 287 páginas. Capa de Athos Bulcão) — Só agora lemos esse livro que em poucos meses atingiu a uma terceira edição, sempre hipotética, no Brasil. Um livro que é, inegavelmente, um depoimento forte, sincero e muitas vezes contundente, com inegável base auto-biográfica. A história de um homem — Eduardo Marciano — e de uma geração de transição, às voltas com o sentido da existência. Numa literatura, como a nossa, tão pouco voltada para tais temas e problemas, "O Encontro Marcado" é, sem dúvida alguma, um acontecimento notável. Um romance que merece uma meditação.

CASA GRANDE & SENZALA, de Gilberto Freyre (*José Olympio*, Rio de Janeiro, 1958. 2 volumes. Ilustrações de Santa Rosa. Desenhos em cores de Cícero Dias. 776 páginas) — Essa é a nona edição brasileira daquela que, a despeito de algumas opiniões discordantes, é a maior obra de sociologia jamais publicada no Brasil, ou em língua portuguesa. Estudo minucioso e saboroso da formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.

CICLO DO CARRO DE BOIS NO BRASIL, de Bernardino José de Souza (*Companhia Editora Nacional*, São Paulo, 1958. 557 páginas) — Uma verdadeira enciclopédia do carro de bois, com sua influência no desenvolvimento econômico do Brasil, devida a um professor já desaparecido — Bernardino José de Souza —, Ministro do Tribunal de Contas e grande erudito. Um livro que é um trabalho admirável, obra de paciência, de conhecimento, de amor.

FAÇA O SEU FILHO FELIZ, do Dr. Fernando Magalhães Gomes (*Itatiata*, Belo Horizonte, 1958. 389 páginas) — Guia de puericultura devido a conhecido pediatra brasileiro. Teoria aliada à prática, de vez que o Doutor Magalhães Gomes, como se deduz da Dedicatória do livro, tem nada menos de 9 filhos, e portanto sabe muito bem o que diz...



A romancista Dinah Silveira de Queiroz fez, no dia 12, na sede do PEN Club, uma palestra sobre o tema "Romance e Cinema". A conferência contou não só com a presença de um público numerosíssimo, mas também com grandes figuras do mundo literário, entre elas o escritor inglês Aldous Huxley, que acaba de nos visitar. Falou a autora de "A Muralha" sobre a importância do romance no cinema, das grandes obras da literatura para ele transportadas, bem como de sua própria experiência no gênero. Como se sabe, seu romance "Floradas na Serra", adaptado para a tela há alguns anos, foi um dos pontos altos do cinema nacional.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

GOELDI (Galeria Gea: desde 20) — Outra grande exposição, essa de Oswaldo Goeldi, mestre da xilogravura entre nós. Reúne obras recentes, gravuras e desenhos, vasadas na mesma linha e na mesma tradição a que nós acostumamos o grande gravador.

QUAGLIA (Clube Ginástico Português: últimos dias) — Quaglia, contemplado com prêmio de viagem ao estrangeiro no último Salão Moderno, exhibe óleos (quatorze ao todo), desenhos e monotípias. É um artista figurativo de rara força.

FAYGA OSTROWER (Galeria Ambiente, de São Paulo: últimos dias) — A artista brasileira, atravessando momento excepcional em sua carreira artística, apresenta-se em São Paulo, com gravuras e tecidos.

ALUNOS DE LIVIO ABRAMO (Escola Nacional de Belas Artes: últimos dias) — Vários alunos do atelier de gravura de Livio Abramo, alguns já expondo nos Salões Modernos com grande êxito, exibem-se no Salão do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes.

LYGIA CLARK (Galeria das Fôlhas, de São Paulo) — Essa artista, de orientação concretista, apresenta-se em São Paulo com uma série de óleos recentes. Candidata, como os demais expositores da Galeria das Fôlhas, ao Prêmio Leirner, de Arte Contemporânea.

ENTRE OUTRAS exposições, anunciadas, figura a de Rossini Perez, na "Piccola Galleria", do Instituto Italiano de Cultura.

A AUTOCRÍTICA DE OSCAR NIEMEYER

NÃO SEI SE JÁ foi dado o relêvo que merece ao "Depoimento" estampado pelo grande arquiteto Oscar Niemeyer no número 9 da revista *Modulo* (número de janeiro-fevereiro de 1958). Os jornais e as seções especializadas trataram, na época, do problema, mas, ao que me conste, não sob certo aspecto, que aqui desejo focalizar: o da grande dose de humildade e de sacrifício de que foi preciso Niemeyer dispor, para escrevê-lo. Humildade e sacrifício numa época, como a nossa, em que tais coisas praticamente deixaram de existir.

Dizer que Niemeyer é grande, é truismo: todos o sabem grande, todos conhecem o papel, importantíssimo, que desempenhou no desenvolvimento da arquitetura brasileira, e mundial. Pois bem: é Niemeyer, mesmo, quem no artigo citado aponta, em seus trabalhos anteriores ao projeto para o Museu de Caracas, falhas, intenções espúrias, leviandades. E não para com esse gesto causar admiração: porque existe também a falsa modéstia, a vaidade em ser modesto...; apontou Niemeyer o que em sua obra parece

frágil, para anunciar sua decisão inabalável em, de ora em diante, conservar-se acima de tudo fiel à própria arquitetura, em sua pureza e simplicidade de verdadeira obra de arte. Dêsse desígnio, aliás, de que o Museu de Caracas foi a primeira flor (e como o vocábulo flor fica bem empregado, no caso particular do Museu venezuelano!), são outros frutos as obras de Brasília: o Congresso Nacional, a Praça dos Três Poderes, sobretudo o Palácio da Alvorada.

É ou não atitude digna de elogios e, mais que de elogios, de meditação? Que sobre ela meditem, portanto, não só os arquitetos, orgulhosos sempre de sua condição de pioneiros das artes visuais brasileiras (e quem lhes nega isso?), mas também quantos, satisfeitos e assombrados com sua própria obra, se esquecem de que só a humildade, com suas conseqüências, permite a um artista o pleno desabrochar do talento, a afirmação total da inteligência e da sensibilidade.

MARIA DA CONCEIÇÃO ABOUT



OS GALHOS DO CEDRO

NOVELA II

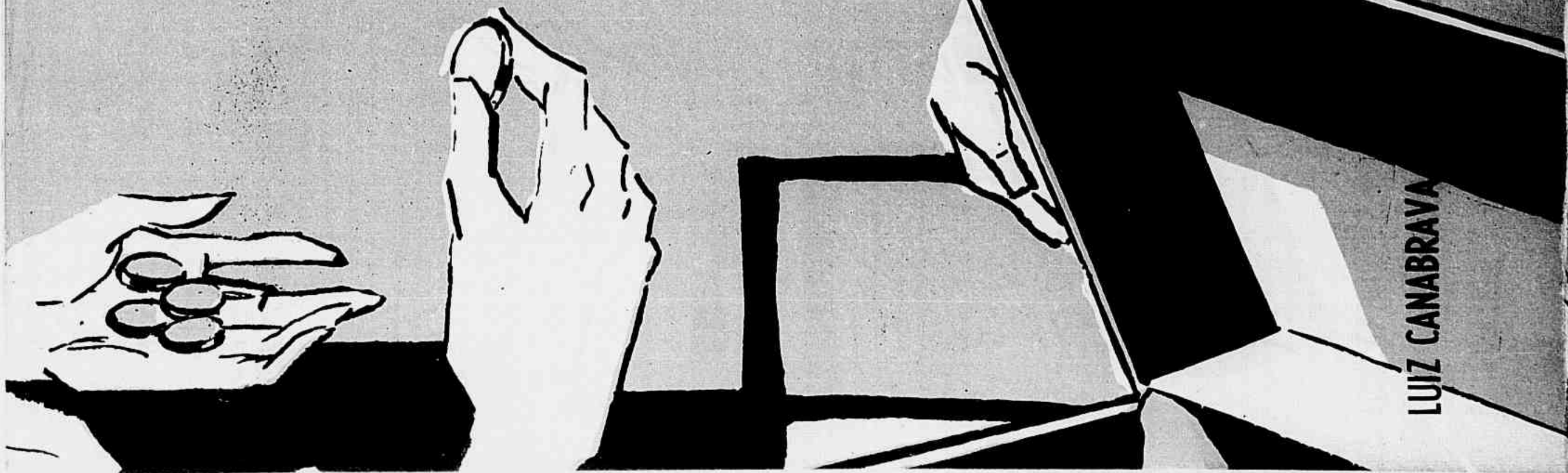
A VÉSPERA DO CASAMENTO, como era costume naquela época, desenrolava-se, em casa da feliz viúva Adma, a cerimônia do "banho da noiva". Nabira usava um tênue véu de sêda sobre os olhos, reminiscência de épocas ainda mais remotas em que mesmo as mulheres cristãs viviam veladas. As amigas e parentas cantavam, ofertando-lhe presentes, as velhas batiam nos lábios as unhas encardidas, fazendo um barulho álaçre e monótono, simbolizando alegria. De vez em quando pediam-lhe que destampasse os olhos para encarar o futuro feliz.

Nabira gozava intensamente cada minuto da cerimônia. Os risos misteriosos das jovens desposadas, a ansiedade das moças solteiras, as conversas murmuradas das velhotas, enchiam a sala de um que de sensualidade. Serviam-se doces e café forte. As velhas bebiam "árake", fazendo em alta voz, votos pela felicidade dos noivos.

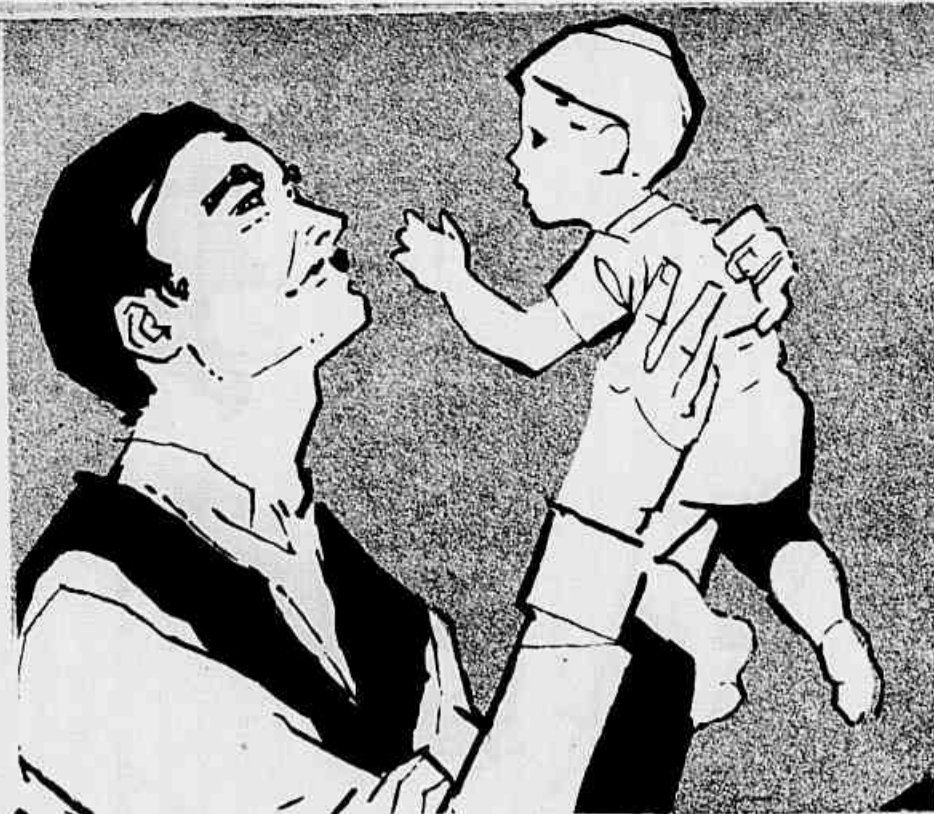
Num determinado instante, com grande cerimonial e recrudescimento dos votos de felicidade, banharam as mãos de Nabira com uma resina perfumada e côr-de-rosa. Ela sorria, os olhos lânguidos, a bôca semi-aberta numa antecipação do prazer que teria entre os braços de Nassim. Estava linda! Várias noites consecutivas, dormira com o rosto protegido pelo "dlukalbaide", massa branquíssima, composta de pó de casca de ovos moída, concentrada há longo tempo em água pura. Sua pele estava macia e rosada como a pele das crianças.

As cantigas pouco melodiosas tinham a poética nostalgia das músicas especiais, dos hinos, das marchas nupciais, das canções de aniversário que, mesmo simplórias e ingênuas, comovem pela evocação do que representam. Nabira parecia sonhar. Sua emoção era uma prece de agradecimento ao destino por uni-la ao único homem que amaria...

Fora, alongava-se a noite, iluminada vagamente por uma fatia de lua. As mulheres começaram a sair. Dispersavam-se pelos caminhos que, riscando a montanha, levavam à casa de Adma. Pouco tempo depois escalariam as ásperas picadas dos próprios lares, pois a aldeia não tinha planícies. Seus habitantes moravam indefectivelmente em íngremes encostas arborizadas. O Líbano além de pequeno é quase todo montanhoso o que reduz ainda mais sua superfície. Igrejas e escolas rústicas e branquinhas também se encarapitam nas montanhas. As vêzes, o sino da igreja pende do galho de uma árvore em cuja sombra se abriga.



LUIZ CANABRAVA



Assim fundou-se uma

NASSIM FORA SEMPRE muito popular na região. Seus amigos o adoravam. Os que vieram à sua casa para a despedida de solteiro, lá mesmo dormiram e a manhã do dia do casamento foi cheia de risos e canções. Prestaram-se alegremente ao ritual de dançar, pondo cada qual, por sua vez, sobre a cabeça, a bandeja com a roupa a ser usada pelo noivo na cerimônia, dobrada entre galhos de oliveira. Se Nabira morasse noutra aldeia, iriam, juntamente com o noivo, à cavalo ou em carroças, cantando e congratulando-se, buscá-la para a Igreja. Mas Nabira vivia ali e assim, apenas se encontrariam na capelinha ortodoxa, profusamente iluminada, enfeitada de grinaldas de folhas de oliveira. O altar, laboriosamente esculpido em carvalho escuro, com suas três portas e suas oleogravuras desmaiadas, contrastava com as paredes claras e o teto caiado. A Igrejinha estava cheia. Homens na parte da frente, mulheres na de trás para que, no lugar sagrado, rapazes não se distraíssem, observando as moças. Aliás, as mulheres não podiam, em circunstância alguma, pisar no altar.

A cerimônia do matrimônio ortodoxo é longa e plena de simbolismo. Atinge a sua culminância quando nubentes são coroados três vezes consecutivas, trocando-se as coroas de folhas de oliveira da cabeça de um para outro...

Estavam casados. O resto da tarde correu entre vivas e brindes, comes e bebes, cânticos e prognósticos de felicidade, na casa da feliz viúva Adma que, eufórica e orgulhosa, dizia a cada instante poder morrer em paz. Sua missão no mundo estava cumprida.

Nabira, sentada numa espécie de trono florido, era a rainha da noite. Rainha digna do seu efêmero cetro, pois havia uma serena e impressionante beleza em sua face emoldurada pelas tranças negras, enfeitadas de medalhas. Nassim fitava-a constantemente, o sangue correndo célere em suas veias. Os convivas dançavam ao som de alaúdes. Velhas de rostos tatuados de pontos negros, estalavam os dedos e marcavam o ritmo com os pés metidos em chinelas pontudas e bordadas. Os homens, as calças exageradamente franzidas entre as pernas, o que lhes fazia parecerem herneados, os justos colêtes marcando-lhes os largos tóraxes, gingavam ao lado das jovens, as quais, lentamente, se requebravam nas evoluções da "dabké". Eles não podiam tocá-las e, às vezes, somente as borlas de seus "tarbuches" batiam nos rostos afogueados das companheiras.

A noitinha, os convivas em barulhento cortejo levaram os noivos para o novo lar. O velho pai de Nassim havia ido antes iluminar vivamente os cômodos e abrir as portas e janelas. À entrada, Nabira, antes de saltar do cavalo que a conduzira, atirou na soleira da porta, massa de trigo ázimo, dando-lhe a forma de uma cruz. Gritos de alegria partiram de todos os lados porque a mal delineada cruz, grudou-se à madeira áspera, o que era sintoma de felicidade. A moça voltou-se para os amigos e de um grande lenço trazido ao colo, jogou, como era uso, dinheiro, flores e doces para os que assistiam sua entrada no novo lar.

Mas Nassim e ela não ficaram sós. Seguiram-lhes os padrinhos, os velhos parentes, Adma e as tias de Nabira e de Nassim, pois a primeira noite de núpcias era acompanhada muito de perto pela parentela dos noivos. As mulheres levaram Nabira ao quarto, vestiram-lhe a camisola de linho cru, soltaram e perfumaram seus cabelos, deixaram-na embrulhada nos grossos lençóis do tálamo. Voltaram à sala com rostos excitados e vagamente cínicos para dizer ao marido que poderia ir ao encontro da esposa. Nassim fechou a porta do quarto com as mãos trêmulas. Na sala, os

gritos e vivas eram ensurdecedores. Ficaram à espera da prova da virgindade da noiva. Quando algum tempo depois Nassim abriu a porta e entregou-lhe as rubras flores do amor, os gritos recrudesceram e as mulheres invadiram o quarto para cumprimentar a jovem desposada. Mas nenhuma pôde ver-lhe o rosto. Nabira agarrava-se desesperadamente ao colchão, lágrimas de dor e vergonha, sacudiam-lhe o corpo.

Só então deixaram em paz os recém-casados. Foram saindo aos poucos, comentando radiantes, o fato da cruz de massa de trigo continuar teimosamente aderida à soleira da porta. O velho foi deitar-se. Nassim voltou ao quarto. Abraçou carinhosamente Nabira, beijando-lhe os olhos úmidos de lágrimas e o pálido rosto que dele não se escondeu.

Assim fundou-se uma família. Assim ergueu-se o esteio de um novo lar. Usos que hoje nos parecem bárbaros e que pareciam bárbaros mesmo ao mundo ocidental daquela época, baseavam-se no culto ao matrimônio, à dignificação do amor, à reprodução da espécie. Nas pequeninas aldeias do velho Líbano venerava-se a moral. Não havia meretrício, a maioria dos rapazes casava virgem. Aquêles que infelicitasse uma donzela era inexoravelmente assassinado. As doenças venéreas não existiam e só começaram a conspurcar os corpos, quando o país foi invadido por conquistadores supercivilizados.

Durante um mês ainda se estenderam os festejos das bodas em almoços e jantares na casa de Nassim, como era habitual. Oito dias depois do casamento, durante a primeira missa ouvida pelo novo par, Nabira, com as prerrogativas de recém-casada, deixou o lugar reservado às mulheres e foi até junto ao marido, receber uma bênção especial para a ocasião. Dada a bênção, voltou contrita e emocionada para o lado das companheiras. Nesse dia houve festa idêntica à do dia do casamento.

OS MESES CORRIAM. O ventre e os seios de Nabira desenvolviam-se na maravilhosa promessa de um filho. Nassim trabalhava de sol a sol e a mulher, antes de ficar muito pesada, ajudava-o no plantio e na colheita. Ela e ele eram ambiciosos. Seus planos e sonhos teciam-se grandes de mais para caberem na pequenina aldeia cheia de preconceitos e limitações. Nassim afirmava que em três anos teriam um bom capital e então mudar-se-iam para Beirut, onde tentaria o comércio. Queria que seus filhos fôssem médicos ou advogados, a esposa tivesse uma casa grande e pelo menos duas criadas. Falava até em emigrar para o Brasil, terra gigantesca e opulenta, começando a desenvolver-se numa dádiva de oportunidades. Desde quando um velho armênio, vendedor ambulante de relógios e cordões de ouro, lhe falara desse novo mundo, enraizara-se no coração de Nassim o desejo de emigrar, de conhecer horizontes diferentes e, principalmente, enriquecer. Queria dinheiro, muito dinheiro para viver com magnificência, enfeitar a mulher de jóias e educar como príncipinhos os filhos que tivessem.

Nessa ocasião, começava a se delinear o êxodo levando a espalhar-se em todo o mundo e muito especialmente no Brasil, milhares de libaneses. Vários fatores determinavam a emigração: o domínio turco, constringendo aquela raça em que se mesclavam sangues de antigos povos aventureiros e livres como babilônios, assírios, persas, gregos, romanos e árabes; a pobreza resultante da desorganização em que mergulhara o país em consequência do recente

família. — Assim ergueu-se o esteio de um novo lar.

domínio turco; as lutas religiosas. Os maronitas, libaneses cristãos, se bem que em grande maioria, eram perseguidos pelos muçulmanos, amparados na convivência dos conquistadores. Os chiitas e os austeros druzos, anulavam-se na sua minoria e ainda eram mais humilhados do que os cristãos.

O certo, é que a emigração começou lentamente mas foi aumentando em caudais, dos quais, o mais grosso dirigia-se ao Brasil. Talvez porque Pedro II fizera, mais ou menos naquela época, uma excursão ao Líbano dos Cedros Sagrados e lá, tendo sido muito bem recebido, quase venerado, expressou a vontade de ver o seu amado Brasil, tão vazio de braços laboriosos, cheio daqueles libaneses rijos e trabalhadores, ajudando-o a desenvolver-se.

Emigravam, então, os pobretões, os que nada teriam a perder e tudo a ganhar se se transportassem para o outro lado do mundo. Nassim talvez tivesse sido um dos primeiros a, embora possuindo relativos recursos, pensar em emigrar.

Nas noites de verão êle e Nabira dormiam no terraço-teto da casa, mirando o céu límpido, manchado apenas pelos recortes das montanhas. Ninguém os ouvia. Conversavam até tarde, mirando a lua e as estrêlas, acariciados pela brisa impregnada de cheiro de mato. Viam-se ricos, riquíssimos, num país de rios largos como o mar, morros peçados de ouro, terras tão férteis que davam três colheitas cada ano. Nassim pusera de lado a idéa de ir para Beiruth. A aventura-se, aventurar-se-ia ousadamente. Resolvera emigrar; para tal esperava juntar o dinheiro das passagens e fazer algumas economias que não o deixassem chegar de mãos abanando ao novo destino. Acreditava realizar o seu sonho em três anos. Nabira estimulava-lhe os projetos. Era mulher sem medo e sem raízes. Não se apegara à serena aldeiazinha de sua infância e não temia o mundo desconhecido do qual não tinha idéias precisas. Sempre estivera latente em seu ser a ânsia de aventuras, mudanças e lutas... Descendia em linha direta daqueles fenícios que, no Líbano ainda desabitado e selvagem, cravaram um templo colossal de muros gigantescos, desafiando até hoje a maldade do tempo. Vieram os romanos e transformaram o templo em teatro, enchendo-o de poltronas talhadas em mármore de Carrara. Passaram-se séculos e em Nabira, em Nassim, na maioria dos libaneses, o espírito dos arrojados navegadores de antanho estimula-os a emigrar, a tentar a sorte nos meios mais adversos e a criar seus mundos e seus destinos...

NASCEU SAMIR. Da soleira da porta a chuva e o vento ainda não haviam apagado os vestígios da cruz de trigo ázimo. Nassim sentiu vontade de subir ao terraço da casa e gritar para a aldeia que tinha um filho. O velho chorou e as lágrimas transparentes correndo na carne enrugada e se perdendo na barba branca, eram lágrimas de orgulho e felicidade. Nabira não disse nada. Não encontraria palavras para expressar sua alegria. Quando o filho lhe sugava o seio, tinha impressão de sua alma e de seu corpo se concentrarem no bico escurecido e áspero chupado pela criança.

Os meninos da vizinhança vieram festejar, comendo passas açucaradas. Os adultos bebiam vinho e cantavam, pedindo que Alá concedesse longa vida à criancinha.

Adma vestira roupa de gala para receber as visitas na salinha da filha. Seus calções fofos eram de sêda, seus cabelos brancos ornavam-se de uma espécie de renda delicada feita com agulha comum, as tranças enfeitadas de moedas de ouro, caíam-lhe nas

costas magras. A sala estava cheia de flores, principalmente sob os retratos do Czar e da Czarina, que comumente se viam nos lugares de honra dos lares libaneses, numa homenagem aos soberanos do maior país ortodoxo do mundo.

Nassim agora iria mais tarde e viria mais cedo dos campos, não querendo perder os minutos em que pudesse mirar o filho.
O SEU FILHO.

Samir batizou-se. Seu corpinho robusto, completamente despido, mergulhou três vêzes na água do batistério.

Nasceu-lhe o primeiro dente. Quem o descobriu, deu-lhe um presente bonito, seguindo a pragmática. Os vizinhos mandaram pratos de doce. Houve festa. Nabira preparou com muito carinho a comida especial que se fazia para êsse evento: uma infusão de trigo em grão, cozido em água de flor de laranjeiras com caroços de romã e frutos de pinheiro.

Na noite dêsse dia, ela anunciou ao marido estar grávida outra vez.

NASCEU MAIS um filho. Um ano depois mais um outro. Abdo e Yussef. Na arca da sala de visita acumulavam-se as economias que transportariam a família para um mundo novo. Nassim ainda não tivera coragem de contar ao pai sua pretensão de emigrar. Não lhe passava pela cabeça, deixá-lo no Líbano, sucumbido e solitário, esvaindo-se-lhe a vida pela ferida incurável que a partida dos seus lhe causaria. Sabia que o velhinho sentiria muito ter de abandonar a casa onde vivera, os amigos, a sua terra tristonha, porém querida. Aos velhos, as aventuras apavoram... Por isso poupava-lhe, enquanto possível, o conhecimento de seus planos.

NUM DOMINGO de outono frio e triste, amarelo no sol, amarelo na vegetação, amarelo na terra rochosa, Nassim e Nabira abriram a arca de cedro que ficava na salinha, bem embaixo dos retratos do Czar e da Czarina, para contar suas economias. Nassim contava e recontava as moedas, cheio de gôzo, certo de que com o ganho da próxima colheita, poderiam emigrar. Disse à mulher, apertando-lhe com força e ternura a mão áspera e calosa, que nesse outono, fariam sua última colheita. Depois, venderiam a propriedade, para engrossar o capital e partiriam para o Brasil. Falara com muita gente na sua última viagem à Beiruth e chegara à conclusão de que o Brasil, menos procurado por emigrantes do que os Estados Unidos, apresentava melhores possibilidades para fazer fortuna rápida.

Nabira estava contente, excitada, embora se misturasse à sua alegria, a prematura saudade da casa, na qual fôra sempre feliz. Engraçado, sabia que sentiria mais saudades da casa e do vergel, onde costumava costurar às tardinhas, do que de sua mãe e suas irmãs. Parecia ter-se concentrado no marido e nos filhos sua capacidade de amar criaturas humanas. Pelos outros, sentia carinho, carinho vago entretanto, como se fôssem sombras, às quais estivesse habituada.

(Continua na pág. 50)

VANJA ORICO, CANSADA DE SER ÍNDIA

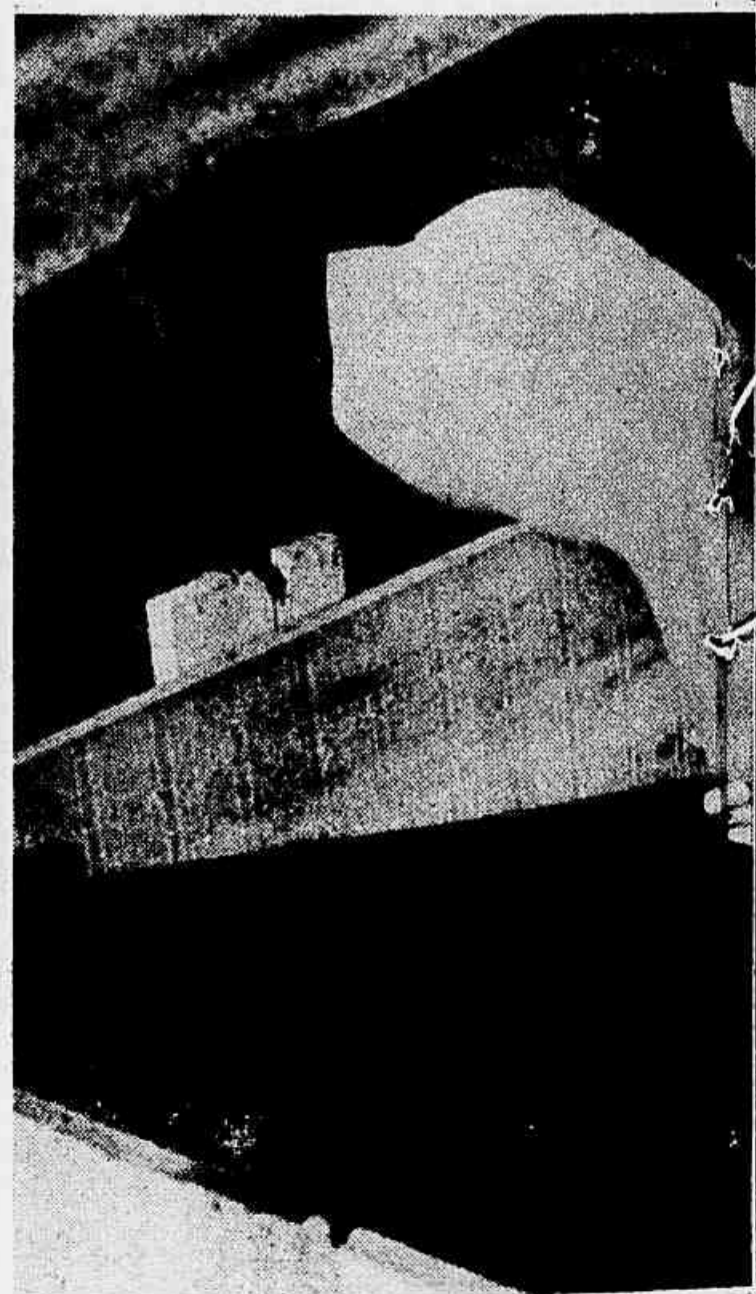
**- AGORA,
QUERO SER
GENTE COMUM !**

Chega de papéis característicos. Agora, eu queria fazer uma comédia bem luxuosa. Em Hollywood, naturalmente.

HUGO SÉRGIO KOATZ



Em "Paris Music-Hall", seu sétimo filme, Vanja dança um frevo estilizado. Grande sucesso.



Em "SOS Noronha", a atriz con



tracena com Jean Marrais e Lewgoy. Faz o papel de nativa.

VANJA ORICO é a brasileira que possui a filmografia mais viajada desta praça. Já trabalhou com italianos, franceses, alemães e participou de produções internacionais por excelência, como "Rosa dos ventos", que se divide em cinco episódios, um de cada país diferente.

Desde a inesquecível Carmen Miranda, Vanja Orico foi a atriz do Brasil que obteve maior projeção no cinema estrangeiro. Se aludimos ao cartaz com que conta hoje na Europa ela, sem "máscara", vai desconversando:

— Vocês precisam ver como o Lewgoy está firme na França!

Mas nós todos podemos observar que a celebridade que Vanja conquistou, interpretando papéis característicos, tem seu lado desvantajoso. Todo filme em preparo, que tenha uma personagem feminina exótica, significa um convite à Vanja. E a moça cansou. Não quer ser "índia" eternamente. Por isto está em plena fase de dizer não. Recusou um papel em "A filha do fogo", cinemascopo de Alfred Rode; outro aqui recém-exibido — "A mais bem despida", papel que foi aceito por Dora Doll. A última proposta que recebeu e rejeitou foi a de um produtor alemão que queria contratá-la para ser a "mestiça" de um filme a ser rodado na África.

Ela se justifica:

— Quero viver gente comum. A secretária tímida de "Paris music-hall" foi a primeira chance que tive neste sentido.

Sem pestanejar, falando encantadoramente depressa:

— Sabe o que me agradaria? Fazer uma comédia musical bem luxuosa, como as americanas.

— Em Hollywood?

— Claro! Quem é que não quer?!

Pedimos a Vanja que nos conte como entrou para o cinema. Ela começa falando ainda mais rápido e se divertindo com os fatos que narra:

— Eu estava em Roma, estudando no Conservatório e vivendo num pensionato, dirigido por irmãs religiosas. Um belo dia, passando na rua, vi uma filmagem: eram Lattuada e Fellini rodando cenas de "Mulheres e Luzes". Fui até Bianca, irmã de Lattuada, e perguntei-lhe se não queriam uma cantora e dançarina para o filme.

É fácil imaginar Vanja, um azougue, "resolvendo" entrar para o cinema. Tocou violão para Lattuada, cantou, dançou e foi contratada incontinenti. Daí, poderemos vê-la na cigana descalça que errava por Roma, a cantar "Meu limão, meu limoeiro" e "Coplas" (composição sua).

Vanja sorri:

— O filme também foi um ótimo pretexto para que eu deixasse o convento. As rodagens eram noturnas e mamãe foi obrigada a alugar um apartamento especialmente para mim, por apenas seis dias!

— E depois desta primeira experiência?

— Vim para o Brasil, participei de "O Congaceiro" e todos sabem a história. Talvez só não saibam que, durante uma filmagem, caí do cavalo num pântano de areias movediças, e se não fôsse o socorro urgente da equipe, nem sei!

— E qual foi seu terceiro filme?

— "Paixão das selvas", germano-brasileiro, que acho o pior da minha carreira. O argumento era muito fraco.

Vanja não sente prazer em falar neste filme, e passa para o seguinte. É "Yalis", ao qual se refere com animação. Conta que foi dirigido por De Robertis, um veterano realizador da Itália, em que ela contracena com Ettore Manni, galã de cartaz na Península. Yalis é uma índia carajá que se apaixona por um jornalista italiano, que acaba por levá-la à Roma. Mas lá, em contato com a civilização, Yalis se desilude, e decide regressar à sua tribo.

Vanja comenta o filme, achando a parte brasileira "muito boa".

— Tivemos três meses de filmagem em Mato Grosso e tudo correu muito bem. A não ser, é claro, o ataque de duas onças de que eu e minha tia fomos vítimas. Nem queira saber!

— Ataque de onças!? E como escaparam?

— A sorte foi estarmos perto do acampamento. Era noite e corremos para junto da fogueira, que foi a salvação. Elas se assustaram com o fogo e fugiram.

— E a célebre visita que você fez, caracterizada, à tribo dos javaés?



Com uma série de incidentes pitorescos já conta a estrêla na sua carreira cinematográfica: ataque de onças, que italiana dirigida por De Robertis, e realizada em Mato Grosso, faz Vanja o papel de uma índia Carajá. A direita:

Um curioso encontro nas ruas de Roma com a equipe de Lattuada e P

Os bonitos olhos de Vanja se iluminam quando sorri:

— Pois não é que um dos javaés pensou que eu fôsse carajá mesmo? Tomou-se de amôres por mim, me propôs casamento, e só a muito custo convencemo-lo a me deixar partir!

— Em seguida a "Yalis", ainda aqui no Brasil, você fez "Rosa dos ventos", não?

— Sim. Era um filme composto por vários episódios, um de cada país. Particpei do brasileiro, dirigido por Alex Viany, com supervisão de Cavalcanti. O filme não foi exibido no Brasil por não termos relações diplomáticas e comerciais com a Rússia. É pena, pois gostei muito do meu papel. Talvez tenha sido o melhor que já me deram. E o episódio brasileiro foi considerado o segundo melhor do filme, logo atrás do chinês, por quase tôda a crítica européia.

— Guarda então boas recordações de "A rosa dos ventos"?

— Ótimas. A história é muito bela e séria: trata do problema das sêcas e migrações. Foi um filme do qual particpei com tôda a alma. Mas não passei sem um susto. Desta vez foi durante os intervalos de filmagem. Perdi-me na caatinga (as rodagens eram no nordeste) e não havia meio de achar o caminho certo. De repente, do meio dos intermináveis cactos, vi surgir um lagarto e-n-o-r-m-e (ela mostra o tamanho), enchendo o papo para os lados de um jeito engraçadíssimo (ela faz com os braços o jeito do papo do lagarto). Nunca vi coisa igual!

— Quer dizer que você achou graça?

— Graça!? Quase morri de medo!

Teresa, que é empregada da casa há dez anos, vem servir um cafêzinho. Vanja começa a brincar com ela. Faz-lhe festas e graceja com uma alegria pura de criança. Ou, mais exatamente, com a naturalidade impulsiva própria do europeu. É onde se nota — no lado mais espontâneo — a educação européia de Vanja.

Ela conta que Teresa é cria da casa. Casou-se, mas não mudou. Mora lá com o marido. Vanja diz radiante:

— Teresa não abandona a família!

Depois assume um ar travêso:

— Estou para ter um afilhado... não é Teresa? — arremata, falando com mais rapidez e ainda maior encanto.

Teresa sai, rindo, um pouco envergonhada.

Retomamos o fio das perguntas. Queremos completar a história de Vanja no cinema.

— Bem, depois você estêve na França?

— Sim, foi quando me contrataram para "SOS Noronha" e "Paris music-hall". Acho "SOS", com todo o respeito, frustrado pela excessiva preocupação do diretor pela parte documentária do filme.

— E "Paris music-hall"?

— O filme mais cacete que fiz. Em todo caso, parece ter agradado muito porque é leve, despretencioso e divertido. Deu muito dinheiro.



de onças, queda num pântano de areias movediças, extravio nas caatingas do Nordeste... Em "Yalis", produção já. A direita: Yalis, já civilizada, no Coliseu de Roma. Neste filme, o quarto, Vanja contracena com Ettore Manni.

Vanja e Fellini - e Vanja se vê, de repente, elevada ao estrelato europeu.

Perguntamos-lhe sobre a famosa baiana com que atravessou as ruas de Paris.

— Ah, isto foi no ano passado. Atendi a um convite do "France Soir" que me pedira algumas fotos vestida de baiana. Minha baiana era autêntica e foi desenhada por Caribé. Subi ao Sacré-Coeur, em Montmartre, e lá foram batidas as fotos, que foram distribuídas para todo o mundo. Foram publicadas inclusive nos Estados Unidos. Foi apenas isto e não uma passeata de baiana, como você estava falando...

Pedimos desculpas pelo engano e indagamos dos seus planos, no cinema, para o futuro.

— Daqui a dois meses farei "Joana", argumento inspirado na "Lenda do bôto", de papai (Osvaldo Orico). O diretor será Ruy Guerra, um jovem realizador português, formado pelo Idhec e que foi assistente de Jean Renoir. A supervisão será de Galileu Garcia, que trabalhou no "Cangaceiro" e a fotografia de Chick Fowle (Vanja faz questão de dizer que Fowle é o segundo do mundo em branco-e-prêto). Os diálogos foram preparados por Pierre Pellegrini, um dos bambas do atual cinema francês e a música será de Waldemar Henrique. Pedimos que Vanja nos conte, em linhas gerais, a história. Ficamos sabendo que Joana é uma moça da Amazônia, criada no meio das superstições e tabus, que lhe desfiguram a realidade das coisas. E é também o drama da mãe solteira nestas paragens do Brasil.

O olhar de Vanja, dono de grande clareza, aumenta seu poder de luminosidade. Seu entusiasmo é crescente:

— Os franceses se deslumbraram com o argumento e queriam fazer o filme em cores. Mas a crise política na França estragou tudo. Teremos que fazê-lo sozinho e em preto-e-branco. Mas espero que saia bom. Cenário e produção já tem um ano de preparo!

— Onde serão as rodagens?

— Em Belém do Pará. E está prevista a filmagem da procissão de Nazaré, de mais de 200 mil almas, com quatro câmaras.

Vanja corre para um armário, abre a gaveta, revolve-a agitada e depois de curta procura retira um grande caderno. É o "script" de "Joana". Está escrito em francês, e ela nos vai traduzindo alguns trechos fluentemente, em voz alta. Os episódios que Vanja escolhe para ler parecem-nos realmente muito bons e de grandes possibilidades. Vanja está enamorada do papel, nota-se com facilidade. É um papel "universal" como ela diz, "poderia ser de uma moça irlandesa ou chinesa". Deixemos que Vanja estude sua parte com carinho, que esta será certamente a maior "performance" de sua carreira. E que poderá dar ao Brasil um prêmio internacional (já que o filme deverá concorrer à um dos Festivais de 59: Vanja, "Joana" e o Brasil, rumo à Veneza ou Cannes.

CONTO

TIA

LAUSIMAR LAUS



VIDINHA

NOSSA CASA ERA DOCE, era deliciosa. Difícil ver uma casa assim. Tanto nas tardes como nas noites, dias de sol, dias de chuva, ela guardava sempre aquele aconchego de ninho plumoso, de contato aveludado.

Meu pai gostava de usar o colête preto. Minha mãe enrolava as duas tranças sobre o alto da cabeça e quando elas caíam — nunca me esqueço do seu gesto — cuidava de arranjá-las logo.

Tia Vidinha, tio Luís, primo Roberto. Todos três uns amôres de amigos nossos. Minha mãe sempre elogiando tia Vidinha. Ela estava sempre em nossa mente como qualquer coisa extraordinária. Em nossa conversa íntima de gente feliz, era a flor que ficava no centro, perfumando e enfeitando. Enfim, ela estava em nossa alma, em nossa alegria, em nossas palavras. Nós quatro, minha mãe, meu pai, Vilma e eu, éramos loucos por ela. Quanta vez em seus devaneios minha mãe se lembrava com ternura de que ela quisera criar Vilma. A menina nascera tão linda e ela adorava meninas. Só tinha o Roberto... E só não levou a garôta porque eu chorei três dias inteiros com raiva do egoísmo de tia Vidinha. Foi a primeira vez que tive zanga por ela. Afinal, tantos anos esperando uma irmãzinha e agora vinha tia Vidinha roubar a minha ternura. Jurei chorar tôda a minha vida se ela levasse Vilma. Minha mãe falava, enquanto eu, sentada na beira da cama, me diluía em ciúme.

— Para Vidinha eu era capaz de dar, sim.

Meu pai, com aquela ruga funda na testa, olhando a mãozinha de Vilma brincando no ar como se quisesse pegar alguma coisa invisível, parecia refletir nas palavras de minha mãe.

— Terias coragem?

— Ora, Paulo, Vidinha e eu somos quase a mesma pessoa. A casa, pode-se dizer é a mesma. É só atravessar a rua... quem está ali, está aqui.

— Embora, não acredito que serias capaz...

Minha mãe ria um riso franco, fruindo a nossa emoção por Vilma. Eu tinha nove anos e media palavra por palavra. Vontade de roubar Vilma. Levar para uma caverna distante como nos contos de histórias. Vilma era qualquer coisa de minha. Pertencia há muito à minha imaginação, ao meu pensamento. Tôdas as crianças tinham irmãos. Só eu não tinha. Só eu vivia como Roberto, rezando, rezando tôdas as noites para ganhar alguém que me ajudasse a tratar do Mimo, o velho gato que tinha a minha idade. Meu pai o trouxera para a casa quando eu nasci. Sim, nada haveria que me fizesse separar de Vilma. Ela estava nas minhas mãos quando eu brincava sôzinha, muito antes de nascer nos braços de minha mãe. Fui eu que a busquei, fui eu que a chamei. Até o nome já tinha. Minha mãe achou feio, mas eu pedi tanto e contei que quando falava sôzinha e ela me reprendia por isso eu não estava só. Era Vilma brincando comigo. A Vilma que eu desejava no meu imenso delírio de ter uma irmã.

Fazia um mês que minha mãe me dera Vilma. Estava linda de vestido azul. Meu pai também estava de roupa nova. Onde iriam? Ana me puxou pelo braço e salu comigo para a varanda. O cheiro de jasmim me fazia um arreplo. O jasmim invadia a casa. Era aquele cheiro que senti quando encontrei Filó deitada na sala do Lula, tôda branca, enfeitada de jasmim, e todos choravam nos cantos da sala. Alguém me falou que Filó morrera. Morrer... que é morrer? Como será morrer?... Desde aquele dia não podia cheirar jasmim. Ele parecia o cheiro misterioso da morte...

PETRONIO

CORRI PARA A VARANDA E SENTI O CHEIRO DA MORTE...

Mamãe voltara de tarde. Meu pai estava silencioso. A ruga da testa sempre mais funda.

Amanhã terás o resultado, velha. Descansa. Não há de ser nada. Tolice pensar em coisa pior. Não há de ser nada, se Deus quiser.

Minha mãe chorava. Desde que a vi chorando, comecei a espiar. Algo se estava passando em minha casa. Tudo era doce, a mesa tão alegre, tia Vidinha sempre ali, e agora... seria por causa de Vilma? Seria o quê?

Meu pai levantou-se várias vezes na noite. Ouvi a tosse de minha mãe e o sono foi embora como água derramada na areia.

No dia seguinte um homem alto tocou a campainha... corri pela varanda e senti o cheiro da morte que vinha do caramanchão dos jasmims. Fui espiar sem que ninguém me visse. Meu pai abriu a porta da sala, cumprimentou o homem com a cabeça, recebeu dele um envelope grande, e o homem se foi. Abriu depois o envelope, leu alguma coisa, guardou de novo e escondeu atrás de si. Foi entrando devagarinho para o quarto de minha mãe. Nunca mais minha mãe me beijou. Meu pai parece que se esquecia de mim e de Vilma. Vilma passou para o meu quarto e só Ana tratava da gente. Eu jurava que alguma coisa triste se estava passando ali, mas não podia adivinhar o que fôsse.

Não sei me lembrar muito. Apenas que o perfume da varanda aumentava, e uns dias depois eu vi minha mãe na sala, tal qual a Filó na casa de Lula. Tia Vidinha estava em São Lourenço. Nunca mais veria minha mãe, e eu pensava que assim teria sido melhor. Tia Vidinha talvez morresse com a morte de minha mãe. Que ingênua confiança no amor de tia Vidinha!

Eram iguais todos os dias. A côr do céu, as mesmas árvores. Meu pai olhava fixamente à janela e seus olhos eram duas aves que se intrometiam pelo espaço afora, em busca de minha mãe que se fôra. Cada dia que passava eu sentia que meu pai definhava. Pensamento longe, vazio, distante... Na cadeira de balanço, era como marcar as horas que se iam ligeiras. Pam, pam, pam, dentro da noite também. Esse bater se misturava aos meus sonhos cheios de minha mãe, tia Vidinha, Vilma...

Meu pai estava doente. Aquela tosse parecia um fantasma dentro da noite, teimando, teimando... Quando eu já me tinha esquecido do cheiro forte e antipático do jasmim, êle voltou como um gênio mau. As primeiras flores, minhas primeiras ânsias de medo. Aquêlê cheiro me deixava esquisita, triste, fazendo voltar o meu pensamento à figura de Filó, deitada na sala do Lula.

Meu pai tossia sempre mais. Um dia despediu-se, dizendo que ia ao médico. Ficamos as duas, só com Ana. Que estação de águas tão grande que tia Vidinha estava fazendo... tanto tempo e não voltava nunca... talvez não tenha jamais havido uma espera tão grande em minha vida, como aquela de esperar tia Vidinha.

De manhã ouvi a voz do jardineiro. Era um velho bom, com um sotaque português, que sempre me trazia balas.

Corri para o jardim e vi Ana falando com êle. Meu pai tinha ido para um sanatório. Foi o que ouvi. E aquêlê cheiro de jasmim aumentava. Pedi ao jardineiro para cortar o jasmim. Êle riu e passou a mão pela minha cabeça. O jasmineiro continuou lá como qualquer coisa de agoureiro, qual sinal de terror, de fúnebre.

Alguns meses mais tarde fomos levadas por Ana a uma fazenda em Minas. Fomos como para um passeio bonito. Mal podíamos adivinhar que já não tínhamos a nossa casa e que meu pai já não estava vivo. Pensava em meu pai e continuava a ver minha mãe de azul, com as duas tranças por cima da cabeça, e a alegria de nossa casa antes de Vilma nascer. Naquele tempo eu só podia desejar Vilma. Agora, quantas coisas vivia desejando... A fazenda fôra alguma coisa de novo para mim. Coisas inéditas trouxeram, durante algum tempo, a minha cabeça ocupada. Sempre, porém, meu pensamento tornou-se mais de Vilma que de outra qualquer coisa. Lá na fazenda tinha de chamar tia a uma velhota gorda, que até hoje não sei dizer se ela era má ou boa. Uma dessas criaturas estranhas que resmungam, xingam, e escurraçam

a tôda a hora. Aquela tia saía muito a contragosto, mas enfim, dali estava vindo ainda alguma coisa para que não ficássemos na rua. Se ela ainda fôsse como tia Vidinha, pensava. Tão gentil, tão carinhosa, de maneiras tão delicadas, assim seria muito melhor...

Meu pensamento, enquanto catava feijão nas tardes, voava para a Rua das Laranjeiras, para a nossa casa, tudo... e tia Vidinha? E Roberto? E o tio Luís? Mas tudo era o silêncio. Nunca mais... Foi como se jogasse uma pedra no rio, tal a rapidez como tudo se tinha passado. A amizade de tia Vidinha, a nossa casa, minha mãe e depois meu pai. Eu continuava pensando em Laranjeiras e na ternura que ainda existia por tia Vidinha.

Um dia Vilma teve febre. Assustei-me horrivelmente. Teve febre mais outros dias. Começou a ficar pálida. Já não se alimentava. A tia gorda da fazenda estava aflita e sentiu que precisava um médico. Devíamos vir ao Rio para consultar e depois voltássemos; já se acostumara com a nossa companhia. Ia sentir falta. Queria que voltássemos. Dei o primeiro beijo na tia gorda da fazenda, e na véspera do Natal, Vilma com seis anos e eu com quinze, empreendemos a grande viagem para o mundo da realidade da vida.

Voltamos à rua das Laranjeiras. A única coisa que me ocorrera fôra a casa de tia Vidinha. A minha tábuca de salvação era o quarto que ela havia arrumado em sua casa e quando eu queria ir dormir lá, dormia. Era meu, como em minha casa. Chegamos como autênticas defuntas, tal era o nosso cansaço. Batemos. Eu tremia quando pus a mão na campainha, só de emoção. Jurei não olhar para a casa que fôra minha, mas qualquer coisa me chamava de leve e eu chorei de alegria quando a vi. Parecia que ia ter um ataque quando visse tia Vidinha, tal era a minha certeza que nela estava tôda a minha salvação. Veio primeiro Roberto. Calças compridas, meio homem, meio estranho. Logo após tia Vidinha, tio Luís. Estendi a mão, chorando, para tia Vidinha. Mas a minha vontade era me agarrar ao seu pescoço. Era como se visse um pouco de minha mãe. Tia Vidinha, meio diferente, não ligou minha mão. Olhava desmesuradamente Vilma, como se estivesse assistindo à morte de alguém. Indagou, indagou e disse:

— Não. Esperem aí.

Chamou Roberto para dentro e tio Luís, enquanto ficamos esperando na porta da rua. Ana com Vilma nos braços e eu ainda segurando a maleta pequena. Eu tremia, acompanhando a tremedeira de Vilma em febre alta. Só melhorei da tremedeira quando me vi debaixo do assoalho da casa de tia Vidinha. Uma cama improvisada para Vilma, em cima de uns caixotes de que-rosene, e eu, muito comprida, só podia ficar recostada no colo de Ana para não bater com a cabeça no teto que tia Vidinha nos tinha emprestado para aquela noite, que passei velando Vilma em delírio. Havia um cacho de bananas pendurado amadurecendo. Os meus olhos se fixavam nêle, enquanto interrogava a mim mesma como se pode chegar a conhecer alguém. Ana foi à cozinha, buscar água para a sede de Vilma. Contou-me tudo. Tia Vidinha dissera que Vilma estava tuberculosa. Trouxera a doença de mamãe. Nascera quando ela começou a sentir-se doente... mandara-nos para o porão com medo dela...

— Você tem medo, Ana? — falei.

— Bôba, você menina. Medo de quê? Tadinha...

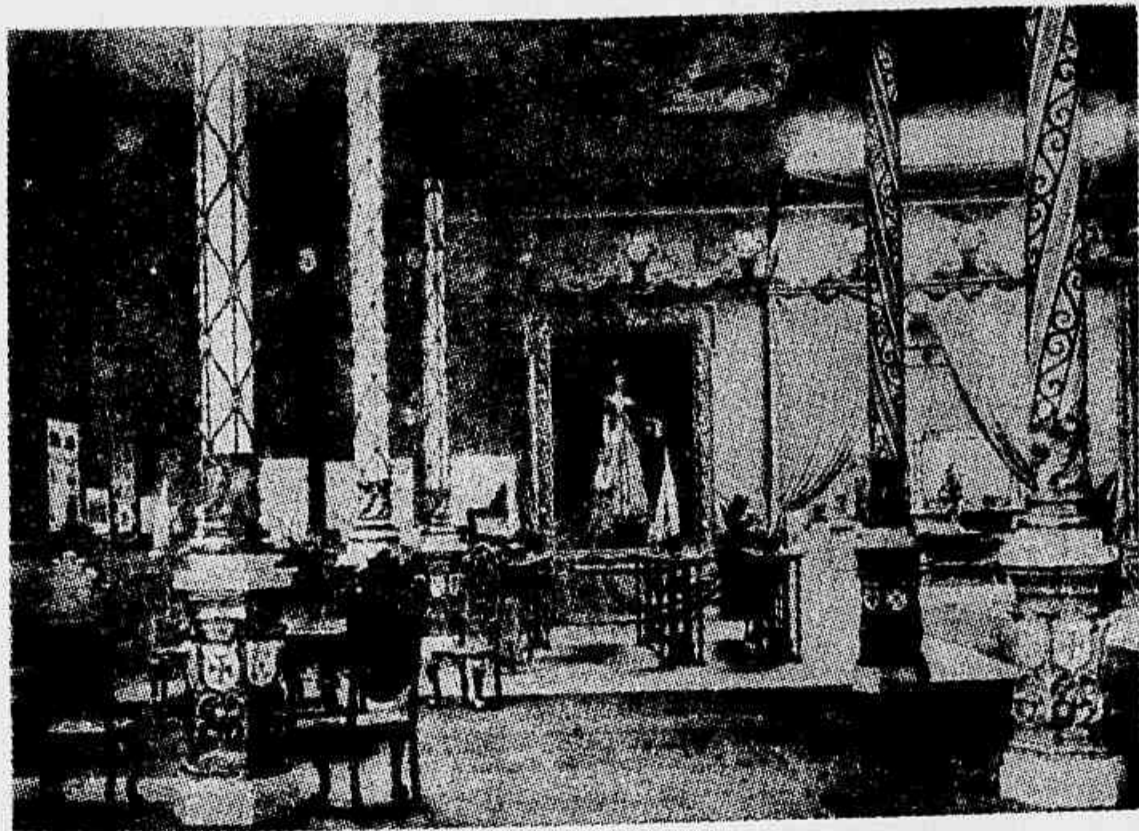
Eu beijei Vilma e ela também.

No dia seguinte bem cedo já havia um carro para nos levar dali, como se fôssemos os piores males do mundo. Rumamos para o hospital e ninguém da casa veio para despedir-se. O cheiro de jasmim vinha outra vez do outro lado da rua, da casa que outrora fôra nossa casa. Tapei o nariz com o lenço e o carro deslizou pela rua movimentada. No hospital começaram as pesquisas. Exames, mais exames. No dia seguinte o diagnóstico: Vilma tinha impaludismo. Isso queria dizer que eu não era tão infeliz. Chorei aflita e beijei o rosto do médico. Beijei Ana, beijei Vilma, como se a vida me chegasse outra vez, depois de ter morrido. Quando o meu pensamento voltou de novo, normal e sereno, eu senti que tia Vidinha tinha ficado em minha vida, uma espécie de cheiro de jasmim...

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 30 de agosto.

É AINDA A EXPOSIÇÃO NACIONAL que serve de motivo à crônica de abertura deste número, assinada por Mendes Júnior. Refere-se êle, desta vez, a visita dos argentinos: "A exposição Nacional Brasileira devia tentar a curiosidade dos nossos vizinhos tão ciosos da sua supremacia continental e era já para estranhar que Buenos Aires não tivesse mandado para cá algum censor ou crítico. Felizmente, em vez de enviados officiosos e ociosos, estão entre nós representantes da cidade de Buenos Aires, isto é, os seus intendentés municipais. Aqui desembarcaram êles, na semana que finda, tendo a dar-lhe as boas vindas um destes dias muito brasileiros cheios de luz, de vida e de calor, que alegam a alma humana, que deleitam o individuo, tudo lhes fazendo aparecer banhado de intensa claridade, a refulgir de um brilho extraordinário."



Salão principal do pavilhão. Ao fundo, o retrato de Sua Majestade, a rainha D. Amélia.

QUATRO PÁGINAS se seguem, cobertas de fotos com flagrantes de banquetes, inaugurações de novos pavilhões da Exposição — inclusive o português de Belas Artes, com vastos salões magnificamente decorados com cortinas, grandes quadros, belas colunas, miniaturas de barcos. A página internacional é dedicada à Turquia, que desde o 24 de julho tem uma Constituição em vigor — o que

a Revista considera "um fato inesperado para o mundo inteiro", explicando: em 1876, o Sultão Midhat Pachá proclamara uma Constituição que, infelizmente, fôra letra viva apenas durante algumas semanas. Naquela data, entretanto, Abdul-Hamid, por um decreto, pusera novamente em vigor tal Constituição. "O golpe de teatro" — informa — foi prece-

"Esta recepção que fêz aos nossos hóspedes a natureza — prosegue o cronista — foi também auxiliada pela que lhes fizeram os homens: êstes mais ciosos do estômago que da pátria, julgaram que o melhor meio de ter juizes amáveis era o de cuidar em primeiro lugar do bem corporal e não trepidaram em preparar-lhes uma soberba indigestão, logo ao pisarem brasileira terra."

Mendes Júnior troca, em seguida, o tom de humor pelo crítico:

"Em qualquer outro país, onde houvesse tanta beleza a mostrar, tanta coisa para ser vista, os anfitriões certamente se teriam lembrado de oferecer aos seus hóspedes, não há dúvida, o que comer, mas tê-lo-iam feito em sítio onde ao mesmo tempo se deleitasse o corpo e rejubilasse a alma. Entre nós, não. Foi preferido, o centro da cidade, uma sala, como vista o frontispício dos prédios vizinhos, como única diversão um calorzinho, que não lhes devia dizer nada de muito agradável, e tudo isto numa cidade que possui os mais belos e os mais aprazíveis arrabaldes do mundo, os mais poéticos recantos."

E o cronista conclui:

"Pode ser que essa recepção tenha sido muito aceita pelos Intendentés de cá, mas tirem-se aos homens as suas funções de Intendentés e acreditamos sem medo de errar que aquêles teriam certamente preferido um almoço, cuja nota artística lhes ferisse mais a sensibilidade sentimental."

Já é, enfim, alguma coisa: começaram por comer, o que não é de todo mau, e dá uma tal ou qual confiança no bom-humor que os deve acompanhar."

dido de graves perturbações da ordem pública naquele país.

A viagem do presidente da República francesa — o sr. Armand Fallières, que deixou Paris com destino aos países escandinavos e à Rússia, também é motivo de uma série de fotos desse número da Revista.

Em plena seção de esporte, entre notas do Jockey Club, futebol, tiro e críquet, a Revista apresenta uma nota sobre o livro "Os Boruns", da autoria de um sr. Polly:

"Recebemos do sr. Alfredo Polly um interessante opúsculo "Os Boruns", no qual trata o seu autor de cenas e contos indígenas.

Escrito em primoroso estilo que lembra o de José de Alencar, êste livrinho de umas 50 páginas merece apurada leitura não só pelo seu estilo como pelo interesse que desperta no leitor. Melhor do que qualquer outra crítica basta para se avaliar do valor da obra a transcrição do que a respeito escreveram o "Jornal do Brasil", a "Imprensa" e o "Correio da Noite":

São as seguintes as "opiniões consagradas":

"O sr. Alfredo Polly enviou-nos um exemplar de um livro de contos indígenas, produções suas, escritas em linguagem encantadora, fazendo recordar o estilo primoroso de José de Alencar. O pequeno volume intitulado "Os Boruns" é digno de ser lido." (J. do Brasil)

E no "Correio da Noite":

"O sr. Alfredo Polly conseguiu enfeixar em um volume artístico quatro contos característicos do nosso sertão indígena. Do rápido vol d'oiseau que lhe lançamos nas páginas, mas ficou uma impressão que muito o recomenda."

Era assim há cinquenta anos...

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patentada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

FEMININAS



MODELOS
PARA
TÔDAS AS
HORAS

1



1 — DIOR — Gola redonda, ombros largos, cintura assinalada de leve. Próprio para pequenas recepções à tarde.

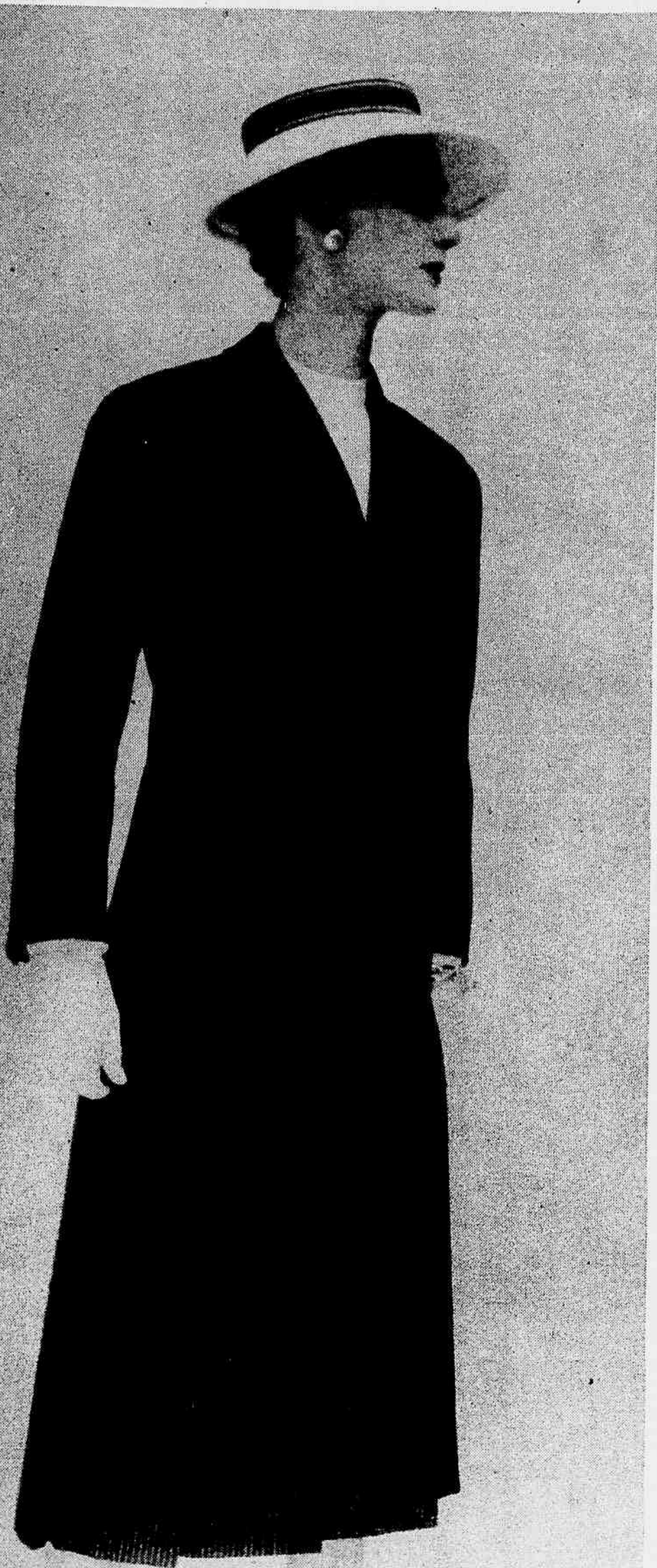
2 — LANVIN — Casquinho azul-marinho cintado, conforme em moda, fita de piquê branco na gola. Saia larga. Parte inferior das mangas em piquê branco.

3 — CLARENCE — Blusa elegante e prática em flanela bege, cinto largo da mesma fazenda, saia de tweed um pouco folgada.

4 — MICHÈLE LAMBERT — Vestido de flanela cinza escuro, gola rente ao pescoço, abotoado de cima até em baixo, e pulôver de jérsei vermelho com decote em ponta, saia de tweed lilás com pregas e bolsos.

FEMININAS

◆ **PIERRE CLARENCE** — "Tailleur" listrado, clássico e elegante, dois bolsos na altura da cintura ampla, saia com plissados em tôda a volta.



BONITOS CABELOS

NÃO É SUFICIENTE ir periódicamente ao cabeleireiro para ter bonitos cabelos. Convém aproveitar, enquanto a moda pertence aos cabelos curtos, para tratá-los, pois isso é extremamente fácil e quem não o fizer não terá desculpa por esse imperdoável desleixo. Convém não esquecer que entre os mais belos adornos naturais femininos, acham-se os cabelos.

Existem, agora, tanto nas perfumarias como nos cabeleireiros, produtos ou tratamentos, para qualquer fraqueza que surge nos cabelos femininos: produtos à base de ervas, plantas, de tutano, em diversos gêneros, para a utilização de massagens manuais ou elétricas benéficas para o couro cabeludo.

Os cabelos devem ter vigor, não quebrarem, ter brilho. Suas permanentes ou "mise-en-plis" são sempre mais bonitas quando o cabelo é bem tratado e de aparência sadia.

Uma permanente mal feita prejudica muitas vezes a saúde do cabelo. Procurar ensinar a seu cabeleireiro seria tarefa que aborreceria ao profissional que contribui para a sua elegância, mas convém, por exemplo, na hora de fazer uma permanente não deixar que os aparelhos fiquem por demasiado tempo por cima de sua cabeça.

Um cabeleireiro cuidadoso deve estudar uma mecha, de preferência no pescoço, por quanto tempo é preciso deixar os ferros quentes para enrolar o cabelo na cabeça de determinada cliente.

Um afamado cabeleireiro, que estudou com afinco os diversos tipos de cabelos de senhoras, disse-nos: "O tempo para esquentar os aparelhos (que varia, para cada cliente) nunca deve ultrapassar de 10 minutos, sendo que três de permanência na cabeça das freguesas. Dêste modo, as clientes conservam o penteado natural, não queimam os cabelos e podem renovar a permanente à vontade."

AS RUGAS, UMA PREOCUPAÇÃO FEMININA

Apesar de não existir estatísticas a esse respeito, são as mulheres e não os homens que têm a fobia das rugas. Mas, hoje em dia, se ainda não é possível evitar por completo as rugas do rosto, já se pode retardá-las por muito tempo.

O estado físico e moral da mulher muito contribui para o aspecto do rosto. As rugas são consequência de má saúde ou de muitos tormentos morais. E, também, em grande parte, da falta de cuidados especiais para com a cútis do rosto.

Depois dos trinta anos, a mulher deve pensar em nutrir a pele, assim como pensa em beber quando tem sede. Não se deve dispensar de passar um bom creme ou óleo pelo rosto e no pescoço. Convém passar igualmente, num movimento muito leve, um pouco de óleo especial ou óleo de amêndoas doces em redor dos olhos e sobre as pálpebras.

Com 3 a 10 minutos consagrados aos "cuidados de beleza" por dia, toda leitora prolongará o seu encanto por muitos anos.

Diversas vezes ouvimos senhoras dizerem: "Não me dou bem com produtos de Beleza". O uso de um produto, entretanto, é indispensável; sucede somente o seguinte: para certas senhoras, o produto de Beleza pode ser simplesmente uma gema de ovo utilizada como máscara, por alguns minutos, ou uma clara com algumas gotas de suco de limão, ou ainda água de rosas, óleo de amêndoas, etc.

O importante, porém, é não deixar a sua pele se ressecar ou em outros casos, não deixar os poros se dilatarem.

Limpar a pele e lubrificá-la é tarefa indispensável para conservá-la bonita. (Europress).

A PARTIR DE 21 DO CORRENTE, na terceira e última etapa do Festival que conta a História do Cinema Americano, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que promoveu e organizou essa mostra já com a duração de dois meses, vai apresentar uma seleção de filmes da mais recente safra hollywoodiana — todos (9) em "avant-première" no Brasil (ou no Rio) — como encerramento, um décimo filme, em "world première".

Nas duas etapas anteriores, o Museu inaugurou em sua sede uma grande exposição de material cinematográfico e histórico, que funcionará até o último dia do mês, e está concluindo o Ciclo Retrospectivo, durante o qual foram exibidos (na ABI) muitos dos filmes mais representativos do nascimento, desenvolvimento e apogeu do cinema silencioso e sonoro — uma longa relação, que vem de Edison, Edwin S. Porter, Griffith e Mack Sennett até o cinema, colorido e cinemascópico, que se faz hoje, e na qual estiveram presentes Charles Chaplin, Theda Bara, Buster Keaton, Harold Lloyd, Rodolfo Valentino, Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Greta Garbo, John Gilbert, Janet Gaynor, Charles Farrell, Marlene Dietrich, Gary Cooper, Jean Arthur, Paul Muni, Fredric March, os Irmãos Marx, Fred Astaire e Ginger Rogers, Rita Hayworth, Humphrey Bogart, Bette Davis e Katharine Hepburn, entre muitos outros. E, também, diretores como Erich Von Stroheim, Josef Von Sternberg, Frank Borzage, Murnau, John Ford, Frank Capra, King Vidor, William Wyler, John Huston e Orson Welles.

As nove "avant-premières", bem como a **première** mundial (que, pela primeira vez, será feita no Brasil), serão realizadas em cinemas ainda por anunciar. E tôdas as nove concorrerão a prêmios, como nos Festivais de outros países — 12 placas de ouro oferecidas pelo Itamarati. Um júri, composto de estudiosos de cinema, apontará os "melhores" das diversas categorias, e a entrega dos prêmios se fará na noite da "world première", quando será apresentado "Home Before Dark", com Jean Simmons, Rhonda Fleming e Dan O'Herlihy — dirigido por Mervyn LeRoy.

OS NOVOS CONCORRENTES

Disputarão os prêmios — reservados ao filme, ao diretor, à atriz, ao ator, ao ator e à atriz coadjuvantes, à música, à fotografia, ao **script**, sendo especiais os três restantes — os seguintes filmes:

Glória Feita de Sangue (Paths of Glory — United Artists), **Assim Caminha a Humanidade** (Giant — WB), **Os Irmãos Karamazoff** (The Brothers Karamazoff — MGM), **Amor na Tarde** (Love in the Afternoon — Allied Artists), **A Casa das Amarguras** (Ten North Frederick — 20th Century-Fox), **A Fúria da Carne** (Wild is in the Wind — Paramount), **Quando o Espetáculo Termina** (Stage Struck — RKO-Rádio), **Bom-dia, Tristeza** (Bonjour Tristesse — Colúmbia) e **Amar e Morrer** (A Time To Love and a Time To Die — Universal).

Não é fácil apontar os mais credenciados a obter um ou mais prêmios do Festival do MAM. Entretanto, a julgar pela recepção que tiveram êsses filmes lá fora e por outros elementos ainda (a qualidade do assunto, a classe do diretor), talvez sobressaiam diante dos juízes **Glória Feita de Sangue**, **Amor na Tarde** e **Assim Caminha a Humanidade**, dirigidos, respectivamente, pelo jovem Stanley Kubrick, Billy Wilder e George Stevens — embora compareçam ao certame outros diretores de classe, como Richard Brooks



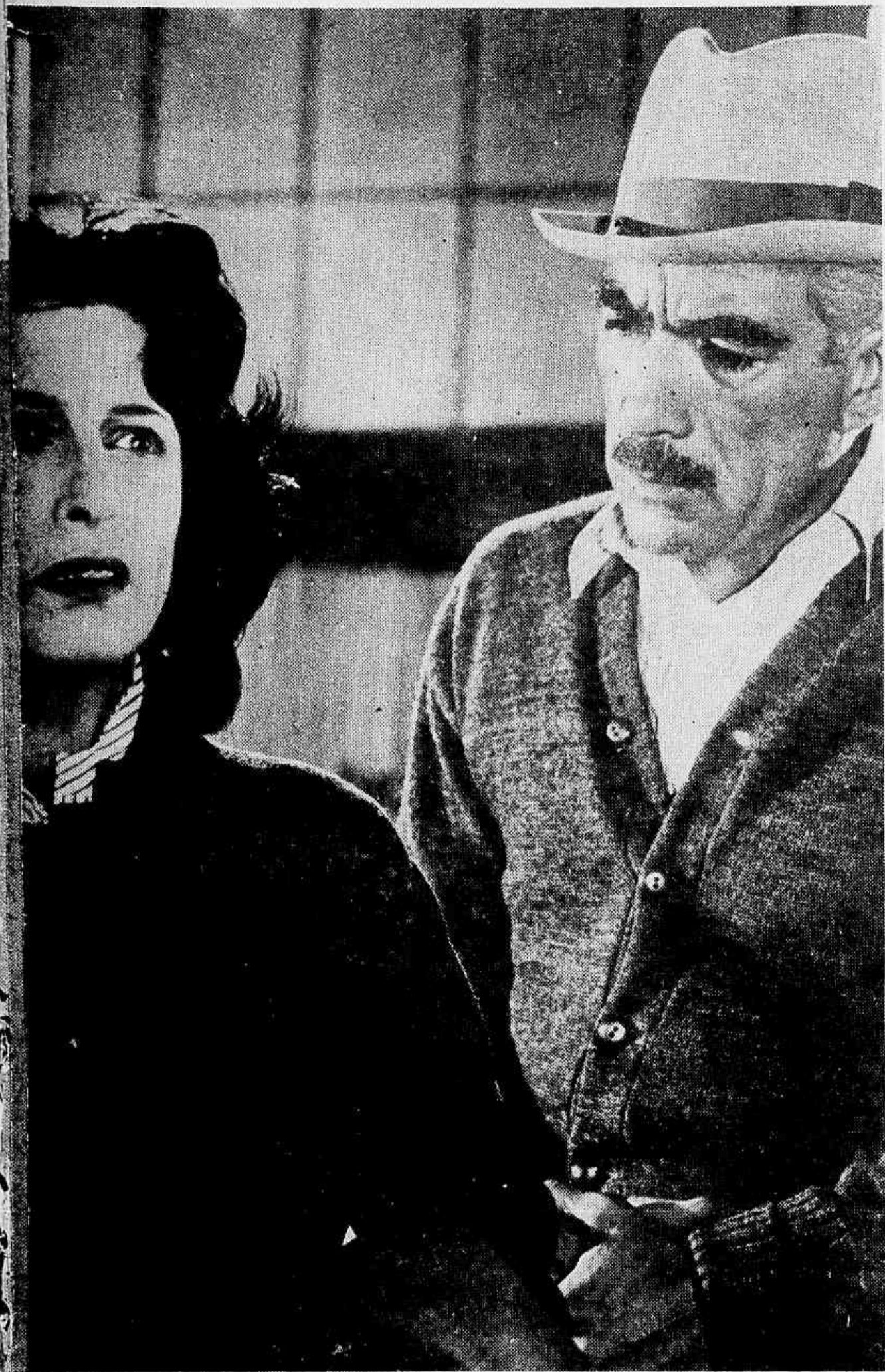
NOVE FILMES
À PROCURA
DE
UM PRÊMIO

AMOR NA TARDE

◆ A comédia sofisticada veio encontrar o seu grande representante, após a morte de Lubitsch, em Billy Wilder, que, aliás, foi amigo e colaborador (em Ninotchka) daquele mestre. Em Amor na Tarde, sua terceira comédia em quatro anos, Wilder volta a dar a Audrey Hepburn (a sua "Sabrina") a oportunidade que a jovem atriz prefere — porque Audrey é muito mais da sofisticação de que do drama. A história é antiga — chama-se "Arlane" sob a forma de novela e assim se chamou, também, quando foi levada à tela pela primeira vez, com Elizabeth Bergner. Na versão atual, sensivelmente alterada, e para melhor, ao que parece, Audrey é filha de Maurice Chevalier, êste é um detetive particular que, contando em casa os serviços que presta aos maridos ciumentos (e enganados), empurra a filha (sem imaginar o que estava fazendo) para o caminho do Don Juan internacional interpretado por Gary Cooper.

CINEMA

Grandes filmes em Avant-Première: "Os Irmãos Karamazoff", "Assim



A FÚRIA DA CARNE

◆ Anna Magnani, em seu segundo filme em Hollywood, faz o papel de mulher de Anthony Quinn — surgindo Anthony Franciosa, um rapaz criado por Quinn quase como filho, para formar o triângulo passional de A Fúria da Carne. A narrativa, oriunda de novela de Vittorio Nino Novarese, se desenrola em Nevada, onde Quinn, um próspero fazendeiro, casa-se com a irmã de sua falecida (e jamais esquecida) esposa. A "sombra da outra" traz o drama, com a insatisfação da Magnani, que, necessitando de amor, deixa-se levar pelo interesse, daí a pouca paixão, que lhe desperta Anthony Franciosa. Quando Quinn descobre tudo, Franciosa volta as costas à amante e esta se dispõe a voltar para a Itália. Mas não volta. O filme, além da personalidade de Anna Magnani e da classe de Anthony Quinn, tem a credenciá-lo a direção de George Cukor, via de regra firme e interessante.

BONJOUR, TRISTESSE

◆ O livro que fez a fama instantânea de Françoise Sagan foi filmado por Otto Preminger, um produtor-diretor permanente interessado em escandalizar (por enquanto em doses moderadas) os intrépidos funcionários do Johnston Office. Preminger foi à França para realizar sua nova aventura, levando os três intérpretes centrais — David Niven, o Don Juan de meia idade, tão encantador quanto irregenerável; Deborah Kerr, a pintora a quem Niven propõe casamento embora sem intenção de abandonar a sua boa vida; e Jean Seberg, "descoberta" (admirável) de Preminger, que a lançou como Joana d'Arc e que, em Bonjour, Tristesse, interpreta a filha de Don Juan, uma jovem de 17 anos e muitas aventuras. Na Europa, Preminger, homem de bom-gosto, não perdeu tempo, acrescentando ao filme mais duas mulheres interessantes: Mylène Demongeot (de As Virgens de Salém) e Juliette Greco.

"Caminha a Humanidade" entre êles.

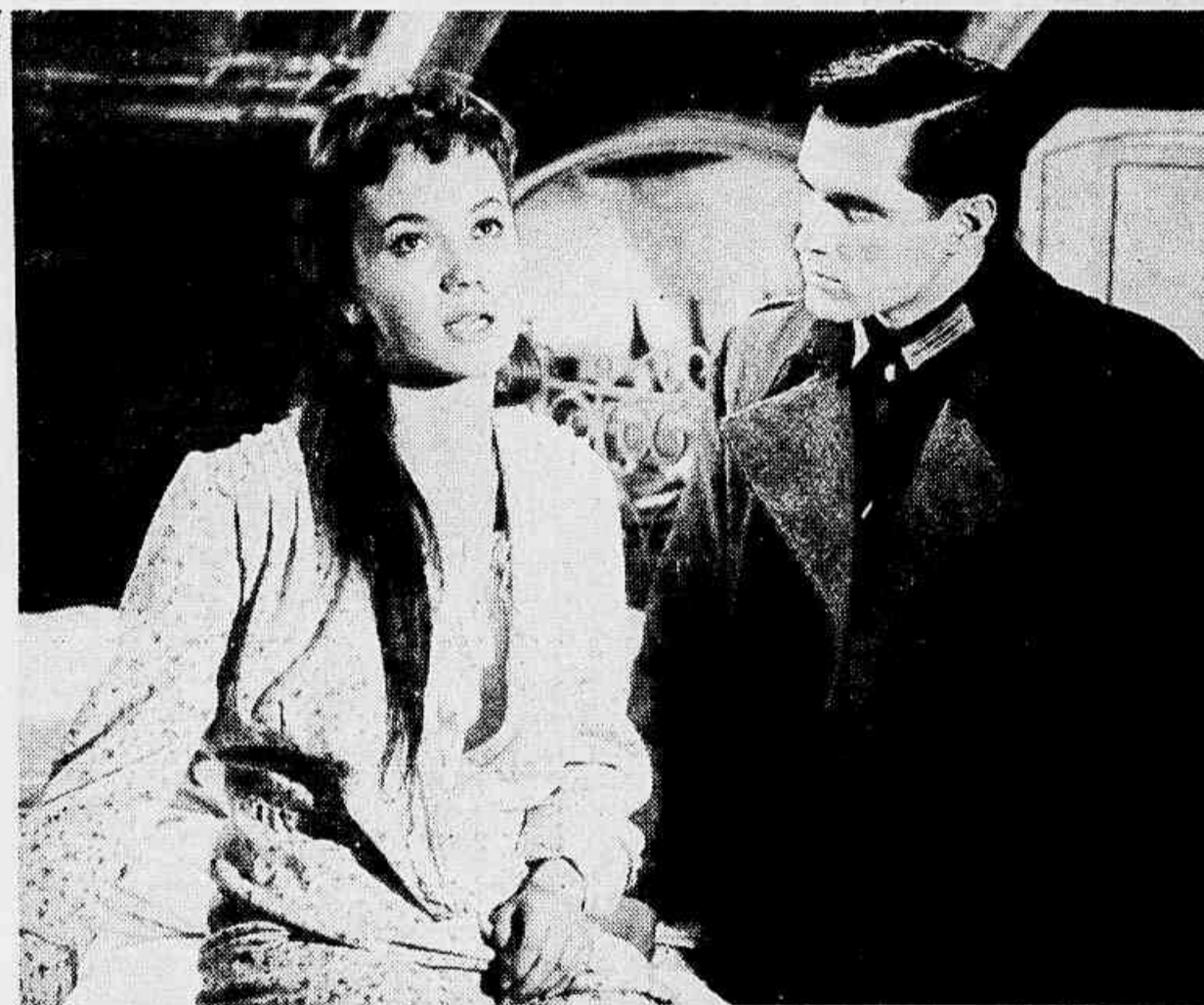
A CASA DAS AMARGURAS

◆ A novela de John O'Hara, "Ten North Frederick", foi adaptada à tela e dirigida por Philip Dunne — com Gary Cooper, o herói do filme que no Brasil se intitula A Casa das Amarguras, ao lado de duas das mais interessantes atrizes da "nova geração" da Fox, Diane Varsi (sua filha) e Suzy Parker (sua amante), enquanto o papel de sua mulher cabe à veterana Geraldine Fitzgerald. A história de O'Hara é a de um homem que se torna a vítima de suas próprias virtudes — aparecendo Gary Cooper, nesse papel, como o advogado, competente e honesto, que é levado pela esposa ambiciosa e egoísta a aspirar à presidência da República. A narrativa começa no dia do entêrro do protagonista, em 1945, vindo em flashback todos os incidentes que constituem a trama. Em papéis secundários: Ray Striclyn, Barbara Nichols, John Emery, Philip Ober.



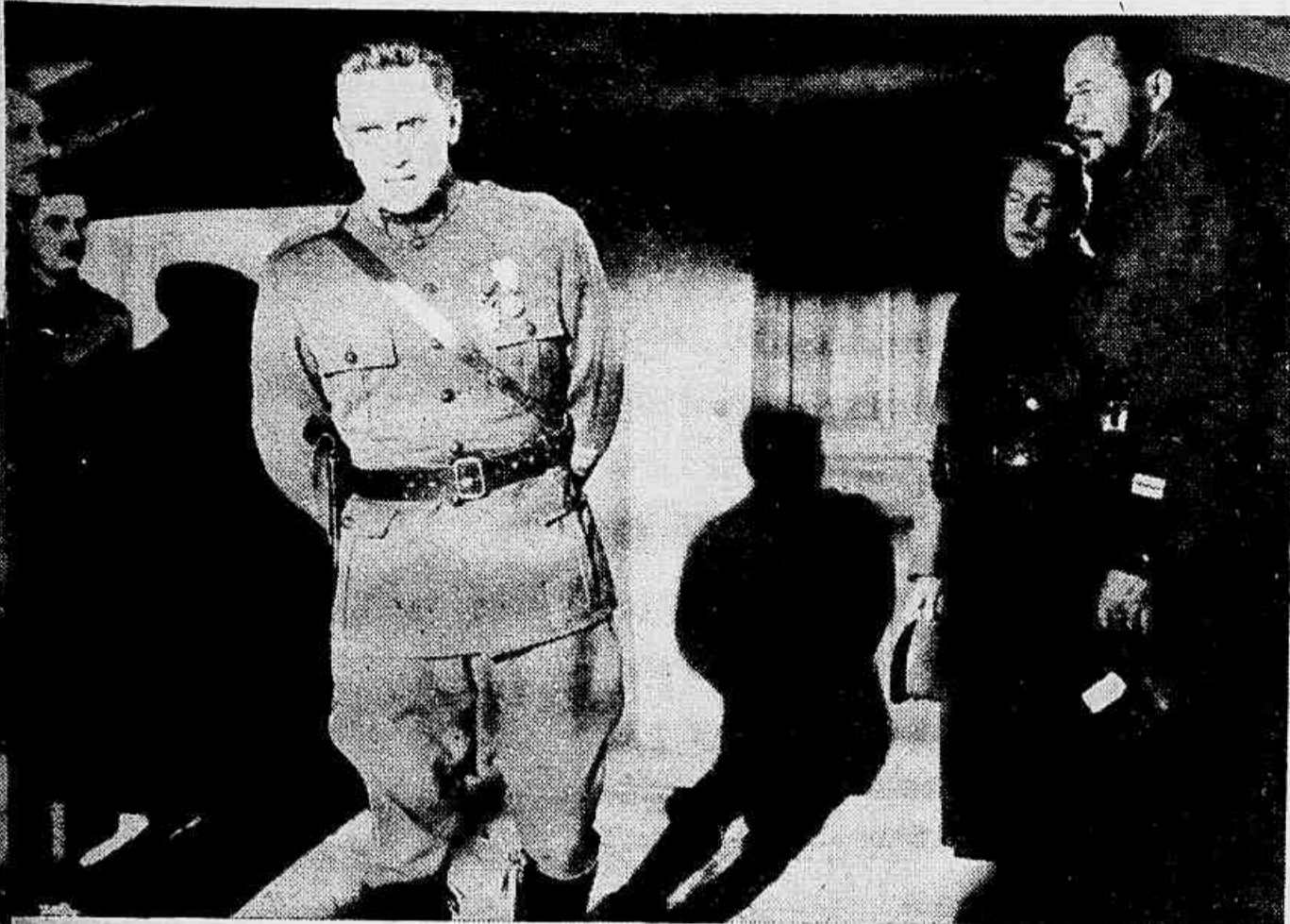
OS IRMÃOS KARAMAZOFF

◆ Yul Brynner, como Dimitri Karamazoff, e Maria Schell, como Grushenka, são os nomes de prestígio no elenco de Os Irmãos Karamazoff — que conta com outros, de menos popularidade, porém de mais talento do que, pelo menos, Brynner. E que são: Richard Basehart (Ivan Karamazoff), Lee J. Cobb (o velho Karamazoff) e Claire Bloom (Katya), além de dois outros, menos conhecidos, mas elogiados pela crítica estrangeira: Albert Salmi (como o bastardo e epilético Smerdyacov) e William Shatner (como Aliocha, o mais jovem dos três Karamazoff). A obra-prima de Dostoiewsky foi resumida em script por Richard Brooks, que também dirigiu o filme para o produtor Pandro S. Berman (MGM), com quem esteve em outros êxitos, entre os quais o ainda lembrado (especialmente nessa época de "transviados" e "rock'n'roll") Sementes de Violência.



AMAR E MORRER

◆ A especialidade de Erich Maria Remarque é a história de guerra, isso desde o êxito de "Nada de Novo na Frente Ocidental", novela que originou, há mais de 25 anos, um dos "clássicos" do cinema. De guerra, também, é a história de Amar e Morrer — mas de outra guerra, a II Mundial, com muitos de seus horrores. E, como o título indica, é também uma história de amor. O herói (John Gavin) é um soldado alemão no front russo, aí por volta da derrocada que teve início em 1944. A heroína (Liselotte Pulver), a moça com quem Gavin se casa, vive a sua tragédia mais atrás, à espera do marido — e viúva na cena final. O tom profundamente anti-guerreiro do filme, que teve Douglas Sirk como diretor, é bem de Remarque — e o autor, por sinal, também é ator, figurando entre os que coadjuvam a dupla central desta produção sem estrêlas.



GLÓRIA FEITA DE SANGUE

◆ Kirk Douglas é protagonista e co-produtor de *Glória Feita de Sangue*, a mais recente realização de Stanley Kubrick, o jovem diretor que revelou invulgar talento em fitas modestas, como *A Morte Passou por Perto*, de feitura amadorística, e *O Grande Golpe*, já em Hollywood. A ação de *Glória Feita de Sangue* se desenrola durante a Grande Guerra, ou mais exatamente, em 1916, tendo-se baseado o script no livro em que Humphrey Cobb denuncia um crime praticado pelo exército francês em nome da disciplina: o fuzilamento de três soldados, ordenado por um general a fim de que a lição sangrenta seja aprendida por todos os seus homens, por ele acusados (falsamente) de covardia durante uma missão suicida. Kirk Douglas é o coronel que se revolta contra essa atitude e tem de lutar quase só. O filme, por motivos óbvios, teve sua exibição proibida em todo território francês.



ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

◆ Depois de *Shane* (*Os Brutos Também Amam*), George Stevens dirigiu *Giant*, em maior escala épica do que aquele western, embora ninguém afirme que o cineasta tenha superado o seu triunfo anterior. Mas realizou, segundo opinião geral, mais uma obra de classe, não importando que os personagens centrais tenham sido vividos por Elizabeth Taylor (que Stevens já soubera usar em *Um Lugar ao Sol*) e Rock Hudson, nem que o falecido James Dean se visse obrigado a sair da "juventude transviada" para assumir na história de Edna Ferber o posto de "milionário do petróleo". A fita se desenvolve no Texas, tendo sido a intenção de Stevens traçar, num vasto painel, tôdas as fases do surto industrial daquele Estado, partindo para isso, entretanto, do interior dos personagens ligados àquela evolução.



QUANDO O ESPETÁCULO TERMINA

◆ Henry Fonda e Susan Strasberg têm os papéis principais — o de um produtor teatral e o da jovem que ambiciona o estrelato na Broadway — de *Quando o Espetáculo Termina*, em que figuram ainda a inglesa (e ótima) Joan Greenwood, o veterano Herbert Marshall e o novato Christopher Plummer. O filme conta a mesma história já interpretada, mais de vinte anos atrás, por Katharine Hepburn, sob o título de *Manhã de Glória*. O novo script, que se afasta em inúmeros incidentes da versão original, foi elaborado por Ruth e Augustus Goetz. E a direção coube a Sidney Lumet, jovem elemento da televisão que começou muito prometedora-mente em Hollywood, com *12 Homens e Uma Sentença*. E, ao lado de um ator como Henry Fonda, é essa a grande oportunidade de Susan Strasberg, vista antes em *Picnic* e *The Cobweb*.

(*Os Irmãos Karamazoff*), George Cukor (*A Fúria da Carne*) e Otto Preminger (*Bonjour Tristesse*). Além disso, pode-se observar que Sidney Lumet, de quem *Quando o Espetáculo Termina* é o segundo filme, estreou persuasivamente em Hollywood (com *12 Homens e Uma Sentença*). Philip Dunne e Douglas Sirk, apesar de competentes, não mostraram as mesmas qualidades de seus colegas — o que não elimina a possibilidade de *A Casa das Amarguras e Amar e Morrer* virem a ser a revelação definitiva de seu talento.

"WORLD PREMIÈRE"

O que é quase rotina em outros países — a "world-première", com refletores à porta do cinema, cordão de isolamento, gente famosa (ou que pensa que é) de *black tie*, gente de cinema também, e, depois de boa espera e bons empurrões, um filme que às vezes não é muito bom, mas isso não tem importância — essa "world-première" por aqui é novidade. E a novidade sempre interessa.

O filme para essa noite ainda não está definitivamente escolhido. A Motion Picture Association, que é a entidade competente para fazer tais decisões, não fica muito tempo em terra — o seu presidente Eric Johnston está quase sempre voando, o que parece ser, hoje, um dever de todo presidente (da República ou só da MPA). Mr. Johnston, por sinal, andou há pouco pelo Rio.

As possibilidades, todavia, são divididas por três filmes: *Home Before Dark* (WB), com Jean Simmons, Rhonda Fleming e Dan O'Herlihy, sob a direção de Mervyn LeRoy; *The Nun's Story* (WB), de Fred Zinnemann, com Audrey Hepburn, e *Cat on a Hot Tin Roof*, com Elizabeth Taylor e Paul Newman, na versão cinematográfica, dirigida por Richard Brooks, da peça famosa de Tennessee William's.

VARGA RESOLVE FALAR:

PORQUE COLOMBO NÃO FOI MISS "U"



A MARGEM DE UM CONCURSO DE BELEZA

ALBERTO VARGA é um paulista radicado há muitos anos nos Estados Unidos. O mundo todo o conhece, porque se tornou conhecido como criador das Varga's Girls, garotas que ele desenhava em seus calendários. Por muito tempo, foi colaborador da revista "Vogue", uma das primeiras publicações americanas, dirigida aos brasileiros. Para ser uma Varga's Girl havia uma infinidade de exigências. Mínimo de altura, de busto, cintura, peso e quadris. A moça escolhida teria de posar horas e horas, para o seu léxico, mas depois tinha a compensação de se tornar conhecida. E muitas vezes, obter um bom contrato para o cinema. Varga trabalhou também para os produtores de Hollywood. E sempre com a mesma

À margem de um concurso de beleza

finalidade: descobrir e desenhar mulheres bonitas. Quando foi iniciado o concurso de Miss Universo, em Long Beach, Varga foi convidado para participar do júri. E tem continuado a ser um dos seus membros, até hoje. É, portanto, o que se poderia dizer, um "expert", em matéria de plástica e beleza feminina.

E foi Alberto Varga, que explicou à REVISTA DA SEMANA, porque a nossa Adalgisa Colombo não foi Miss Universo:

— Soube que o Brasil todo está convencido de que Marta Rocha só não foi Miss Universo porque possuía duas polegadas a mais. Bom motivo publicitário, não resta dúvida, mas está longe de ser a verdade. O que fez Marta perder para a americana Miriam Stevenson foi a mania de querer imitar os gestos e o andar da Marilyn Monroe. Para ser uma Miss Universo, a moça deve ser natural, antes de mais nada. Ela tem que ser o que é, na realidade. Esta moça, que vocês mandaram êste ano, poderia ter sido mais

Para a Holanda deram um prêmio de consolação: "a mais fotogênica". Era uma a mais a tirar o lugar da americana, que sempre tem que ser finalista, mesmo que não mereça, como nesse ano.



A Miss Venezuela foi a última a chegar a Long Beach. Mas dessa vez não funcionou o adágio: os últimos serão os primeiros...



Miss Suécia conversa com um mestre-coza. Estava também certa de que o seu nome estaria incluído no cardápio das finais.



Miss Alemanha merecia melhor classificação. Poderia ter sido, no mínimo, a terceira classificada.

Miss Grécia foi sempre a preferida da imprensa americana. Causou grande surpresa não ter sido uma das cinco finalistas.



feliz. Mas deixou de ser Adalgisa Colombo, a Miss Brasil, para apresentar-se mais como Gisa, o modelo profissional. Adquirindo a personalidade dessa última, perdeu a naturalidade. Tôda modelo possui gestos estudados. São sempre demasiadamente sofisticadas. Essa foi a razão da diferença entre ela, e a espontânea Luz Marina Zuloaga.

Mas em um concurso de beleza, as coisas nunca acontecem como se deseja. Mesmo porque o primeiro pôsto só pode ser destinado a uma, unicamente. Porém, por outro lado, poderia haver mais justiça, em outros pontos. Exemplos: a representante dos Estados Unidos sempre consegue colocar-se entre as cinco finalistas. Mesmo que não mereça, como neste ano. Sômente em 1957, é que isso não aconteceu. E por quê? Únicamente porque a vencedora era casada, e foi desclassificada. Do contrário lá estaria, no duro.

Vamos analisar as coisas que aconteceram nesse 1958. Eurlyne Howell (EE.UU.), como dissemos, não merecia ter sido fanlista, mas foi. O mesmo pode-se falar de Geri Hoo (Havaí). E, enquanto isso, deixaram de lado a espetacular Marlies Behrens (Alemanha), cotada até para Miss "U", e Marily Callimopoulou (Grécia), considerada como uma das mais fabulosas concorrentes. A da Holanda também, Corine Rottschafer, foi jogada fora. E como era muito linda e possuía boa plástica, deram-lhe um prêmio de consolação: ganhou o troféu da "mais fotogênica".

Alberto Varga acusa a internacionalização do júri (antigamente era totalmente americano, e êle já se julga como tal), como responsável por muitos dêsses erros. E argumenta:

— Muitos dêsse juízes que vêm de fora, fazem dêsse julgamento, uma batalha internacional. Para si, o que interessa é dar à sua patrícia o maior número de pontos possível, mesmo que não mereça. Por outro lado, chegam a tornar-se injustos com as que possuem melhores qualidades, pois julgam estar beneficiando o seu país.

— Quer dizer que o sr. acha que são desonestos — pergunta o repórter.

— Não vamos usar essa expressão. É melhor julgar que são demasiadamente patrióticos...

'Mil' lhe oferece:

TRAVA PEDAL EMBREAGEM

CADEADO Direção

CHAVE SECRETA-BATERIA

Aparelhos de SEGURANÇA Contra Roubo Todos os carros

Só na Mil

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 31)

Nassim fechou a grande arca onde se guardavam também, peças do enxoval da esposa, garrafas com cordiais caseiros, roupinhas de recém-nascidos e pôs a chave no bolso do colête. Tomando Nabira nos braços, forçou-a a dançar uma louca sarabanda. Nabira ria, ria. Seu marido nunca estivera tão belo, saudável e alegre. Olhá-lo a enternecia. Ele irradiava felicidade. Como os invisíveis raios do sol e esquentavam, assim invisíveis raios de otimismo irradiavam-se de Nassim para ela, tornando-a exultante.

Ele declarou:

— Nossa festa da colheita desse ano, será a mais bonita e mais alegre das que já se fizeram por aqui, porque será a última. Preciso começar preparando o espírito de papai para a viagem. Só contaremos nossos planos a ele. A mais ninguém, porque senão, vão atormentar-nos, imaginando desgraças. Só mesmo na ocasião de vender a casa e viajar, a aldeia saberá da novidade. Tua mãe vai ficar triste, mas prometeremos voltar de vez em quando para rever a terra e os parentes, quando estivermos ricos. Quem sabe, numa das vezes levaremos "martame" para o Brasil?

Os libaneses e sírios muito raramente empregam a palavra sogra. Acham-na dura. As sogras são sempre chamadas "martame" pelas noras e genros. "Martame" significa tia.

Nabira, súbitamente comovida e ainda ofegante da dança violenta, enxugou os olhos com a barra da saia:

— Vou dizer para mamãe vender a casa e passar a vida com as meninas. Ora em casa de uma, ora na de outra. Assim sentirá menos a minha falta.

Nassim, percebendo sua tristeza, bateu palmas, fêz confusão, chamou os filhos para a sala. Pôs um deles nos ombros, apelidando-o Brasileiro. Rodopiava e ria.

Passaram o resto da tarde em alegre e doce intimidade, fazendo planos para a festa da colheita, a pitoresca e típica "jaura".

MATOU-SE UM BOI para a festança. Os vizinhos cantavam e dançavam, comentando a prodigalidade de Nassim. A mesa, sombreada pelas árvores, só faltava partir-se ao péso das bandejas de frutas frescas ou açucaradas, potes de coalhadas e grandes vazilhas com "tabuli". O "árake" corria, espalhando cheiro de aniz. Rodinhas se formavam em torno dos "arguiles" e os pitões iam passando de bôca em bôca. Uma bailadeira de onze anos, magrinha, porém graciosa, evoluía ao som de guizos amarrados aos tornozelos. A alegria era contagiante. Apenas o rosto triste do velho pai de Nassim destoava da hora feliz. As rugas de sua testa pareciam talhos de navalha. Suas mãos tremiam, quando alizavam a barba branca e seus olhos desmaiados pelos anos, lustravam-se de vez em quando, envernizados pelas lágrimas. Alguns estranharam a amargura do velho, naquela ocasião festiva, que era o arremate feliz de um ano de trabalho. Por que tal tristeza, se ele era um dos mais venturosos anciões da aldeia? Imaginavam-no caduco e doente, ignorando que pela manhã Nassim falara de seus planos irrevogáveis. O velho nem sequer tentara demovê-lo, porque o conhecia. Abaixara a cabeça, concordando em acompanhá-lo ao Brasil. Preferia desenraizar-se da terra, as raízes sangrando, do que separar-se dos netos e filho. Procurou a nora, rogando-lhe para demover o marido da idéia tremenda. Ela também foi irredutível. Agora, em meio a risos e cantos, sua alma sangrava. Via esboroar-se seu mundo pequeno, porém querido. Rogava ininterruptamente a Alá que fizesse alguma coisa para evitar aquilo que lhe aniquilaria o coração.

DE REPENTE, um grito angustioso ecoou. Novos gritos fizeram córo. O caos e a angústia substituíram a alegria. Nassim caíra morto como se um raio invisível o tivesse fulminado. A caneca de "árake" que segurara minutos antes, entornara na roupa escura. Todos ficaram aparvalhados. Ninguém entendia nada. Não queriam compreender que aquele homem forte como um touro e alegre como um pássaro, tivera um coração de vidro.

O velho torcia as mãos, considerando-se culpado daquela desgraça. Alá atendera cruelmente o seu rôgo.

Nabira ficou rija e muda. Suas mãos de unhas rentes, cravam-se na madeira da mesa. Sentia-se, tôda ela, cheia de um grande, um incomensurável vazio...

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150,00



Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. **DÁ FÔRÇA e SAUDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA**

LEIAM

EU SEI TUDO
TODOS OS MESES

CR\$ 15,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



OS CASAIS Guilherme da Silveira Filho e Jorge Dória celebraram em sabatina animada, no Fred's, mais um aniversário da moça Ângela Silveira e mais um sucesso de Décio Estêves para o time do Bangu. A brotolândia ocupava sua própria mesa, discretamente vigiada pelo rabo de olho de papá Jorge, e as champanhotas correram ao entrar da madrugada. A nota mais divertida desta expedição noturna foi dada pela indiscrição do professor Bey, quando declarou que a maior preocupação de um namoradinho da mesa.jovem era o espectro da bomba nas provas de fim de ano.

E POR FALAR em Fred's e em bomba: que frequência marota, seu Frederico! Nunca vi tanto tipo exquisito e tanta mulher miquelina numa só pista de dança! Se o tal Iate Clube de Jurujuba entrar nessa linha justa, vamos ter concorrência séria ao Iate Clube de Ramos. E um bom conselho ao "Sacha's dos pobres": racionem o bolero, pelo amor de Deus! Musicalmente, há momentos que vocês lembram área interna de apartamento, quando Don Gregorio Barrios era o doce de côco das domésticas do Rio.

FOI DEPOIS de um jantar, quase ceia, no Bistro, que Mariazinha surpreendeu a grande aventura. O casal — novinho em folha — deixara o Scotch, entrara num carro estacionado nas imediações e fornecia a mamadeira da meia noite a uma coisinha linda e rosada. Terminada a mamadeira, colocaram o baby num cêsto, depositaram o berço improvisado no chão do carro, trancaram a viatura e voltaram ao Scotch. São os Moisés da moderna Copacabana, navegando solitários em águas de scotch and soda...

A PRISÃO do vigarista que aliviou meia sociedade, sob os falsos nomes de dr. Porchat em Montenegro Filho, veio provar que os grandes culpados da maroteira ainda somos nós, escribas bisbilhoteiros e indiscretos que devassamos a vida social. O homenzinho morava na estrada Rio-Petrópolis, em Meriti, mas, apesar disso, pacientemente, pela simples leitura diária de todos os cronistas, levantara hábitos e personalidade de meio mundo. Quando escolhia uma vítima, era capaz de recitar sua biografia.

DÁ PENA ver o nome austero e ilustre de Percival Farquhar envolto num crime tão ordinário como êste dramático "menage à trois" da rua Viveiros de Castro. Pioneiro na indústria e pioneiro também na vida social (foi um dos fundadores do Country), o velho Percival jamais pensou que teria o seu nome, em cabeçalhos, nas manchetes policiais. Ah, êsses juniors...

APROVEITANDO a referência ao Country, que andou sendo tema de uma reportagem, diremos que faltou na dita cuja uma referência especial ao velho Coimbra, cabeça da Santa Inquisição e terror de todo cavalheiro que se apresenta ao vestibular no clube de Ipanema. É o rei da jabuticaba e tem uma pontaria que não falha. Suas bolas pretas já derrubaram muito figurão de carreira pouco católica...

A MANIA do testa-de-ferro vai ganhando terreno também na política. Olhem só o Galdeano no Espírito Santo, disputando o Senado sob o pseudônimo de Amaral e camuflado numa suplência que lhe deve ter custado bom dinheiro...

DEBUTANDO na política mineira, concorrerá a uma cadeira na Assembléia Estadual o jovem Israel Pinheiro Filho. Previdentemente, Israel Pinheiro, o pai, diligenciou a fim de que o diretório pessedista de Pará de Minas abrisse mão de qualquer candidatura regional, sustentando o nome do herdeiro. É a linha sucessória dos Pinheiro que se prolonga na vida política de Minas.

JÁ ERA TEMPO do Itamarati, preparar e distribuir um memo confidencial aos diplomatas e delegados que comparecem a congressos e reuniões no Rio de Janeiro, orientando as cigarras internacionais sobre como proceder na vida boêmia da cidade. A última Conferência Interparlamentar foi pródiga em episódios desagradáveis — gente séria e de responsabilidade metida no Bolero e Novo México — culminando com os sucessos de um deputado turco na Lapa, onde uma mulata sabida o assaltou completamente. Uma edição do "Rio Confidencial" evitaria incidentes desta natureza. Aliás, no casarão da rua Larga não faltam experts habilitados a dissertar sobre o assunto, com reconhecida autoridade...

CIDADÃO KANE movimentou uma platéia diferente e elegante em sua primeira vespéral. Após o "one man show" de Welles, trocavam animadas impressões os casais João Saavedra, Maneco Muller e Alberto Proença de Faria. Êste último deve ter achado a reprise um pouco cansativa, pois nos últimos dez minutos de fita passou a chutar nervosamente o espaldar da poltrona dianteira...

NA MESMA SESSÃO foi notada, comentada e apreciada a água de colônia que o cronista Gilberto Trompowsky deixava em sua esteira. É uma virtude do nosso querido G. de A.: de manhã ou de tarde, ao meio dia ou meia noite, sempre impecável, muito bem pôsto e muito bem passado, com aquêle seu vinco de calças não-enruga, que deve ser patente própria ou segredo de família.

DUAS PROPOSTAS serão brevemente encaminhadas, na surdina, pelos canais mais discretamente competentes, sugerindo ao governo que o Catete seja vendido após o êxodo oficial para Brasília. Um dos interessados é um consórcio imobiliário carioca: o outro um milionário snob de São Paulo.

NESTA ÉPOCA de juventudes transviadas, lambretas, quebra-quebra e imberbes consumidores de maconha, apareceu em São Paulo uma "Juventudê Monárquica", chefiada pelo estudante Roberto Piva. A brava falange precisa obter, o quanto antes, a adesão dêste líder da jeunesse dorée carioca que é o barão José Sequeira...



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PANORAMA

PARA O PLANO INTERNACIONAL deslocou-se o interesse político brasileiro, representando dupla satisfação para o atual Governo, pois aliviou o debate de problemas internos e colocou o país no nível dos países ouvidos e cheirados na situação do mundo presente.

A agitação nas relações exteriores chegou ao ponto de ter sido anunciada como expedida uma carta do Presidente Juscelino Kubitschek ao Presidente Eisenhower, em resposta à missiva que este lhe mandou pelo Secretário John Foster Dulles, mas a carta não fôra enviada. Por sinal que se não atinava, ao mesmo tempo, com o verdadeiro sentido e oportunidade dessa carta, pois seria uma resposta de JK à resposta de Eisenhower à epístola que aquele lhe mandou...

Tudo por causa da Operação Pan-Americana, lançada num momento de inspiração que custou a chancelaria ao sr. J. C. Macedo Soares, afastado para deixar passar o carro triunfal de JK. Mantendo acesa correspondência com os chefes de Governo do Hemisfério, o Presidente e o chanceler brasileiros pretendem que a idéia da OPA não sucumba ao peso da inércia responsável pelo sepultamento de tantas sugestões semelhantes nos arquivos da diplomacia.

DEZ GOVERNOS ADERIRAM. Mas uma semana depois de entregues as notas-memorando aos Embaixadores dos países americanos no Rio e expedidas por via aérea, o Ministro Negrão de Lima não achava conveniente divulgar os nomes das nações aderentes. Os pronunciamentos eram "em princípio". Havia penumbroso receio da atitude colombiana, por temer o Presidente Alberto Lleras Camargo (ex-secretário geral da OEA) que a OPA se quisesse fazer à margem da Organização dos Estados Americanos. O Governo brasileiro tem-se esforçado por desfazer a impressão contrária à OEA, porém a primeira sensação ainda perdura.

RUMO A EUROPA E ASIA. Este parece ser, agora, o caminho do Governo brasileiro, em suas peregrinações internacionais. Bem que poderia passar um pouquinho pela África, para saber, de fato, como vão as plantações de café de qualidade nas terras altas, financiadas com recursos norte-americanos, e se vão destroçar, de vez, o mercado brasileiro. Mas o rumo é de alta política. Daí os entendimentos havidos com o Embaixador francês no Rio de Janeiro, a idéia de uma Operação Brasil-Europa e outra Operação, Brasil-Ásia...

A nossa diplomacia, do Ita e do Catete, está a caminho da descoberta da pedra filosofal, do remédio atualíssimo contra o comunismo: a luta contra o subdesenvolvimento. Já se insinua, nos lugares mais conspícuos, que do Brasil bem pode partir uma nova doutrina, uma reformulação da política do ocidente, em termos positivos e não somente militares. Os que pensavam que o Governo brasileiro estava com as vistas postas apenas em Brasília como solução para o desaparecimento de todos os seus imensos vazios percebem, agora, que não. Nessa marcha, ainda neste quinquênio, o Brasil disputará aos Estados Unidos e à Rússia a liderança mundial. Quem diria que de Diamantina partisse tanta força...

A OPOSIÇÃO TENTA ESCARAMUÇAS. Faz advertências ao Governo para que cuide mais de casa (bastante desarrumada) e deixe aos outros o cuidado com as respectivas casas. JK não precisa de ficar travestido de Nehru do Ocidente ou de Nasser da América para levar adiante Brasília. Alvitres lhe são feitos em tal sentido, mas JK está empolgado com a idéia da liderança e não ouve conselhos prudentes. Avizinham-se as eleições de outubro, o dólar sobe a uma cotação jamais alcançada antes (graças a um dos muitos ludibrios de Alkmim), o café cai vertiginosamente e o Governo embarca no foguete da Conquista da Terra. Lá em cima, o satélite russo com a cachorra. E, aqui, em baixo, os operadores brasileiros também com a cachorra...

FIGURAS, FATOS E FUNÇÕES

◆ As companhias aéreas estão aumentando os vôos para Belo Horizonte. Não há mais avião que chegue para os convidados e candidatos a empregos no Rio de Janeiro. Diz-se que JK tem gavetas cheias de nomes distribuídos geograficamente através da bela toponímia mineira. Quando, se vaga um lugar, abre a gaveta; o primeiro que sair é o premiado.

◆ Lucas Lopes manobrou tão bem, na visita a São Paulo, que Jânio Quadros já se solidarizou com JK. Por causa da foto que não houve, mas que houve tanto que o "Jornal do Brasil" andou circulando pelas páginas da "Time" com a reprodução do instantâneo JK-Dulles (o qual provocou em JK a maior cólera de sua carreira).

◆ Em conversa no Rio, John Foster Dulles disse que os brasileiros falam mais no Mercado Comum Europeu do que os próprios europeus.

◆ O falecimento do almirante Alves Câmara deu ensejo ao primeiro passo para a composição do atual Governo com a Oposição. O almirante Matoso Maia foi contra o II de Novembro. Já é um princípio da reforma no sentido da UDN. Vacinando-se contra a reforma, o sr. João Goulart declarou que esta só se o sr. Juscelino Kubitschek a desejar...

◆ O almirante Lúcio Meira esteve cogitado, no primeiro momento, para substituir o almirante falecido, — como se verifica sempre que há necessidade de um nome altamente credenciado para um posto no Governo. Logo em seguida, como aconteceu com a Prefeitura do Distrito Federal, os meios oficiais acharam melhor que esse

QUEM ESTÁ NO TRAPÉZIO

... é o café (produto) que continua a produzir menos dólares e, na queda, promete arrastar boa gente e grande comparsaria...



Sá Freire Alvim.

técnico permanecesse no Ministério da Viação.

◆ O embaixador Negrão de Lima aborda sem jeito a possibilidade de presidir a delegação brasileira à Assembléia Geral da ONU, marcada para 15 de setembro. Daí para a eleição de outubro e suas consequências, o tempo é curto.

◆ Aliás, o Gabinete do prefeito Sá Freire Alvim é praticamente o mesmo, após a ida do sr. Negrão de Lima para o Ita. Só o Secretário do Prefeito (chefe do Gabinete, na hierarquia da PDF), deixou de ser o sr. Reinaldo Reis (ativa participação na reforma ministerial) e passou a ser o sr. Alvaro Americano (assistente do Prefeito Negrão).

◆ O escritor Romeu de Avellar (que não tem medo de lobisomem e de "cabra" mal assombrado) vai ser candidato a deputado federal por Alagoas. Está explicando aos seus conterrâneos que não falará na Câmara apenas sobre Calabar e outros bichos. Ensinará a dançar o "Tranquiado do Jacu"...

◆ E enquanto os idealistas da Campanha de Educandários Gratuitos querem, agora, que os prefeitos plantem árvores em todo o mês de setembro (não só no dia 21, como se faz simbolicamente, onde isso acontece), a Árvore da Fraternidade Nacional, plantada por esses mesmos prefeitos, no Passeio Público (Rio de Janeiro) está secando e morrendo.

◆ E para terminar (antes que a tristeza nos contamine): Bertrand Russel explicou que dificilmente seria convidado a uma conferência de desarmamento. "Ambos os lados suspeitam que eu estou a favor do outro". Por isso mesmo, os brigões de um lado e outro deveriam ter assistido às lutas do Campeonato Interamericano de Judô,

no Maracanzinho. Verdadeira aula de limpeza, de modéstia e de respeito pela personalidade humana. Quem perde, não reclama. E o juiz, para decidir, deixava a assistência em tamanho "suspense", que era como se fôsse consultar previamente o Protocolo dos Sábios do Sião...

DEBAIXO DOS REFLETORES

A evolução dos acontecimentos políticos na Bahia (indicação do sr. Pedreira de Freitas, nome quase desconhecido, para a sucessão do sr. Antônio Balbino, por manobras dêste) colocou debaixo dos refletores a figura do senador Juracy Magalhães.

O sr. Tarsilo Vieira de Melo revoltou-se, como seria de esperar, em face da atitude do governador, que, a todo custo, não o quer ver no Aclamação. Entrou em guerra contra o sr. Balbino e ameaça, até, o governo federal, com entrevista e discursos, em que traça acusações a torto e a direito, alvejando, inclusive, o Vice-Presidente João Goulart. O sr. Rômulo de Almeida, também, se considera traído e deve adotar posição própria no esquema da sucessão, em que se julgava franco favorito pela união do PTB baiano, a tal ponto que recusou o Ministério do Trabalho, pela possibilidade da candidatura ao governo.

De sua parte, o sr. Juracy Magalhães ainda está em condições de capitalizar esses descontentamentos ou de tirar proveito de suas resultantes. Já se compôs com o sr. Otávio Mangabeira. A UDN baiana está unida em torno do presidente (licenciado) da UDN nacional. O senador Juracy conta com esse importante fator, com uma parte do PTB, outra do PR, o PL e o grande lastro político que mantém na Bahia.

O sr. Juracy Magalhães caminha, portanto, para uma candidatura realmente vigorosa, a mais robusta que concorrerá às eleições de 3 de outubro no grande Estado.



Juracy Magalhães.



Negrão de Lima.

◆ Mas, no dia seguinte, JK dava entrevista coletiva e lá estava muito bem e compostamente sentado em sua mesa no Catete.

◆ Afonso Arinos protestou contra censura da Mesa da Câmara a um seu discurso. Disse e repetiu que JK não tem compostura.

◆ Candidato a deputado federal, o sr. Lídio Lunardi segue o caminho natural dos Presidentes da Confederação Nacional da Indústria (Euvaldo Lodi e Arruda Viana). O presidente da Confederação Nacional do Comércio, já o é: sr. Brasília Machado Neto.

◆ Um diplomata, no Itamarati, perguntava como seria a sede do Ministério das Relações Exteriores em Brasília? Teria aquela majestade, conseguiria aquele mesmo efeito do lago da rua Larga? As palmeiras (haveria palmeiras?) cresceriam como aquelas?

◆ A Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a corrupção Eleitoral já está fazendo concorrência à sua equivalente para o Turismo. Entrou a viajar pelo Brasil. Mas aqui, mesmo, no Rio de Janeiro, há muito gato escondido do rabo de fora.

◆ Tendo perdido, até o momento, a luta pela recuperação do rádio, a Oposição desloca-se em caminhão pelas ruas do Rio. Afonso Arinos fez esforço para subir no caminhão, mas Lacerda está inteiramente à vontade. É uma estação de rádio ambulante.

◆ O sr. Jurandir Pires Ferreira nomeou três pessoas diferentes para a mesma função no IBGE. Algumas estão lá, mesmo. Outras, no estrangeiro.

◆ Tem-se como certa a eleição do sr. Waldir Simões (ex-presidente do IAPM) para deputado pelo Distrito Federal.



A BOEMIA PERDE NO MESMO ANO DOIS CRONISTAS MUNDANOS PARA O CASAMENTO — IBRAHIM CASOU-SE COM UMA «MISS ELEGANTE» E CHUCK APAIXONOU-SE POR UMA MODELO: A PROFISSÃO TROUXE O AMOR — GLORINHA E MARIZA PODEM FICAR DESCANÇADAS: O ASSUNTO DOS MARIDOS SÒZINHOS DE MADRUGADA É DISPUTAR NOTAS EM PRIMEIRA MÃO.

O COLUNISTA, A MODÉLO E O AMOR



DECIDIDAMENTE, neste ano de 1958, Cupido aconteceu muito socialmente. Flechou nada menos que os dois mais destacados cronistas mundanos. Ibrahim Sued casou-se há poucos meses na Capela da Reitoria da Universidade do Brasil com a elegante Glorinha Drummond. Agora chegou a vez do nosso colunista Chuck Woodward, casando-se na Matriz do Sagrado Coração de Jesus, com a bonita Mariza Reynaud.

As vésperas do casamento conversamos com Mariza e Chuck no Hotel Serrador. Desde que ficou noiva, Mariza foi residir naquele hotel. "É mais central", explica ela. "Tenho tantas compras a fazer. Depois, acho poético residir no mesmo prédio em que conheci

Reportagem de **JOSÉ CARLOS GOMES**

O COLUNISTA, A MODELO E O AMOR



Charles". Mariza chama nosso colunista por seu nome verdadeiro, dizendo que o apelido profissional de seu noivo já é de propriedade pública...

O encontro dos dois foi causado pela ida de um elenco de Carlos Machado ao Uruguai. Não desejando utilizar suas vedetas em Punta del Este exclusivamente para desfilar as bonitas fantasias de Gisela, Machado contratou quatro modelos profissionais para este fim. Uma delas era Mariza. Na volta, nenhuma das modelos queria continuar a trabalhar no teatro, mas o contrato mínimo de uma artista nacional é de quatro meses. Como a temporada no Uruguai havia durado apenas um mês, as moças ficaram no elenco o restante do contrato.

No dia em que o elenco voltava de Punta del Este, Chuck estava no aeroporto por coincidência. O advogado do produtor, Tarso de Abreu, pediu-lhe para trazer Mariza para a cidade. "Vocês foram apresentados durante um ensaio antes da ida do espetáculo". Mariza e Chuck não trocaram uma palavra no carro. "Charles me pareceu bastante convencido e antipático", diz Mariza sorrindo.

Algum tempo depois, Chuck perguntou a Carlos Machado quem era uma moça bonita que aparecia no final do espetáculo do "Night and Day" no topo da escada. "É Mariza Reynaud. Não te lembrás que a trouxeste do Galeão?"

Chuck quis dar uma nota sobre ela. Não sabendo exatamente o que dizer, escreveu que ela era bonita e que em breve seria uma excelente artista.

"Eu não gostei da nota", diz Mariza. "Não queria ser artista nem especialmente notada em cena. Alguns dias depois eu estava no "Sacha's" com um amigo que também conhecia a Charles, e quando ele veio à mesa disse-lhe francamente que não havia gostado".

A conclusão da noite foi que Chuck convidou Mariza para dançar e dançaram tanto que o tal amigo comum acabou indo embora. Mariza contou que no dia seguinte tinha que ir com o elenco a São Paulo por ocasião do Grande Prêmio. Chuck — convidado pelo produtor — foi no mesmo avião. Quando chegaram a Congonhas já estavam de braços dados. No Rio o namôro foi ficando sério e Chuck pediu a Machado a rescisão do contrato de Mariza.

Livre do trabalho noturno, Mariza pôde visitar freqüentemente a residência dos pais do colunista, e nos fins-de-semana ou iam à casa da família de Mariza, em Petrópolis, ou iam para Teresópolis em companhia de um parente.

Quando resolveram casar-se, Chuck mandou um telegrama ao sr. Paulo Bittencourt, em Paris, perguntando quando poderia vir ao Rio ser padrinho do casamento. A resposta veio: "Chego no dia 24 de agosto". Foi uma correria: faltavam poucas semanas apenas. A data para a cerimônia mudou várias vezes até ser definitivamente marcada para o dia 26 de agosto.

Quando Ibrahim Sued noticiou o casamento foi um autêntico "furo" para a maior parte das pessoas. Aliás, irônicamente, fôra Chuck que, meses antes, havia dado o "furo" do casamento de Ibrahim.

Perguntamos a Mariza se ela se sentia uma "Cinderela". "Sim e não. Sim, do ponto de vista de qualquer moça que vai casar-se com o homem que é tudo aquilo que ela desejava. Do ponto de vista material, o fato dêle ser praticamente uma personalidade pública é sem dúvida agradável, mas um detalhe secundário..."

Os planos futuros são simples: vão residir no apartamento do colunista em Copacabana e pretendem ter nada menos que 15 filhos: "Sou positivamente Católica Apostólica Romana no tocante a crianças", diz Mariza. "Quero tantos filhos quantos Deus nos der". O casal admite a possibilidade de ir residir em Teresópolis futuramente, quando a estrada nova e direta estiver pronta. "Vindo ao Rio duas ou três vezes por semana e contando com as atuais fontes de informação e assistentes que possuo, não seria problemático manter minhas colunas", explica Chuck.

Mariza afirma que o casamento não irá mudar a vida profissional do colunista. "Ele poderá sair à vontade à noite. Prefiro até não acompanhá-lo, pois não gosto muito de "boîtes". Quando nós já estávamos noivos ele saía sozinho e no dia seguinte contava o que havia feito: ficava conversando com Ibrahim, também sozinho, numa casa noturna qualquer".

Pelo que vemos, Glorinha e Mariza podem ter confiança completa nos maridos: o assunto dêles fora de casa à noite é disputar notas em primeira mão... "mano a mano"

— Por que é que você não vai desenhar, enquanto mamãe lê?
Rosinha gostou da sugestão. E foi para a mesa de trabalho da escritora, munida de lápis de côr e papéis. Mas quando Lúcia Benedetti já se sentia tranqüilizada, mergulhada na leitura, a garôta estava de volta:

— Que tal, mamãe? Está bem?

E exibiu o desenho que acabara de fazer. Paciente, a escritora pôs de lado o livro e elogiou o trabalho. Mas, prevendo que a filha voltaria dali a pouco, com novo desenho, usou de um expediente:

— Olhe aqui. Vamos fazer um trato. Você, agora, vai fazer vinte desenhos. Mas só depois dos vinte feitos é que virá para receber a nota. Está bem?

A garôta concordou; e voltou para o seu lugar, onde ficou, muito compenetrada, a fazer a tarefa. A mãe suspirou, aliviada. Teria sossêgo durante algum tempo.

O silêncio desceu na sala, apenas cortado pelo ruído que fazia o lápis de côr sôbre o papel. De repente, um arrastar de cadeiras. E a filha sai correndo em direção à mãe:

— Acabei, mamãe! Pronto! Pronto!

A mãe se volta, surpreendida. Impossível que em poucos minutos a menina tivesse conseguido fazer vinte desenhos. Segurou o papel e olhou. Havia, ali, apenas, seis garatujas — pretendentes vagas a animais. A parte restante a menina a enchera de pingüinhos.

— Muito bem. Já acabou, não foi? Então me diga o que é isso aqui.

— É um cavalo.

A mãe balançou a cabeça, concordando. Não discutiria de modo algum.

— Isto eu já sei: é uma cobra. Mas êsse outro, aqui... o que é?

— Um elefante, mamãe! Então a senhora não está vendo a tromba?

E assim, um a um, a garôta traduzia para a mãe os rabiscos. Terminada a explicação, Lúcia Benedetti comentou:

— Muito bem, Rosinha. Seus desenhos estão muito bonitos, muito expressivos. Mas eu falei em vinte, e vejo, aqui, apenas seis. E os outros, onde estão? Os catorze que faltam?

A menina não pareceu embaraçada:

— Estão aqui em baixo, mamãe!

E apontava os pontinhos que enchiam a parte inferior do papel:

— Eu andei espalhando uns micróbios por aí...

O AÇUCAREIRO

Nataniel Dantas trabalha na biblioteca da A.B.I. em frente ao Café Vermelhinho. Diariamente desce ao café, para tomar o seu lanche. Mas, acabada a pequena refeição, deixa-se ficar à sua mesa, refugiado nos próprios pensamentos, olhando, sem ver, o mundo que o rodeia. O tempo passa, mas Nataniel está ausente, esquecido de que o seu trabalho na biblioteca o espera. Fica ali sentado, imaginando enredos para seus contos, indiferente ao mundo.

Depois sai, como um autômato, sempre mergulhado em suas reflexões. As vêzes até se esquece de pagar. Mas os garçons já o conhecem e não o perturbam. Sabem que no dia seguinte êle próprio virá, pedindo desculpas, saldar a dívida.

Mas um dia foi rompida a convivência. Nataniel saiu do Vermelhinho com o seu ar de sonâmbulo, em transe. Compunha, em pensamento, um bellissimo poema sôbre algas, ninfas e anêmonas. Já estava na calçada quando ouviu chamados. Olhou para os lados, vagamente. E ia continuar o caminho quando a voz, mais forte, o despertou de vez:

— Seu Nataniel! Seu Nataniel!

Parou. Alguém o chamava, insistentemente, de dentro do café. Ficou à espera. Viu o garção aproximar-se, apressado, e parar diante dêle:

— Seu Nataniel... o senhor me desculpe... Não me leve a mal...

Nataniel olhava-o, sem compreender. O garção estava embaraçado:

— Eu espero que o senhor não se aborreça... mas acontece...

— Mas o que é que há? Eu não paguei a despesa?

— Pagou, seu Nataniel. Hoje o senhor pagou... Mas acontece que o senhor vai levando o nosso açucareiro...

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 respostas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



1 — O verdadeiro nome do escritor Marques Rebêlo é:

- Marques Pôrto?
- Edy Dias da Cruz?
- José Maria Marques Rebêlo?

2 — O primeiro papa da Igreja Católica foi:

- São Pedro?
- São Paulo?
- São Limus I?

3 — A famosa Pago-Pago, nos mares do Sul do Pacífico, é a capital de:

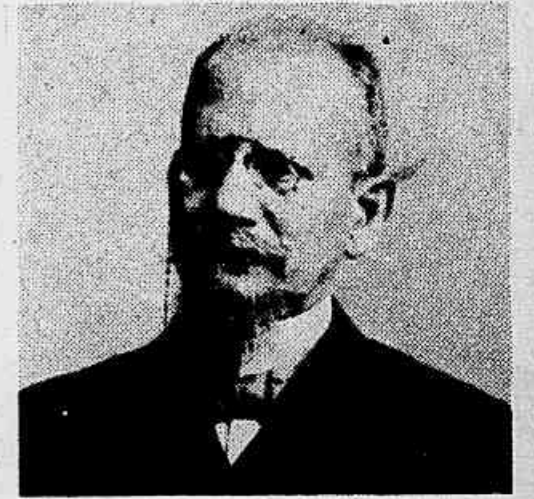
- Samoa?
- Havai?
- Ilha Baker?

4 — Frelma significa:

- Impaciência?
- Cantar de cigarra?
- Perfídia?

5 — Com a morte do dr. Rodrigues Alves, assumiu a presidência do Brasil, em novembro de 1918:

- Antônio Carlos?
- Nilo Peçanha?
- Delfim Moreira?



6 — Jackson de Figueiredo nasceu a 9-10-1891 em:

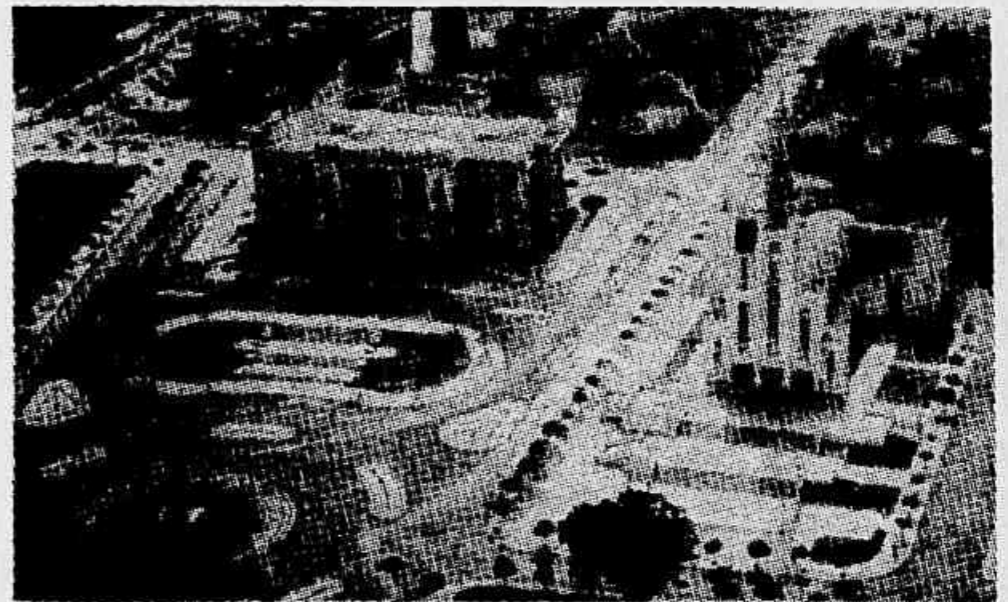
- Sergipe?
- Rio de Janeiro?
- Minas Gerais?

7 — Felix Pacheco foi:

- Ministro das Relações Exteriores?
- Jornalista?
- Poeta?

8 — Dinah Silveira de Queiroz, romancista e cronista, nasceu em:

- Sergipe?
- Ceará?
- São Paulo?



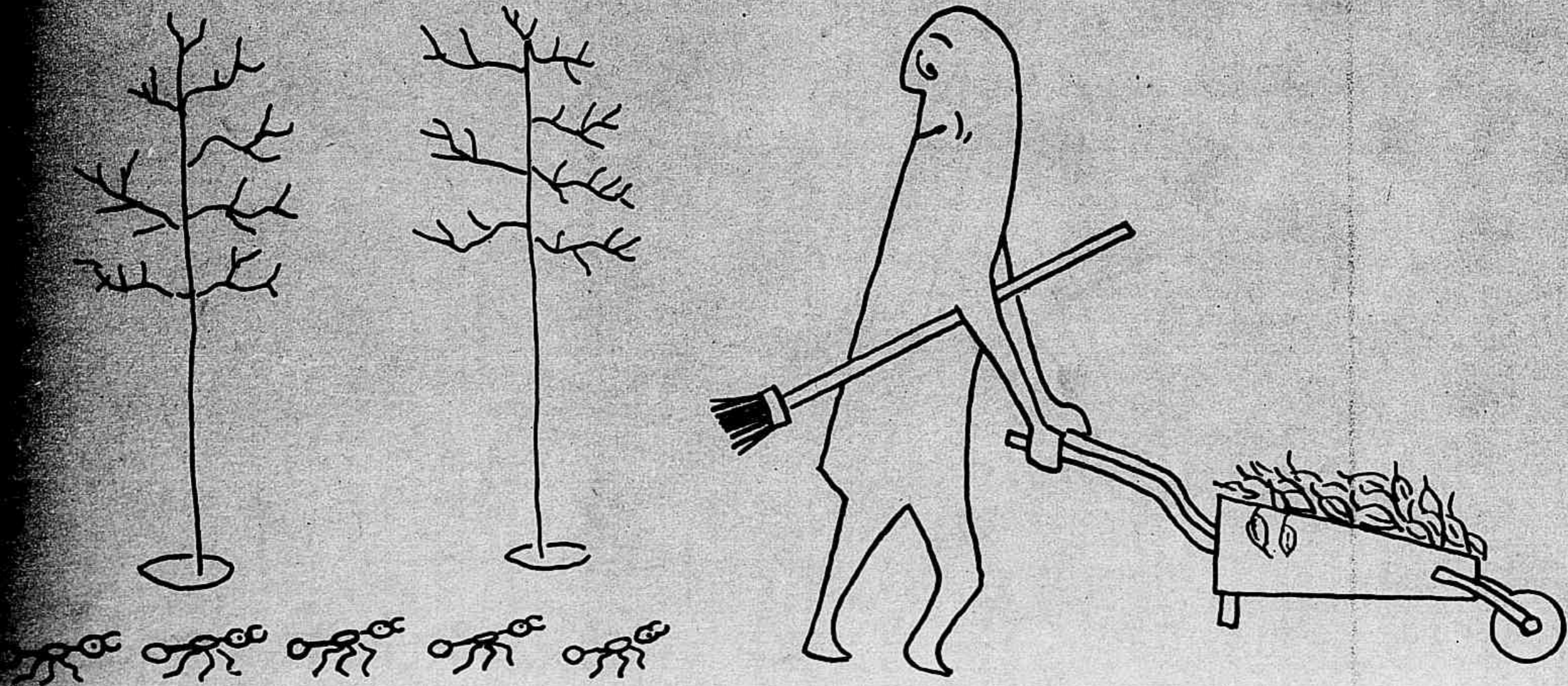
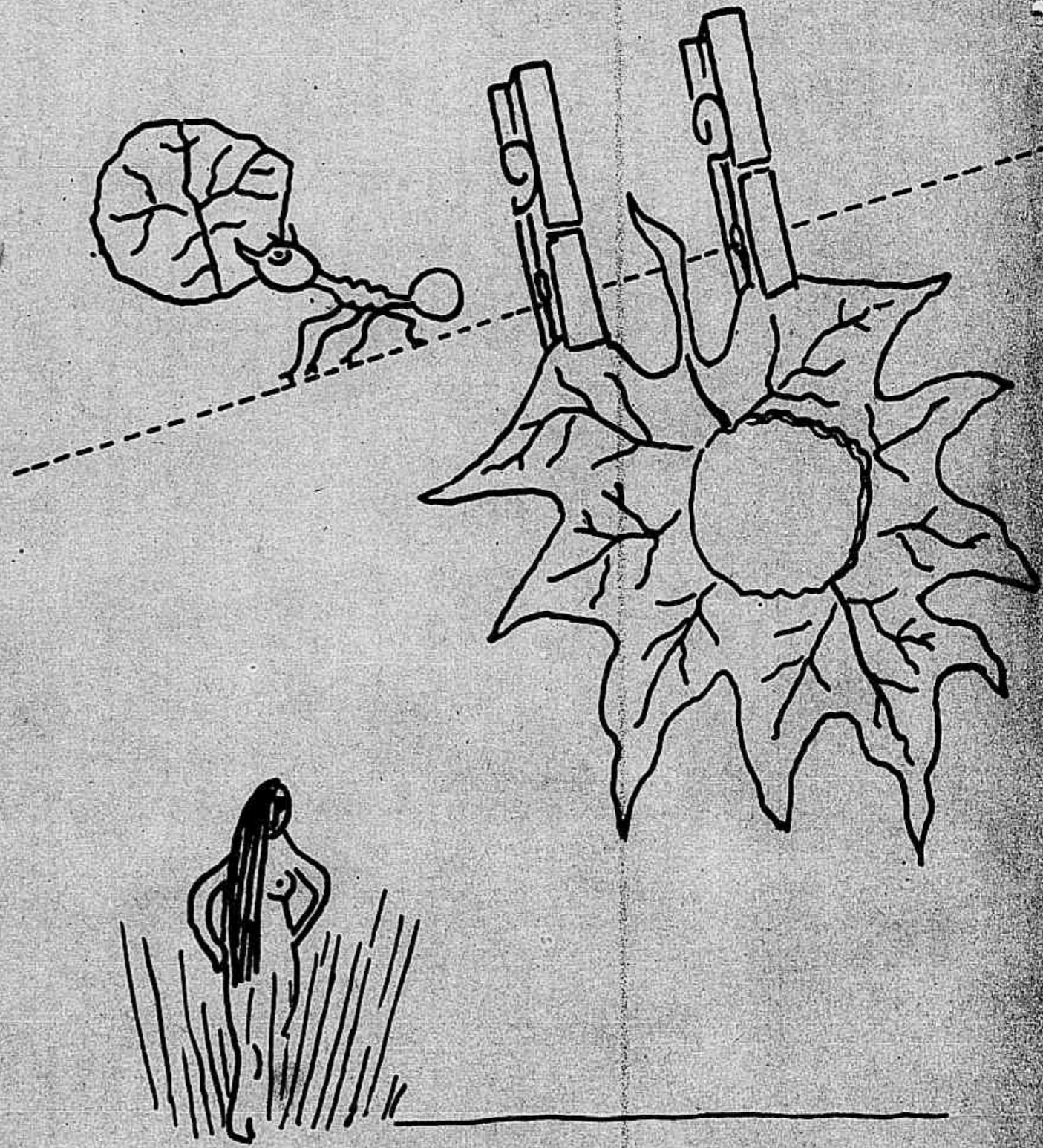
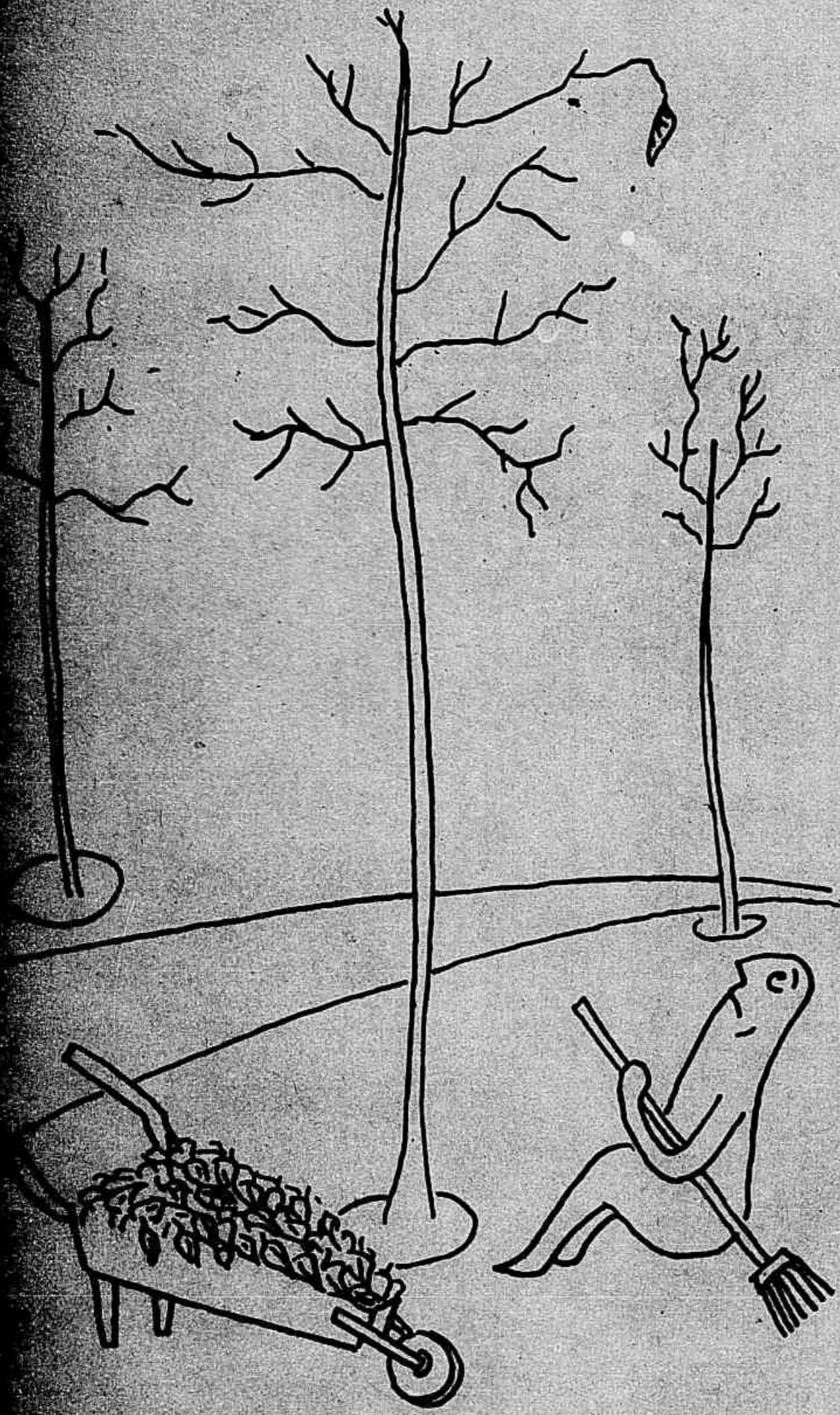
9 — Lourenço Marques (foto) é a capital da importante província portuguesa de além-mar:

- Angola?
- Lourenço Marques?
- Moçambique?

RESPOSTAS: 1) — Edy Dias da Cruz; 2) São Pedro; 3) Samoa; 4) Impaciência; 5) Delfim Moreira, que ficou no governo, interinamente, até 28 de julho de 1919; 6) Sergipe; 7) Todos os três; 8) São Paulo; 9) Moçambique.

FÓLHAS

ZENON



SAO 9.30 DA NOITE e a família está reunida em torno da televisão. E logo após os anúncios intermináveis, o locutor apresenta o novo programa: entrevista. O tema da moda é o problema da "juventude transviada". E começam a desfilar os "dita regras". Em poucos minutos tudo está resolvido. Pelo menos é a impressão dos que os ouvem. "O problema da delinquência juvenil pode ser resolvido desta forma" — argumenta um deles. "Fizessem o que eu digo, e tudo estaria solucionado" — esbraveja um outro.

Com demagogia é que eles querem salvar a juventude. Como fala ingenuidade esta gente! Culpam a juventude de todos os descabros da nação. A polícia promove batidas sistemáticas aos locais preferidos pelos rapazes e moças de "blue jeans". E qualquer pessoa que possua lambreta, é logo agarrada e fichada. Isso, no início da campanha. Porque agora, o casal encontrado em local pouco afastado do centro, por mais bem comportado que esteja, é logo molestado.

Dizia o Padre Vieira que "palavras sem exemplos são tiros sem balas". Que se pode esperar de uma mocidade que se mira no espelho da corrupção dos homens públicos de hoje? Vejam os processos nas comissões de Justiça da Câmara dos Deputados. Observem o número de parlamentares que deveriam ser condenados por crimes de morte, cheques sem fundo, e até mesmo por estupro de menores. Os militares que são apontados como recebedores de propinas nas comissões de compra. Os policiais donos de prostíbulos. E que os jornais denunciam publicamente e as autoridades fecham os olhos. Vejam os contrabandistas de colête. Seus nomes são conhecidos por todos. Mas ninguém nunca ouviu falar que tenham sido punidos. Muito ao contrário. Chegam ao descaramento de alugar imóveis a ministros, e a se candidatarem a deputados para gozar das imunidades.

E são estes homens que manobram o país. Que fazem as leis, que arrotam honestidade (quando deviam estar atrás das grades), que são responsáveis pela segurança de uma sociedade. Que idoneidade moral têm eles, portanto, quando são mais policiáveis do que policiais. Mais cafagestes do que parlamentares. Mais subordináveis do que soldados da Pátria.

Procura-se resolver o problema da juventude transviada, com polícia. Quando eles próprios sabem não ser esta a trilha certa.

Que o problema é de educação. Educação da família, dos pais, chegar aos filhos. Mais isso leva tempo. Não rende manchetes nos jornais. Não oferece oportunidade de bancar herói na televisão. Não dá prestígio imediato. Não compra eleitores em véspera de eleições. Por isso não serve.

Uma das nossas revistas publicou uma reportagem feita no presídio de Ilha Grande. E o repórter constatou que 75% dos "fora da lei", vieram das "escolas" do famigerado SAM (Serviço de Assistência (?) a Menores — este o pomposo nome). Número alarmante, não resta dúvida. Mas que não espanta a mais ninguém, porque todos imaginavam que era assim mesmo. O menor que fôr recolhido a este SAM, está irremediavelmente perdido. E quando a idade o transferir para os presídios, aí então a ninguém o recuperará mais.

Este problema é muito velho. Mas até hoje não foi resolvido, apesar das promessas feitas, sempre que existe outra revolta, uma nova Anchieta. E jamais será solucionado, porque sempre falta tempo, representa TRABALHO E EDUCAÇÃO. Então, o verdadeiro traidor dessas "escolas de crime", os curadores de menores, a polícia, os responsáveis pelo problema enfim, acham mais fácil apresentar uma desculpa. Cínica, velha, mentirosa, mas que muitos ainda acreditam: falta de verbas. Com esta palavra mágica, chutam a responsabilidade para outros, pensam esconder a incompetência administrativa e funcional.

A REVISTA DA SEMANA inicia, neste número, uma série de reportagens sobre o complicado problema. Não publicando as fotos e histórias dos "Promessinhas", "Buck Jones" e outros infelizes de igual espécie. Infelizes, porque muitos foram levados ao crime por falta de uma orientação, por culpa das próprias autoridades. Vamos mergulhar no problema. Seus males, suas razões, suas consequências. Tentaremos provar que tudo parte da formação da família. Da educação dos pais, da preparação para o matrimônio. E vocês irão conhecer, nesta primeira reportagem, a obra de um padre, criada há muitos anos, e que somente agora aparece nas colunas de uma revista ou jornal. Porque trabalho se faz, sem alardes, honestamente. Com paliativos não se recupera a juventude transviada. Não é dor de barriga que se cura com um paregórico.



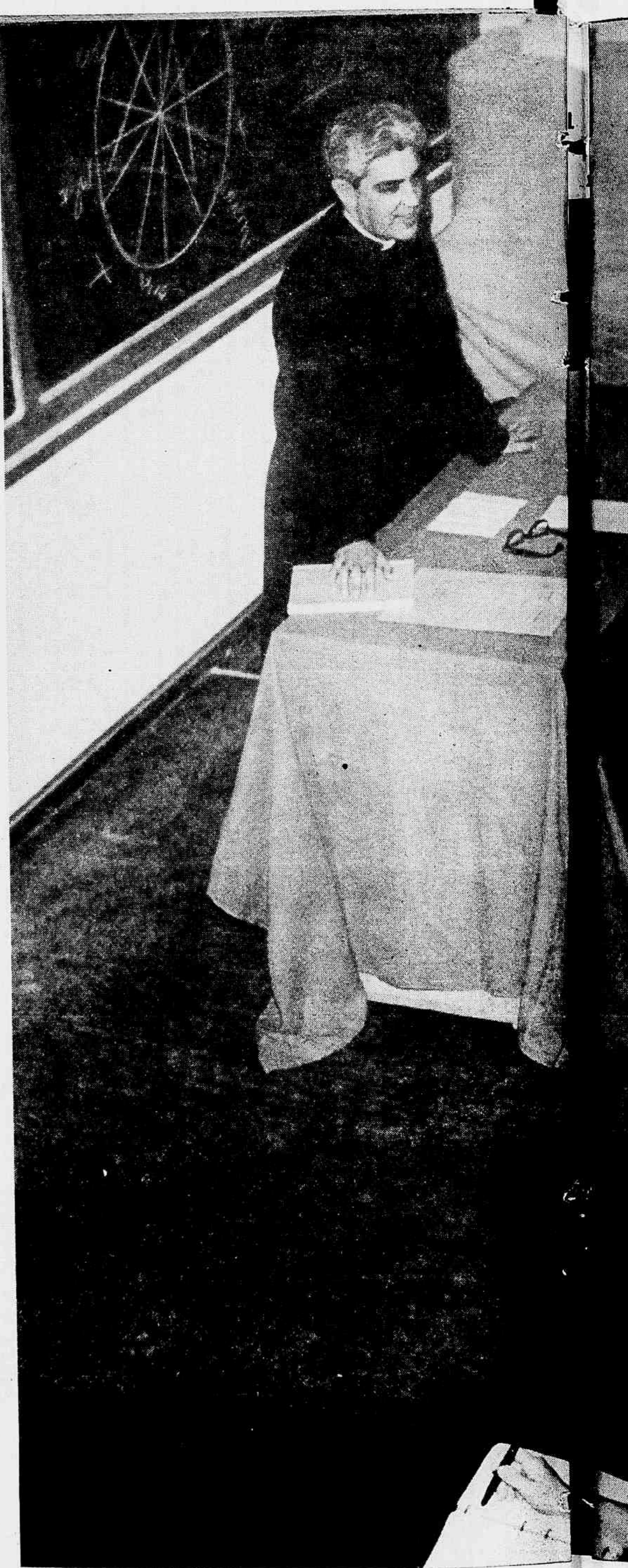
LAREIRA

EXEMPLO

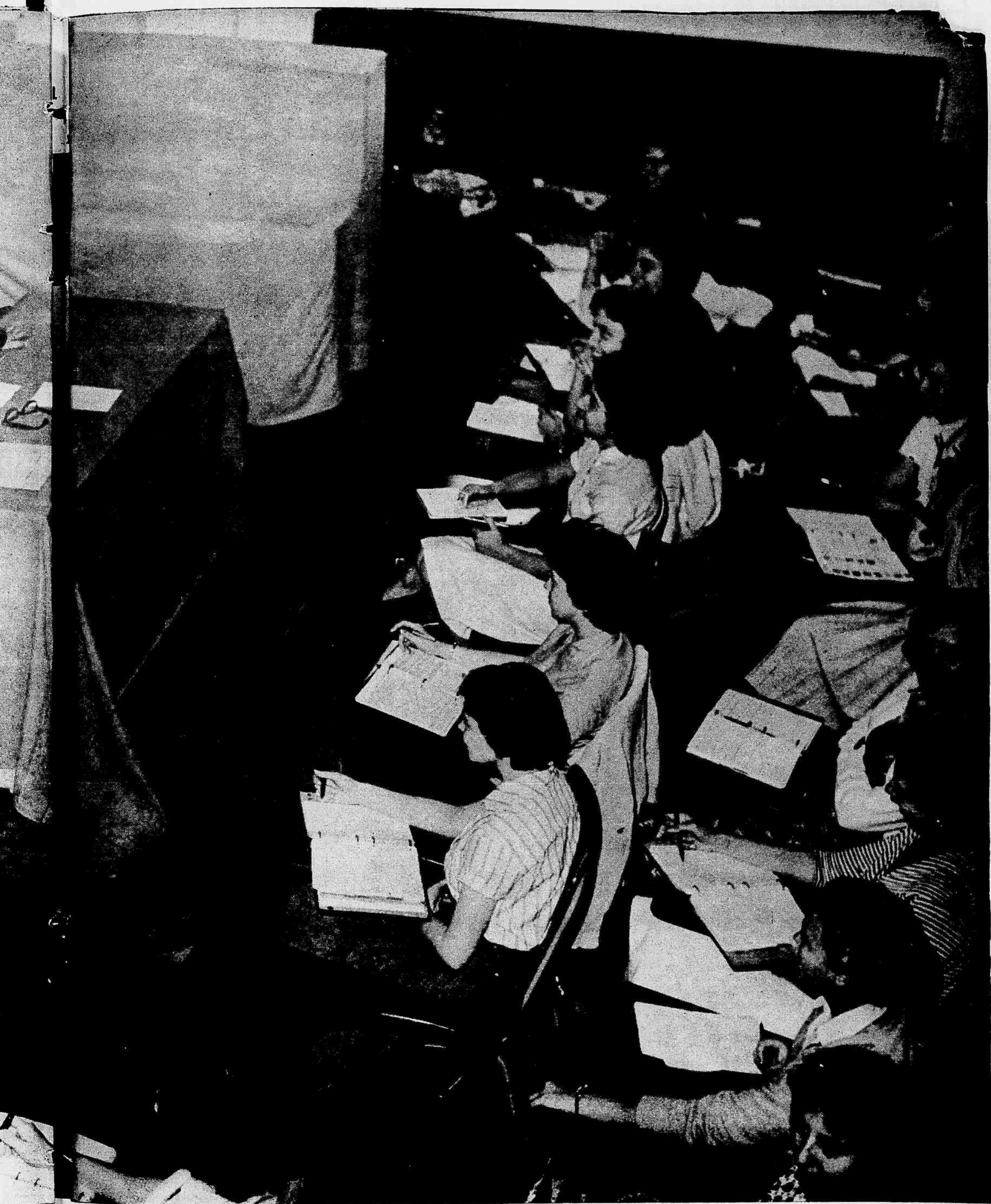
ISOLADO

HÉLIO POLITO

HA DOZE ANOS PASSADOS, um padre, nascido no interior de São Paulo, resolveu fundar na Capital do seu Estado uma Instituição que olhasse pelos problemas do lar. Pregava êle que "uma nação sem família é uma pátria que agoniza". E, com essa bandeira, iniciou a luta pelo fortalecimento dos conceitos de lar e família. Assim nasceu a LAREIRA, a 27 de novembro de 1946. Fundada sem discursos, sem coquetéis, sem espalhafatos pelos jornais. "No primeiro mês, mal sabíamos como iríamos pagar o aluguel do prédio" — diz o Pe. Benedito Mário Calasans, idealizador da obra. "Mas a necessidade de uma instituição como essa era superior a qualquer outra coisa. Assim, arregaçamos as mangas, e começamos a trabalhar, ajudados por pessoas dedicadas. Hoje, inteiramente vitoriosa, a LAREIRA deixou de apresentar "deficits". Mas também não chega a oferecer lucros. Porque todo o dinheiro disponível é destinado a mais uma realização".

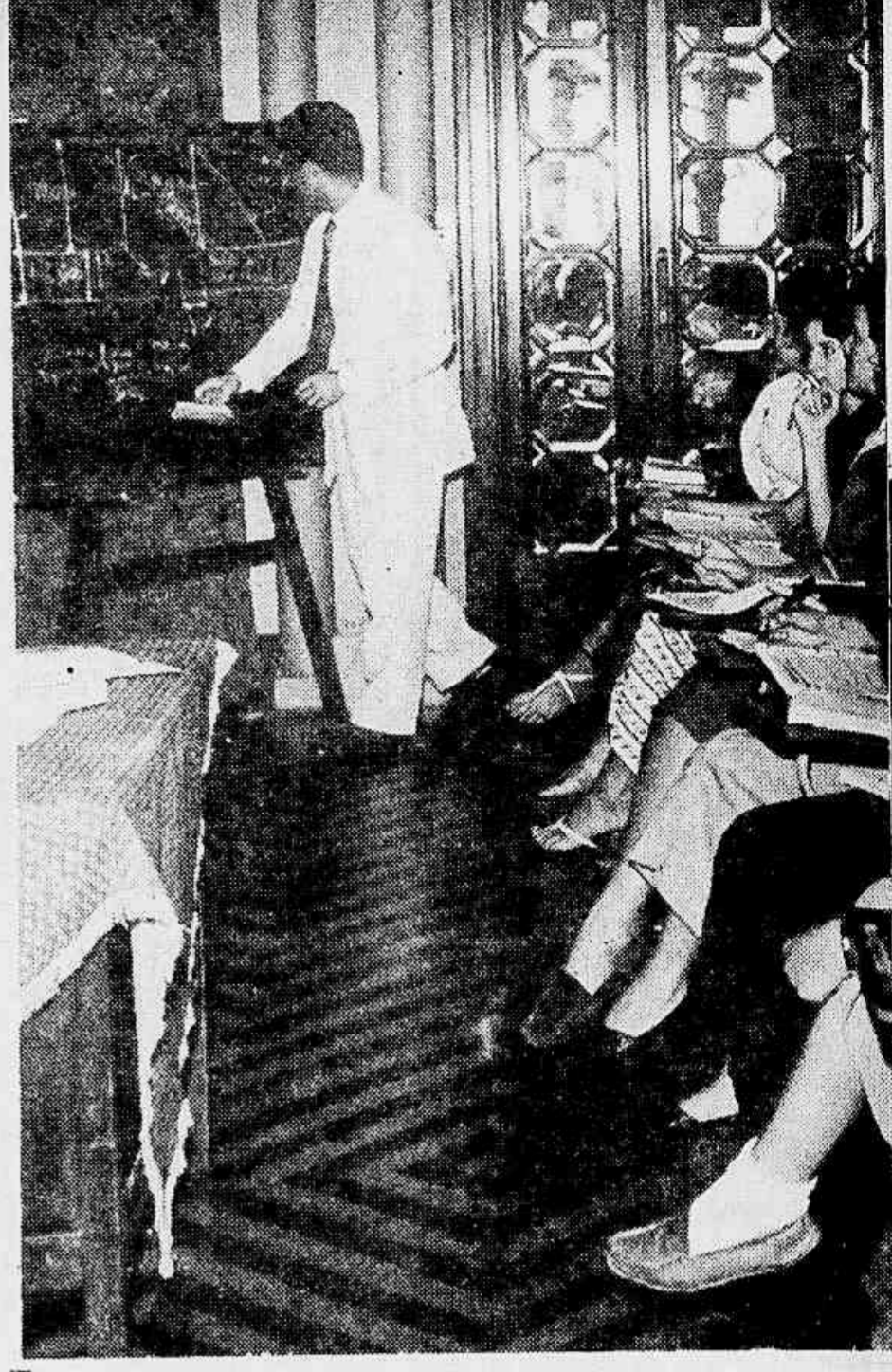


A obra do padre Calasans precisa ser ampliada. Os poderes pú



es pú

blicos deviam ajudar a construção da nova sede da LAREIRA, tornando possível educar maior número de jovens.



Existem aulas destinadas a casais. Homens e mulheres demonstram o mesmo interesse.

Bem orientadas, as jovens podem enfrentar

“Quando o homem erra é como se a parede da casa trinca”

O primeiro curso a funcionar foi o de “Formação Familiar para Moças”. Nêle, as jovens aprendem (em um ano), a Teologia e Liturgia do Matrimônio, Direito de Família, Psicologia Educacional, Pedagogia Familiar, Higiene Mental, Fisiologia e Higiene, Puericultura, Nutrição, Enfermagem do Lar, Boas Maneiras, Economia Doméstica, Decoração do Lar, Corte e Costura, Arte Culinária, Círculo de Debates e Atualidades (discussão de assuntos de grande importância para a humanidade). Tudo objetivamente encarado, sob a orientação de mestres e monitores, inteiramente dedicados a esse mister. Quando a moça recebe o certificado, está preparada para enfrentar com armas poderosas, as exigências do mundo atual.

Um humorista paulista, anos passados, referindo-se à fundação da LAREIRA, comentou: “De agora por diante uma moça, para casar-se, tem que possuir um diploma de uma instituição singular”.

Mas a LAREIRA não é uma instituição destinada unicamente à formação de moças abonadas e com pretensões matrimoniais. Ela mantém ainda cursos de “Formação Familiar para Moças que Trabalham”, “Formação Familiar para Rapazes”, “Artesanato Doméstico” (Decoração do Lar, Artes Aplicadas, Encadernação, Corte e Costura, Cerâmica, Pintura sobre Porcelana, Arte Culinária), “Cursos Avulsos” (Preparação para o Natal, para a Páscoa, Cultura Religiosa, Problemas de Educação), “Curso Básico”, “Extensão Cultural” e mais recentemente, o de “Administração”.

A idéia desse último curso (Administração), nasceu de um estudo feito pelo Pe. Calasans a respeito do ensino em São Paulo. Anualmente formam-se, na paulicéia, 10 000 normalistas, para 1 200 vagas. Essas 8 800 moças que sobram, vão tentar emprego no comércio. Mas não é com facilidade que conseguem, pois lhes faltam conhecimentos para a função. Assim, esse curso vem suprir a deficiência do ensino oficial, com grandes vantagens.

Tudo isso que falamos serve para mostrar o que faz essa Instituição, em prol da família. Porque tratando dos problemas de todos os seus membros, consegue fortalecer-lhes o espírito, torná-los mais capacitados a enfrentar a luta pela vida. Daí parte toda a questão. Preparando cuidadosamente a mulher, e também o homem, para o matrimônio, eles estão garantindo um futuro melhor, tanto para o casal, como para os filhos. E uma criança bem

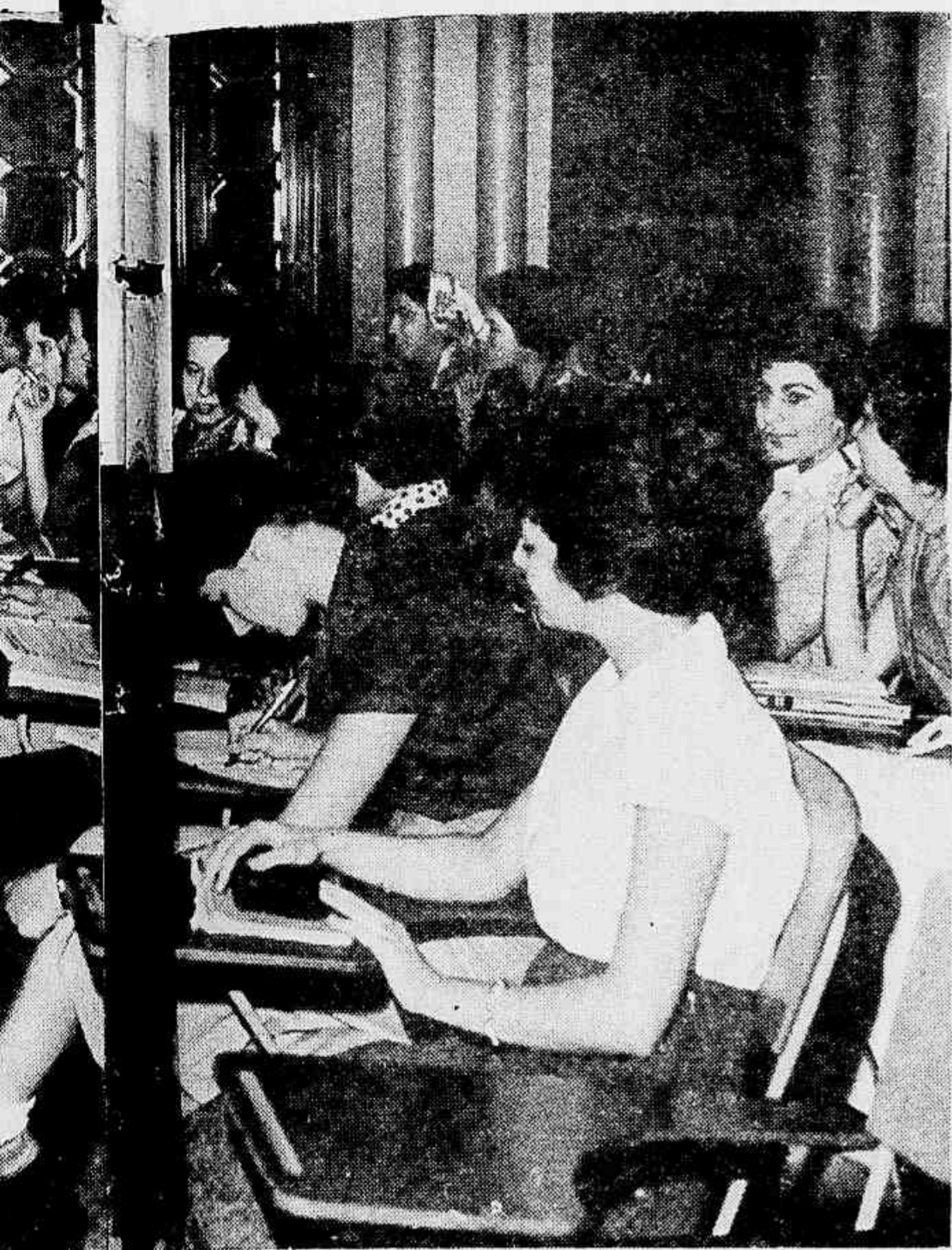
cuidada será um jovem são, um elemento útil à sociedade. Sem perigos de delinqüência, de qualquer espécie.

Perto de 1 000 moças já concluíram o Curso de Formação Familiar. E durante os doze anos de criação, somente duas dessas jovens que receberam o certificado tentaram o desquite. E assim mesmo procuraram a LAREIRA para uma melhor orientação dos seus problemas. Afirma o Pe. Calasans que a mulher tem, no matrimônio, de certa forma, a maior responsabilidade para a felicidade do lar: “Quando o homem erra, é como se a parede da casa trincasse. Quando o erro é da mulher, a casa cai”.

A idéia de pôr o nome dessa Instituição de LAREIRA, é por que, em torno das lareiras é que geralmente se reúne toda a família, no inverno. Serve assim como o símbolo de reunião familiar. Mas muitos julgam que o nome vem do fato da casa que ocupa, possuir sete lindas lareiras...

Pe. Calasans está absolutamente convencido, como todos de bom-senso, que o problema da “juventude transviada” somente desaparece com a melhor educação e orientação do casal que vai contrair matrimônio. Por que deles, que irão ser os futuros pais, é que depende diretamente a sorte dos filhos. E não se venha dizer que a felicidade da família, está em função, unicamente, da situação financeira do casal. Ou que igualmente disso depende também a perfeita orientação da prole. Bons exemplos, conselhos sábios não custam dinheiro.

Infelizmente a LAREIRA só existe em São Paulo. A chama que poderia ajudar a construir BEM, o Brasil de amanhã, só brilha na paulicéia. E assim mesmo, limitada a um pequeno grupo, porque as suas instalações, as suas possibilidades econômicas, não permitem fazer mais. Os governos nada ajudam financeiramente. Mais fácil criar-lhes dificuldades para acabar de vez com a iniciativa do Pe. Calasans, que lhes prova a incapacidade de realizar qualquer coisa de bom, de sadio, de construtivo. As chamadas autoridades não acreditam na profundidade do que Pe. Vieira afirmou, e que repetimos uma vez mais: “Palavras sem exemplos são tiros sem balas”. Para eles, melhor caçar a juventude com cassetetes e metralhadoras, acuando-os, sem que sejam feras, criando, dentro deles, um ódio pela sociedade, não fazendo distinção, entre os bons e os maus.



o matrimônio. Aprendem tudo sobre o lar.

O curso destinado a moças que trabalham é igualmente bem frequentado.

casas. Quando o erro é da mulher, a casa cai"

A arte culinária é uma das matérias do "Curso de Formação Familiar". A mulher deve saber cozinhar (bem), costurar e decorar o lar.





"Uma Nação
sem família
é
uma Pátria
que agoniza"

A biblioteca é sempre bem freqüentada. Existe interesse permanente.

Depois das aulas, os casais reúnem-se como em casa, para o debate dos vários temas.

A moça de sala preta veio da França. A ou-





Funcionam cursos gratuitos de corte e costura, além de alfabetização para adultos. Todos com professoras especializadas.

ou- tra de Stambul. Entusiastas da LAREIRA. O Pe. Calasans é deputado estadual e candidato a senador. Um BOM candidato.



COCK-TAIL AO GÊNIO



RENARD PEREZ

A ENTRADA NA SALA É PITORESCA. Os convidados passeiam o olhar em tórno, e antes de cumprimentar o anfitrião — autor da obra que seria filmada — procuram identificar a Glória: o cineasta famoso pela sua arte revolucionária, que projetara no mundo o novo cinema italiano, com sua técnica audaciosa e seus temas transcendentais. E que ainda ocupava manchetes por sua vida privada, por ter envolvido três celebridades — uma latina, uma nórdica, uma hindu — em rumorosos casos de amor.

Os críticos o olham com admiração: "O homem que criou o neo-realismo!" "Ele fez "Roma, Cidade-Aberta"!" As mulheres, fascinadas: "Ele conquistou Ingrid!" E tentam aproximar-se, procurando o contato daquela glória.

Rossellini — uma legenda — é agora carne e osso. Existe, está ali, pode-se cumprimentá-lo, tocar naquelas mãos que acariciaram mulheres famosas. E o anfitrião exhibe a sua raridade, e os "flashes" explodem sobre as apresentações. A prata de casa — artistas de teatro, de cinema — se posta estrategicamente ao lado do cineasta, visando uma fotografia, aproveitando sobras da glória internacional. Pode-se ter até a sorte de sair-se a seu lado nos jornais, o que é uma maneira de subir um pouco, de associar-se àquela grandeza.

As mulheres avançam, para ver, de perto, a figura excepcional. Deve ser excepcional, deve ela possuir algo que as fotografias não conseguem apreender. Uma sedução, um fluido que domina vontades e agita sensibilidades. Avançam, abaladas por uma febre — algo que as revolve e as inquieta. E se detêm diante da figura comum — um senhor distinto, bem barbeado, um endomingado dono de armazém.

E se decepcionam: então, aquele sessentão gordo e calvo é o grande Rossellini? De modo algum a figura vulgar corresponde à aura que ele transporta — aquela força magnética e diabólica. E analisavam-lhe a face gorda, procurando descobrir o que tinha ele de mais. Não viam o fascínio, pensavam nos lares desfeitos — e se intrigavam.

Uma cronista exclamou, sãbiamente:

— Ele deve ter algum atrativo... Algo que não se vê à primeira vista...

Uma atriz faz um gesto, indicando a frente:

— Deve ser aqui.

E uma cantora, sutil:

— Você acha que é aí?

Talvez seja. Afinal, aquele é o grande Rossellini, que realizou "Paisá" e "Alemanha, Ano Zero", o homem discutido internacionalmente por católicos, por comunistas. Seu fascínio é interior, seu trunfo é a inteligência — e é preciso ouvi-lo para captar-lhe a genialidade.

Descoberto o caminho onde encontrar a Verdade, os convidados o cercam. Agora, diante do despejar de perguntas, o homem parece um bicho acuado:

— Como define o "neo-realismo"?

— Por motivos estéticos, quais dos seus filmes prefere?

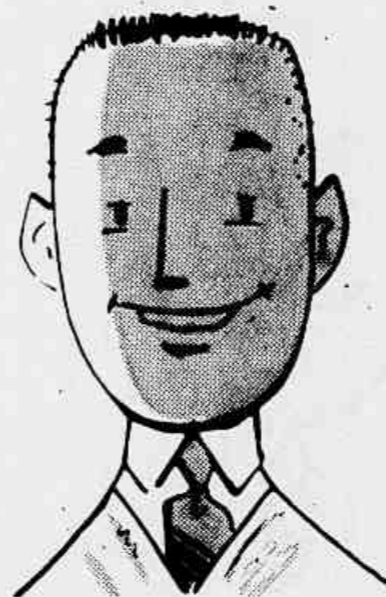
— Que acha do "sex-appeal" no cinema?

— Por que se decidiu a filmar a "Geografia da Fome"?

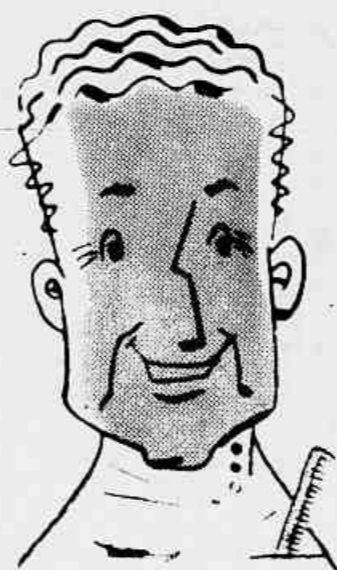
As perguntas são lançadas — espera-se a resposta do Gênio. Talvez ele diga algo de profundo, de lapidar. E Rossellini olha para um, para outro, perplexo, pede com os olhos a proteção do dono da casa. Mas o dono da casa nada pode fazer — também ele vive o seu grande momento.

E o cineasta responde, como pode, àquela enxurrada. Não tem predileção especial por nenhum dos filmes que realizou, o "sex-appeal" é um problema de que não cogita, não se considera mestre de Fellini, apenas um amigo... As frases saem comuns, apenas numa língua diferente. E como aquelas respostas não são bem as esperadas, aumenta a decepção. É verdade que se trocou uma frase com Rossellini, e isso pode ser explorado mais tarde, mas, no momento, o homem desceu muito de seu pedestal. A curiosidade foi aplacada e, convencidos de que ele é humano, vão deixando-o em paz. Acaba-se por formar rodas em tórno de outras celebridades. Cerca-se uma jovem estrêla americana, até então ignorada, e que vai trabalhar num filme francês, rodado no Brasil. A prata nacional, há pouco completamente desvalorizada, readquire o seu prestígio. E a conversar com o mestre ficam apenas um casal de jornalistas e o jovem crítico de cinema. Há mesmo um momento em que o casal e o crítico discutem entre si em português e o homem se vê só, os braços cruzados, a olhá-los com expressão embrutecida — pobre vestígio do que foi há duas horas atrás.

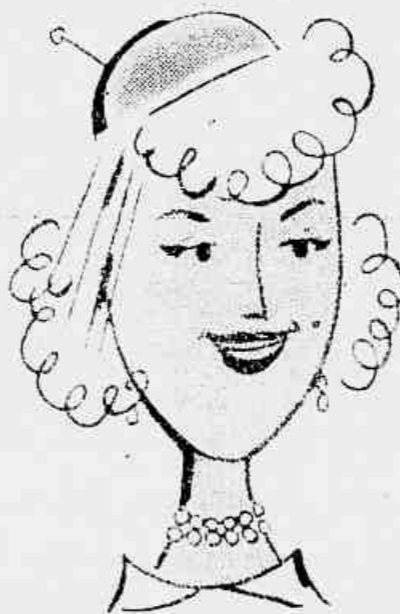
O reinado chegou ao fim — a sala começa a esvaziar-se — e o grande cineasta fica ali, mais um no pequeno grupo, equiparado aos demais, completamente vulgar.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RADIO
SÃO PAULO

PRH7
RADIO
PANAMERICANA

PRB9
RADIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

Uma pequena lição

EU SEI TUDO



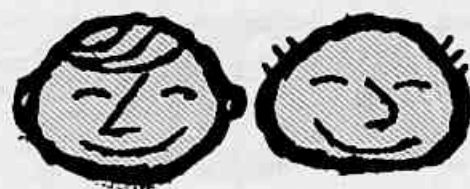
TU SABES TUDO



ÊLE SABE TUDO



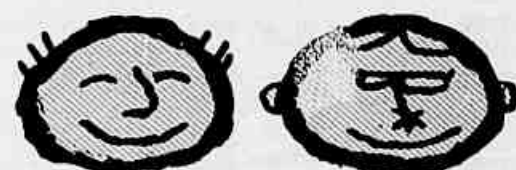
NÓS SABEMOS TUDO



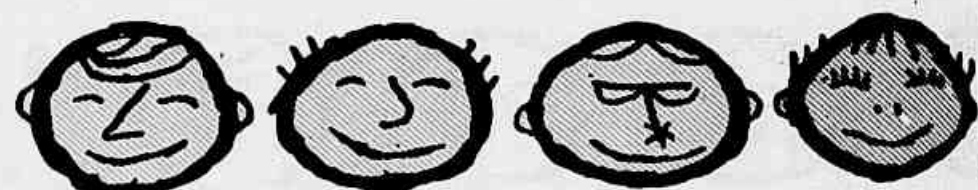
VÓS SABEIS TUDO



ÊLES SABEM TUDO



TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO